

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/Unirio**

CAROLINA BEZERRA DE SOUZA

**REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS: AS ESQUERDAS
BRASILEIRAS NAS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES
(1967-1974)**

Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucia Grinberg

Co-orientador: Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas

Rio de janeiro

2013

CAROLINA BEZERRA DE SOUZA

**REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS: AS ESQUERDAS BRASILEIRAS
NAS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES (1967-1974)**

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Lucia Grinberg (Unirio) – Orientadora

Prof. Dr. Pedro Spinola Caldas (Unirio) – Co-orientador

Prof.^a Dr.^a Denise Rollemberg Cruz (UFF)

Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta (UFMG)

Agradecimentos

Achei que fosse ser a parte mais fácil de toda a pesquisa, mas sem dúvida as dificuldades para transformar meus agradecimentos em palavras são muitas, ainda mais quando acompanhada do medo de deixar pessoas importantes de fora. Entretanto, mesmo difícil é a fase mais prazerosa, tanto porque é a hora de mostrar minha gratidão a pessoas que foram queridas ao longo desses dois anos quanto saber que cheguei ao fim de um dos ciclos de maior crescimento da minha vida, foram dois anos de intensos aprendizados profissionais e pessoais.

Agradeço à Capes a concessão da bolsa em parte da dissertação, o que contribuiu para uma melhor dedicação à pesquisa. Do mesmo modo, agradeço aos funcionários e a coordenação do PPGH da Unirio que foram sempre muito agradáveis e prestativos sempre que necessário.

Agradeço aos amigos de mestrado que fiz ao longo desses dois anos, em especial, Mariana Aguiar, Lara Jogaib, Elisabeth Vasconcelos, Tanize Costa, Tatiana Amaral, Jefferson Alves e Arthur Malheiro, que com a alegria de sempre fizeram minhas tardes de aulas na Unirio serem muito mais prazerosas e divertidas, assim como minhas agonias ao longo da pesquisa sempre poderem ser compartilhadas e terminarem em risadas.

Aos meus amigos uffianos, Fernanda Correa, Marcela, Talita, Vitor Garcia e Clarissa Mainardi, amizades estendidas para além da graduação que acompanharam as mudanças pelas quais passei, assim como os anseios e as alegrias desses “longos” dois anos.

Agradeço aos demais amigos, que mesmo longe dessa vida acadêmica, acompanharam meus “estresses” e compreenderam minhas ausências.

Um agradecimento mais que especial eu devo ao meu amigo Pedro, a partir de anseios meus partilhados com ele, me foi mostrado um lado de Nelson Rodrigues que eu conhecia muito pouco, praticamente desconhecia. As *Confissões* de Nelson me foram apresentadas e surgiram como um grande achado para a minha pesquisa, resultando nesse trabalho. Agradeço ainda as constantes revisões feitas da pesquisa, assim como as discussões acerca do nosso querido Nelson.

À Denise Rollemberg, minha orientadora de graduação, que com sua doçura e dedicação sempre acompanhou meu trabalho, sendo uma grande incentivadora do tema.

Obrigada pelo carinho, pelas conversas e pela atenção dada sempre que lhe solicitei. Meus sinceros agradecimentos e admiração.

Agradeço aos meus orientadores, em primeiro lugar, Lucia Grinberg, que me acompanha desde o início da pesquisa. Até hoje me lembro da minha primeira aula com ela, ainda na graduação, foi quando descobri que a História, com suas diferentes visões historiográficas era muito melhor que aquela história contada nos meus tempos de escola, que já me fascinava. Foi Lúcia Grinberg que me mostrou o que era uma pesquisa em meus primeiros períodos de graduação e, hoje, após um feliz reencontro, pôde acompanhar o meu trabalho, sempre com tamanha dedicação, paciência e atenção, contribuindo muito para o meu amadurecimento profissional, principalmente ao me mostrar novos enfoques.

Com o mesmo carinho, agradeço a Pedro Caldas, que desde a qualificação contribuiu em muito para a minha dissertação. Suas sugestões foram muito bem vindas. Obrigada pela dedicação e pelo envolvimento com o tema desde o início, me apontando novas leituras e sempre disposto ao diálogo, levando ao crescimento da pesquisa.

Em especial, à minha família, minha base, minha alegria, meus amores. Agradeço por terem se esforçado para proporcionarem minha dedicação aos estudos, por terem me ensinado a querer e lutar sempre pelo melhor, mesmo que isso as vezes pareça distante e difícil. Não há dúvidas de que a melhor família é a minha, até mesmo quando nos finais de semana não me deixavam estudar, afinal, a alegria contagiava tudo e todos ao redor “(...) na minha casa todo mundo é bamba, todo mundo bebe, todo mundo samba (...)”.

Por fim, minha família ganhou um novo integrante, Leonardo Machado (ou o agregado, como falam, rs), e eu ganhei um companheiro, que me deixa mais feliz há oito anos. Sem dúvida, a pessoa que mais esteve perto de mim nesse momento, que mais acompanhou o meu crescimento e as minhas angústias. Esse ombrinho vale ouro. Obrigada por todo o carinho, por todo o amor e por toda essa dedicação em me fazer feliz a cada dia.

Resumo

Diante de um cenário composto por diversas disputas políticas, a pesquisa propõe ressaltar as construções discursivas presentes nas crônicas de Nelson Rodrigues, escritas no jornal *O Globo* (1967-1974) que colaboraram para a legitimação de um governo ditatorial no país. Entende-se que a partir das constantes representações caricatas sobre as esquerdas brasileiras presentes na coluna “confissões”, o jornalista dialogou com uma cultura política que apoiou o anticomunismo presente entre a sociedade brasileira, contribuindo para a construção do discurso de uma esquerda anticatólica, autoritária e antinacionalista.

Palavras chave: Nelson Rodrigues, anticomunismo, discurso, cultura política, ditadura.

Abstract:

In a scenario composed of various political disputes, this research proposes to highlight the discursive constructions present in Nelson Rodrigues chronicles, written in *O Globo* newspaper (1967-1974), that contributed to the legitimation of a dictatorial government in the country. It is understood that, from the constant caricatured representations about the Brazilian lefts in the upright section "Confessions", the journalist dialogued with an anti-communist political culture present in Brazilian society, contributing to the construction of a left discourse anti-Catholic, authoritarian and anti-nationalist.

Key-words: Nelson Rodrigues, anti-communism, discourse, political culture, dictatorship

Sumário

Introdução	
Entre Ficção e Realidade: A Construção de um Discurso	8
Capítulo 1 – Representações do Anticomunismo Católico	
1.1- O catolicismo e a construção do medo comunista	21
1.2- A Igreja pra frente	28
1.3- Flor de Obsessão: Os personagens católicos	43
Capítulo 2 – Em Nome da Pátria	
2.1- Soluçava: - “O Brasil não é uma nação! É um terreno baldio!”	60
2.2- Do complexo de vira lata à redenção no futebol	77
2.3- Os militares como salvação	91
Capítulo 3 – O Liberalismo Anticomunista	
3.1- Só sei que é incompatível o ser humano e o socialismo	104
3.2- A solidão potencializada	119
3.3- Meus senhores e minhas senhoras saibam que eu não sou exatamente um canalha	135
Considerações Finais	140
Referências Bibliográficas	143

Introdução

Entre ficção e realidade: A construção de um discurso

Pratico aqui na minha coluna o que eu próprio chamaria de límpido e cínico anticomunismo. Nem se pense que é uma posição recente. (RODRIGUES, O Globo: 16.02.1970)

Reconhecido como um período de intensas batalhas discursivas, os anos que compuseram o período da ditadura civil-militar no Brasil ainda são tratados com grande complexidade. Assim como a memória, os discursos da época também foram disputados entre os diversos atores políticos que constituíram aquele cenário. Diante disso, escolhi trabalhar o tema, com suas diversas problemáticas, por meio das crônicas de Nelson Rodrigues no período da ditadura¹, principalmente a partir da sua transferência para o jornal *O Globo* em dezembro de 1967. Neste momento, as *Memórias* dariam lugar às *Confissões*, principais fontes dessa pesquisa. Nelas, permaneceria o objetivo da sua antiga coluna, assim como o combate com a esquerda, agora, com bem mais afinco ao relegar sua produção teatral a segundo plano², dando lugar à intensa produção jornalística, que se perdurou na coluna até 1974.

Presenciaremos, ao longo de *Confissões*, diversos dos conflitos político-sociais que ocorreram no período. Com estilo irônico, Nelson nos relata acontecimentos históricos, como os movimentos estudantis, as passeatas, a arte engajada, o catolicismo progressista, entre outros. Assim, proponho refletir sobre os anos da ditadura, em especial sobre as representações das esquerdas brasileiras através da visão de Nelson Rodrigues, já que este parece assumir uma postura reacionária e anticomunista diante dos eventos políticos do contexto. Uma pesquisa que não tem o objetivo de *buscar colaborações* com o regime, mas, sim, o intuito de compreender atitudes de intelectuais com posturas como as de Nelson, já que o intelectual é considerado um intermediário importante entre o poder e a sociedade.

¹A partir de 1967, Nelson Rodrigues começou a escrever no jornal *Correio da Manhã* crônicas intituladas *Memórias*, onde continham reminiscências autobiográficas e fatos atuais. Todavia, pouco a pouco, percebe-se que suas crônicas passam a ser uma *zona de combate* com os principais setores da esquerda brasileira.

²Segundo Adriana Facina, no período da ditadura civil-militar, somente foram produzidas três peças: *Toda Nudez será castigada* (1965), *Anti-Nelson Rodrigues* (1973) e *A serpente* (1978). In.: FACINA, Adriana. *Santos e Canalhas: uma análise antropológica de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004. P. 83 e 84.

Ao ressaltar as interpretações que associaram as participações tanto civis quanto militares para o movimento que culminou no golpe de 1964, a presente pesquisa se insere nas renovações da História que buscaram valorizar o indivíduo e suas subjetividades a partir de novos documentos e novas leituras. Se antes tínhamos como predominância abordagens estruturalistas e funcionalistas, valorizando a *inevitabilidade do golpe*, a partir da década de 1970 surgiram interpretações que buscaram problematizar novas abordagens, encontrando novos objetos de análise para o golpe³. O objetivo é articular e problematizar a relação da sociedade com o golpe, de modo que se complexifique as questões que permeiam a aceitação, legitimação e sustentação da ditadura por parcelas significativas da sociedade brasileira.⁴

Ao nos valermos de questões pertinentes há anos, valorizamos uma nova história sobre os anos ditatoriais, que, longe de uma ruptura com estudos anteriores, promovem uma continuidade e complementaridade, que não estabelece verdades, mas fortalece as contradições que aparentavam o regime.

Se nos detivermos às crônicas de Nelson Rodrigues, percebemos o quanto sua construção estava imbuída de um discurso anticomunista, presente em diversos setores da sociedade brasileira. A construção desses discursos – que representaram as esquerdas brasileiras como autoritárias, antinacionalistas e anticatólicas – contribuiu para a legitimação da ditadura no Brasil, assim como para a crença na necessidade da presença dos militares no governo. Trata-se de complexificar o *fantasma* que tanto amedrontou os setores conservadores da sociedade, permitindo o anticomunismo se tornar argumento para o apoio aos regimes autoritários.

A partir dessa nova abordagem, torna-se fundamental nos voltarmos para o trabalho de Rodrigo Motta, que defende que o sentimento anticomunista nasceu do medo e insegurança que os comunistas causaram nos setores mais conservadores da

³DELGADO, Lucília de Almeida Neves. 1964: temporalidades e interpretações. In.: REIS FILHO, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004.

⁴Sobre o tema, ver os seguintes trabalhos: DREIFUSS, René. 1964: *A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981; FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura, Esquerdas e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: perspectiva: Fapesp, 2002; PRESOT, Aline. *As Marchas da família com Deus pela liberdade e o golpe de 1964*. Dissertação de mestrado 'Programa de pós-graduação em História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004; GRINBERG, Lucia. *Partido Político ou bode expiatório*. Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2009 e ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (orgs.) *A construção social dos regimes autoritários*. Brasil e América latina. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

sociedade, que embora fossem heterogêneos, podiam ser identificados também em três grandes matrizes.⁵

Com grande destaque para a pesquisa, a tese de Motta compreende o anticomunismo a partir da ação ou da palavra dos grupos que estão em luta contra o comunismo. Embora se reconheça a diversidade existente entre esses grupos, temos a partir dessa convergência, uma “característica inerente a um movimento e ideário que se constituía em ser contra”, mesmo que na prática atuassem de formas distintas em relação ao adversário comum.

Mesmo com essa diversidade ideológica, de acordo com Motta, podemos dizer que as “representações anticomunistas provêm de três matrizes básicas, catolicismo, nacionalismo e liberalismo”⁶. Contudo, essas separações muitas vezes não apareciam de maneira rígida, pois, segundo ele, poderiam surgir combinadas, como é o caso que será abordado, em que teremos através dos discursos de Nelson Rodrigues, a desqualificação das esquerdas a partir de argumentos que provinham dessas matrizes.

No que concerne a essa questão, a pesquisa desenvolverá as representações que foram feitas por Nelson Rodrigues sobre as esquerdas a partir do diálogo que ele estabeleceu com as culturas políticas presentes na sociedade brasileira - entendendo representações pelo modo que os homens desenvolvem as ideias, imagens e signos que dão sentido à realidade⁷. Compreende-se que estas representações interferem nos meios sociais, constituindo um processo ativo como o exposto nas crônicas aqui pesquisadas.

Nelson Rodrigues foi um autor de vasta obra artística e intelectual, é reconhecido como folhetinista, cronista, dramaturgo, contista, entre outros. E, embora o objetivo seja analisar as crônicas dele feitas para a coluna *Confissões* de 1967 a 1974, foi de extrema importância conhecer tanto seus trabalhos jornalísticos quanto sua obra como teatrólogo para compreendê-lo como um sujeito público, já representante de um determinado discurso político e cultural e de um estilo literário que se aprofundará a partir de suas crônicas políticas. Contudo, quando nos detemos aos trabalhos acerca da obra do autor, percebemos que embora exista uma ampla produção sobre sua obra

⁵MOTTA, Rodrigo. Em guarda contra o perigo vermelho. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2002.

⁶Idem. p.18.

⁷Para mais sobre ver: CHARTIER, Roger. *A História cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

teatral⁸, os trabalhos como jornalista, principalmente como cronista⁹, foram menos explorados ou retratados de maneira secundária frente ao seu teatro. Notamos isso principalmente entre historiadores, em que ainda não temos o jornalismo de Nelson Rodrigues devidamente pesquisado.

Cabe ressaltar que nas últimas décadas, Ruy Castro foi o maior responsável pela organização do trabalho jornalístico de Nelson, em que tanto as crônicas esportivas quanto as crônicas culturais e políticas ganharam grande destaque. Assim, recentemente, foi reeditado pela editora Agir as coletâneas de crônicas que estavam esgotadas e que terão grande validade para a pesquisa, são elas: *O Óbvio ululante: primeiras confissões*; *A cabra vadia: novas confissões*; *Memórias: A menina sem estrela e O reacionário: memória e confissões*. Ao lado de Castro, outro importante autor responsável pela recuperação da obra jornalística de Nelson foi Caco Coelho. Em pesquisa vinculada ao Rio-Arte, o autor fez um levantamento e transcrição de textos jornalísticos de Nelson Rodrigues entre os períodos de 1925 e 1935, em que escreveu para os jornais *Crítica*, *A Manhã* e *O Globo*.¹⁰

Destacam-se, ainda, para a pesquisa, alguns novos autores, que defenderam recentemente dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre Nelson Rodrigues. Dentre eles, o historiador Henrique Buarque de Gusmão, que defendeu em 2011 sua tese de doutorado *Purificações purificadoras e atroztes: O projeto estético do teatro de Nelson Rodrigues* que, a partir de uma análise de obras tanto jornalísticas como teatrais do autor, propôs uma leitura sócio-histórica para sua obra, defendendo sua produção dentro de um campo intelectual cercado por disputas políticas e sociais. Com um estudo

⁸Entre a vasta produção encontrada, destacam-se: LOPES, Ângela Leite. *Nelson Rodrigues: trágicoentão moderno*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Tempo brasileiro, 1993; MAGALDI, Sábato. *Nelson Rodrigues: Dramaturgia e encenações*. São paulo: Perspectiva/ Edusp, 1987; SUSSEKIND, Flora. *Nelson Rodrigues e o fundo falso*. In.: I Concurso nacional de Monografias 1976. Brasília: MEC, 1981; LINS, Ronaldo Lima. *O teatro de Nelson Rodrigues: uma realidade em agonia*. Rio de janeiro: Francisco Alves, 1979 e PEREIRA, Victor Hugo Adler. *Nelson Rodrigues e a obscena contemporânea*. Rio de janeiro: Eduerj, 1999.

⁹Poucas produções foram encontradas: VANNUCI, Karine Claussen. *O jornalismo de Nelson Rodrigues*. Dissertação de mestrado em comunicação, Niterói: UFF, 2004; SOUZA, Marcos Francisco Pedrosa Sá Freire. *Nelson Rodrigues: inventário ilustrado e recepção crítica comentada dos escritos do anjo pornográfico*. Tese de doutorado em Literatura comparada. Rio de janeiro: UFRJ, 2006; COELHO, Caco. *O baú de Nelson Rodrigues*. Pesquisa realizada com apoio do Rio-arte, 2000 e COSTA, Tiago Leite. *Confissões/ ficções de Nelson Rodrigues*. Dissertação de mestrado em comunicação social. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 2007; FISCHER, Luís Augusto. *Inteligência com dor: Nelson Rodrigues ensaísta*. Porto Alegre: Arquipélago, 2009 e MICHELS, Selest. *O Revolucionário Reacionário*. Dissertação de mestrado em literatura brasileira, portuguesa e luso- africanas. Programa de pós-graduação em letras da UFRGS, 2008.

¹⁰FREIRE, Marcos Francisco Sá. *Inventário ilustrado e recepção crítica comentada dos escritos do anjo pornográfico*. Tese de doutorado em Literatura comparada. Rio de janeiro: UFRJ, 2006. p. 42

muito próximo de Adriana Facina, o autor enfatizou, sobretudo, o processo de desumanização do indivíduo que estaria sendo retratado em toda a produção de Nelson. A partir do avanço da modernidade, representada pela liberação sexual, pelo avanço das ideias das esquerdas, da valorização do jovem e da psicanálise, o homem estaria perdendo seus valores, provocando a própria desumanização. Assim, o teatro de Nelson teria como objetivo, a partir de sua estética e conteúdo, a purificação desse mesmo homem. Do mesmo modo, a defesa do dramaturgo ao regime civil-militar seria uma forma de conter esses avanços modernistas.

O jornalista Tiago Costa Leite, mestre em comunicação social pela PUC, defendeu a dissertação *Confissões/Ficções de Nelson Rodrigues*, adotando uma abordagem que ressaltou o personagem/narrador que Nelson Rodrigues desenvolveu durante suas crônicas confessionais. Ao apontar para a construção de um contexto por Nelson Rodrigues em suas crônicas, intensificou a imagem ambígua e contraditória que Nelson criou para si em meio às subjetividades literárias das crônicas. Para Costa Leite, a posição política que Nelson Rodrigues assumiu ao defender a ditadura no Brasil coincidiu com a sua defesa da moral tradicional. Percebe-se que a sua posição a favor da ditadura civil-militar, embora fosse complexa, pôde de um modo bem simplificado, significar que os militares representavam o conservadorismo, a tradição, a defesa da família e dos bons costumes, enquanto os movimentos de esquerda representariam as subversões e o despudor da modernidade¹¹.

Destaca-se ainda, a tese de doutorado de Marcos Francisco Pedrosa Sá Freire, que trouxe uma análise de fôlego tanto sobre a dramaturgia quanto sobre o jornalismo de Nelson Rodrigues. O autor procurou explorar as obras que foram escritas sobre a produção de Nelson Rodrigues, assim como também analisar o conteúdo de seus trabalhos a partir das diferentes recepções que estas tiveram, uma forma de inventário dos escritos do autor muito útil para a localização espacial e temporal de suas obras.

Por último, a tese de doutorado em antropologia de Adriana Facina, que, embora também seja um trabalho novo, defendido em 2002, já desponta como uma importante referência para a análise da produção de Nelson Rodrigues. Ao trabalhar com um conjunto de textos muito heterogêneo (contos, folhetins, crônicas e teatro), a autora propôs uma leitura antropológica da obra rodrigueana, valorizando a questão da desumanização do indivíduo a partir dos processos de modernização em curso. Facina

¹¹COSTA, Tiago Leite. Op. Cit. 2007.

deu ênfase ao tom nostálgico que ganhou grande parte das crônicas e peças teatrais de Nelson Rodrigues. Segundo a historiadora e antropóloga, “tanto na crônica quanto no teatro, existe uma matriz romântica que percebe o mundo moderno como um momento histórico em que algo se rompeu”¹². Sua abordagem sobre a obra de Nelson considera que para o autor, “o mundo do poder jovem, dos protestos estudantis, da revolução sexual é um mundo de ponta-cabeça, com valores invertidos. Sua crítica não é somente política, mas também moral”.¹³

O interesse da pesquisa de Facina foi abordar o pensamento do autor por meio de um contexto muito mais amplo¹⁴. Ao ressaltar os diversos setores sociais nos quais Nelson compartilhou ideias e valores, assim como problematizar as questões da construção do personagem reacionário e da questão da relação entre a sociedade e o intelectual, o estudo de Facina ganha um grande peso para essa pesquisa. Contudo, o objetivo de Facina foi explorar a visão dualista da natureza humana, que, segundo ela, seria desenvolvida em toda a obra de Nelson Rodrigues¹⁵. Deste modo, de acordo com a autora:

“para além de uma questão política, a defesa do autor pelo regime militar, se apóia numa perspectiva de natureza humana que é bastante pessimista. Numa época em que os controles externos sobre as condutas individuais estão enfraquecidos, na visão de Nelson entram em cena os idiotas¹⁶.”

Percebemos que a tese de Adriana Facina se apoia, portanto, em uma dimensão romântica da obra de Nelson Rodrigues, que vê a desumanização do indivíduo a partir dos processos de modernização que estavam intrinsecamente ligados às questões políticas da sociedade. Suas opções políticas seriam norteadas, portanto, pelas concepções de indivíduo que Nelson defendia.

Embora próximo de alguns trabalhos analisados aqui, proponho uma leitura das crônicas políticas de Nelson Rodrigues a partir das suas representações sobre as esquerdas brasileiras, procurando, deste modo, relacionar suas opções políticas, assim

¹²Op. Cit, 2004. P.84.

¹³FACINA, Adriana. *Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004. P. 240.

¹⁴Idem.

¹⁵“Os canalhas eram, na classificação do autor, seres amorais, sem valores éticos e defensores de um relativismo moral cínico. Frutos da modernidade, os canalhas eram o contrário dos santos, estes cada vez mais raros e improváveis. Para Nelson Rodrigues há em todos os homens as duas dimensões, mas entre santos e canalhas, as características do segundo prevaleceriam na natureza humana”. (FACINA, Adriana. Op. Cit. P. 258).

¹⁶Idem.

como suas reconstruções sobre a realidade brasileira, a partir de um diálogo com as culturas políticas que estavam presentes na sociedade. A presente pesquisa procurará complexificar as relações que foram construídas nas crônicas, enfatizando o apoio de Nelson Rodrigues ao golpe civil-militar a partir da sua identificação com o regime, e não porque vivia-se em pólos extremos¹⁷. Ou seja, procurar, a partir dos aspectos internos, compreender as relações de apoio ao regime. Embora se leve em consideração a concepção de natureza humana para Nelson Rodrigues, assim como o momento político muito marcado entre opções radicais de esquerda ou de direita, procura-se problematizar essa díade e compreender Nelson como uma figura pública que participou desse debate político e defendeu o regime a partir das apropriações que fez sobre aquela realidade brasileira, que, longe de se constituir como uma posição isolada, foi adquirida em função das representações de um determinado grupo¹⁸.

Compreende-se que, em meio aos diversos debates políticos e às intensas batalhas discursivas, Nelson optou por apoiar o governo militar mesmo havendo outras opções políticas. Portanto, o discurso que procura simplificar o jogo político daquela época entre militares e comunistas, ressaltando muitas vezes a inevitabilidade de estar com um ou com o outro, será problematizado a partir do sujeito Nelson Rodrigues, que muitas vezes se utilizou dessa representação para justificar suas opções frente ao cenário político brasileiro do período.

Para além dos trabalhos acadêmicos, a biografia de Nelson Rodrigues escrita por Ruy Castro também constituirá parte essencial do trabalho. Construído através da produção de Nelson e de intensa pesquisa que envolveram arquivos e entrevistas (por volta de setecentas, como endossa o autor¹⁹), o resultado é um apanhado de toda a vida pessoal de Nelson Rodrigues, o que deixa claro a importância que a política apresentou ao longo de sua trajetória, em que se “entrelaçavam questões de família com os eventos da história do Brasil e do mundo”²⁰. O biógrafo, deste modo, identifica pontos relevantes para a presente pesquisa, ao relatar acontecimentos muito íntimos da vida do cronista, suscitando muitas vezes os valores e tradições que puderam ser apropriados ao

¹⁷Há uma dissertação de mestrado de Selesté Michels, em que a autora desenvolve que “a pecha de reacionário recaiu sobre Nelson Rodrigues por ele negar o sistema socialista enquanto alternativa de governo no Brasil onde se era reacionário ou revolucionário.” MICHELS, Selesté. Op. Cit. 2008

¹⁸BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In.: AZEVEDO, C.; ROLLEMBERG, D.; KNAUSS, P.; BICALHO, M. F.; QUADRAT, S. (orgs.) Cultura política, memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

¹⁹CASTRO, Ruy. O anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

²⁰RODRIGUES, Nelson. Memórias: A menina sem estrela. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 14

longo de sua trajetória familiar e intelectual. Ainda que o objetivo do trabalho não seja biográfico, poderemos utilizar esta análise como suporte para o diálogo entre as culturas políticas da época e o nosso autor, valendo-se do cuidado em não apresentar essa relação entre contexto-autor como “algo rígido e imóvel”²¹.

Nelson é considerado um importante intelectual da sociedade brasileira. Suas obras constituem um marco no teatro e na literatura do país. Diante disso, é interessante refletir sobre os conflituosos anos de 1960 e 1970 sob a perspectiva política de Nelson Rodrigues, que, através das suas crônicas, manifestava uma grande repulsa às esquerdas da sociedade brasileira.

Vale, então, acentuar que a pesquisa tem como contexto um período de intensas batalhas discursivas à direita e à esquerda, constituindo dentro delas uma pluralidade que, ao serem analisadas cuidadosamente, enriquecem o cenário político no qual se consolidou uma ditadura por vinte e um anos. Reconhecido como um importante ator social, que a partir de construções metafóricas da sociedade brasileira, se lançou ao debate linguístico, iconográfico e simbólico que estavam sendo travados entre os diferentes setores da política, a falta de estudos históricos para analisar essa conjuntura sob a perspectiva de Nelson Rodrigues deixa uma lacuna diante do pensamento político e histórico desse intelectual. E, diante disso, proponho minha pesquisa.

Tomo como referência Rodrigo Motta, que, ao explorar o imaginário acerca da imagem amplamente retratada do gorila como descaracterização da direita, afirma que para os embates políticos nos anos 1960, um dos objetivos mais importantes era a conquista popular e, com esse intuito, o recurso à comicidade e ao humor tiveram impactos significativos.²²

A pesquisa traz também como abordagem principal o diálogo entre a História e a Literatura, que tem propiciado aos historiadores percorrerem ainda mais os quadros tênues entre a ficção e a realidade. Interrogando as linhas literárias e compreendendo-as como fontes históricas, buscar-se-á investigar as *redes de interlocução* nas quais estão inseridas, uma vez que as crônicas de Nelson Rodrigues se encontram exatamente entre essas margens, a história e a literatura, a ficção e a realidade.

²¹LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 176

²²MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda*. In.: ArtCultura, Uberlândia, v. 9 n° 15, 2007.

Entretanto, o que mais importa não é determinar se é ficção ou não, o que entra como real e o que se exclui, mas, sim, os testemunhos que escrevem, suas relações com o seu tempo e sua sociedade: é sobre isso que os historiadores do social se debruçam. Carlo Ginzburg²³, em referência a Marc Bloch, nos traz uma importante reflexão metodológica. Para o historiador, “aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção”, pois não nos interessaríamos mais somente pelos dados concretos das fontes, muitas vezes inventados, mas “pela luz que lançam sobre a mentalidade de quem escreveu esses textos”, teríamos assim, “nos emancipado daquela subordinação ao passado” de outrora, pois conseguimos ir além do que as fontes nos descrevem, “embora ainda fiquemos presos em seus rastros”²⁴.

Assim sendo, caminhar pelos terrenos da ficção para fazer emergir os “testemunhos involuntários”, “as vozes incontroladas” que se encontram nos textos são de extremo interesse para a pesquisa.

O que se pretende indagar é que o autor e sua obra não transcendem seu tempo histórico, eles fazem parte de uma época e, portanto, seria insatisfatório estudá-los à margem de seu grupo social. Como aponta Chalhoub, “a proposta é historicizar a obra literária, destrinchar não a sua autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social”²⁵, devemos buscar a especificidade de cada testemunho. Ao historiador cabe explorar esse caminho, interrogar a literatura e transformá-la em matéria, em objeto de história para daí lhe atribuir significado; levar em consideração as sociabilidades que o autor percorre para a produção de sua obra literária e assim encará-lo como produto de sua época e de sua sociedade.

Compreender a literatura como uma construção social e como esse traço social é utilizado para formar a estrutura do livro é o que Antônio Cândido pretende discutir, pois segundo ele, somente deste modo teríamos uma profunda análise social da obra, pois “o externo só teria importância como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”²⁶. Sua crítica se dá à medida que a sociologia buscou explicar tudo pelos meios sociais, evocando uma concepção determinista, em que a época seria a chave para se “conceber um condicionamento

²³GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

²⁴Idem.

²⁵CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. *A história contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

²⁶CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

global da obra, da personalidade literária ou dos conjuntos de obras”²⁷. Assim, valorizar-se-á tanto os fatores integradores entre o indivíduo e o grupo quanto a diferenciação, considerando as peculiaridades de cada indivíduo. Deste modo, para o autor a obra surge da convergência entre ambas as partes, elas são indissolúvelmente ligadas. Para tanto, trabalhar a relação que aí existe é fundamental para se estudar a relação entre a literatura, sua sociedade e sua realidade histórica.

A obra literária não importa apenas se estudada em seu nível ilustrativo. Como enfatiza Cândido, os principais estudos ora buscaram focar que somente através da expressão de realidade teríamos um significado e valor do texto, ora mostraria esse lado como secundário, pretendendo assim, a autonomia da obra, como se ela pairasse acima da sociedade. Mas, o que hoje nos satisfaz é integrar texto, contexto e indivíduo, numa simbiose em que o externo se confunde com o interno e dá voz ao estilo literário da obra. Pretende-se, assim, não cair numa análise simplista.

No caso aqui estudado, o autor desenvolve a obra dentro de limites sociais, mas também deve ser levada em consideração a sua individualidade para a formação da sua rede social. Portanto, seria insuficiente tratar dessas relações de modo isolado, pois o fundamental é articular as redes que os ligam, entendendo assim todo o processo por qual passaria a feitura da obra, valorizando tanto seus aspectos externos quanto internos, constituídos numa simbiose.

Com a proposta de “historicizar essa obra literária” abordarei as crônicas de Nelson Rodrigues a partir do diálogo constante entre a sua feitura e a conjuntura da época. “Em suma, é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para os historiadores a literatura é, enfim, *testemunho histórico*”²⁸

Constituída pela leveza da sua escrita e pela despretensão literária, a crônica muitas vezes foi alocada como um gênero menor. Expressa por uma linguagem que nos aproxima pela simplicidade e pela suavidade de suas linhas, assim nos conduz pelos seus objetos e pelos caminhos nos arrancam risadas e reflexões, que de aparentemente

²⁷Idem.

²⁸Idem.

tão descompromissadas conseguem “tirar significados do que parece insignificante. Dar sentido de repente ao vácuo absoluto”²⁹, assim se constitui esse gênero literário.

Nascida dos folhetins, inicialmente marcada pelo caráter informativo das notas de rodapé e das páginas dos jornais, logo a crônica se transforma em uma narrativa pautada pelo estilo humorístico. Ao deixar para trás a lógica argumentativa e ao se aproximar de uma linguagem que se utiliza do informal, parte de pequenos fatos miúdos do cotidiano e pequenos traços irônicos para colocar-se entre o jornalismo e a literatura. Sua duração não importa, pois é desenvolvida no dia a dia a partir de objetos efêmeros. Utiliza-se de inúmeros recursos linguísticos, como o diálogo, a retórica, a simplicidade e o sarcasmo para ficar sempre próximo de seu leitor, mantendo com este um tom de cumplicidade.

A reconstrução do real nas crônicas está inserida na interlocução entre o fato e o fictício, bastando muitas vezes a verossimilhança para se alcançar a crítica social ou o que mais quiser ser passado. Todavia, mesmo tendo uma narrativa despreziosa, com temas tão variados, a crônica sempre irá prescrever o cotidiano do autor e a sua relação com a sociedade. O real como pano de fundo sempre estará presente na estrutura da obra e é exatamente por conta do fio que conduz entre o verdadeiro e o falso que o historiador deverá considerar as crônicas como documentos.

A partir destas questões, as crônicas de Nelson Rodrigues passam a ter uma importância muito grande para o historiador, principalmente quando valorizamos também a abordagem linguística do seu texto, indo, por meio da construção dos seus discursos, procurar os “rastros involuntários”, para então “descobrir, além e ao lado do sentido explícito, de primeiro grau, um sentido secundário, implícito e mascarado”³⁰. O que se pretende com isso é buscar, através dos discursos de Nelson Rodrigues, “uma abordagem empírica dos fenômenos políticos”³¹ e, com isso, os complexos fenômenos de representações daquela época, em que o anticomunismo tomou grandes proporções. Desta forma, nos atentarmos para os aspectos internos que puderam fazer parte da construção do seu texto.

²⁹CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992.

³⁰PROST, Antoine. As Palavras. In.: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

³¹BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In.: AZEVEDO, C.; ROLLEMBERG, D.; KNAUSS, P.; BICALHO, M. F.; QUADRAT, S. (orgs.) *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

A escolha pela crônica, por sua narrativa fácil, aproxima o leitor, o diverte. Ao abordar temas aparentemente micros, “miúdos”, mas que estão inseridos em um ambiente geral, a crônica faz parte de um discurso que pretende ser rápido, prático, simples, acessível a boa parte da população.

O discurso será ressaltado a partir das condições de produção – linguísticas e sociais que o geraram – sem desprender as crônicas rodrigueanas do seu contexto histórico, do momento em que foram criadas, sem reduzir, sobretudo, a História apenas a um texto, embora ela também o seja. A partir das representações que Nelson Rodrigues faz das esquerdas brasileiras, percebe-se uma relação imbricada entre o real e o fictício que é proporcionado pelo estilo literário presente na crônica, que também apresenta toda uma peculiaridade no modo com que o cronista pode se colocar ao lado de seu leitor.

Por meio de suas crônicas, presenciamos a construção de diversos personagens verossímeis, que podem ser facilmente identificados com atores da intelectualidade da época, assim como também a construção de um personagem, o Nelson reacionário, que em meio a tantas outras imagens públicas em torno do escritor, é a que surge diante dos conflitos políticos e sociais pelos quais o país passava. Ao se colocar contra uma “hegemonia” cultural de esquerda, que segundo ele passava a dominar os meios artísticos e culturais, o personagem reacionário se afirmava, passando a ganhar grande notoriedade.

As representações que o autor faz das esquerdas são carregadas de um discurso irônico, que permeiam o exagero para desqualificá-las, não havendo preocupação com a verdade, ao procurar através de um discurso polêmico, criticar aquela esquerda. Por meio de uma multiplicidade de adjetivos irônicos, a Igreja progressista, os jovens, os intelectuais e artistas de esquerda viraram alvo de deboche e tema de muitas histórias do cronista, que se utilizou do seu talento literário para eternizar personagens como “a freira de minissaias”, “o arcebispo vermelho” e a “grã-fina do nariz de cadáver”. Entretanto, o que nos importa no presente trabalho não é saber se o que Nelson Rodrigues está falando é real ou não, e, sim, como se dá a representação desse real por ele e como que os discursos políticos da época contribuem para essa sua construção.

Portanto, a obra literária deve ser considerada “fruto de valores e ideias compartilhadas socialmente”, em que o indivíduo é visto como um ser social cujo processo interno de escrita está inserido em um processo maior com o qual este dialoga com os seus valores, que por sua vez também fazem parte da sociedade em que vive.

Assim, estudar o indivíduo é estudar todo o seu meio social, visto que todo o seu processo formador perpassa essa sociedade.

Por outro lado, buscando uma ampliação sobre as relações de poder, fortemente estigmatizadas entre dominados e dominantes, propõe-se trabalhar sobre a ótica do conceito de Cultura Política, compreendendo-o a partir de Serge Berstein e Jean François Sirinelli, que nos anos 1980 trouxeram novos significados para o conceito ao buscar identificar dentro de uma nação a diversidade de culturas políticas presentes, e como que elas disputariam e integrariam um mesmo espaço. Longe de ser um fenômeno determinado, a cultura política é:

(...) apenas um dos elementos da cultura de uma dada sociedade, o que diz respeito aos fenômenos políticos. Mas, ao mesmo tempo, revela um dos interesses mais importantes da história cultural, o de compreender as motivações dos actos dos homens num momento da sua história, por referência ao sistema de valores, de normas, de crenças que partilham, em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações da sociedade, do lugar que nele têm e da imagem que têm da felicidade.³²

O conceito será utilizado aqui como uma proposta de se (re)pensar as representações sobre as esquerdas que foram feitas nas crônicas de Nelson Rodrigues, e como esse intelectual, fruto de seu tempo, pode, através de suas crônicas, projetar a sociedade brasileira; e como ele estaria inserido nessa sociedade, como ela conseguiria produzir homens como Nelson, que apoiaram a ditadura. A partir desses aspectos, pensar o papel do intelectual de acordo com as motivações que o levaram à tomada de tal decisão, podem nos fazer entender a permanência do regime durante longos anos.

Trabalhar as complexidades humanas a partir de suas continuidades, descontinuidades e representações permitirá uma análise mais profunda da sociedade brasileira no período da ditadura. Para tanto, o interesse maior em dialogar com tal conceito é, diante das diversas influências contidas em uma sociedade, compreender sujeitos como Nelson Rodrigues e os personagens das suas crônicas, construídos em meio ao complexo sistema de representações políticas partilhado pela sociedade³³.

³²BERSTEIN, Serge. A cultura política. In.: SIRINELLI, Jean François e RIOUX, Jean Pierre. *Para uma história cultural*. Lisboa: editorial Estampa, 1998.

³³BERSTEIN, Serge. Op. Cit, 1998.

Tendo como premissa o “verdadeiro como um ponto de chegada e não de partida”³⁴, tomo como principais fontes desse trabalho as crônicas cotidianas de Nelson Rodrigues no jornal *O Globo*. Atuando de forma indelével entre a ficção e a realidade, o uso dessas crônicas será satisfatório à medida que através delas se (re)compõem importantes atores da história política e cultural brasileira.

³⁴GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 14.

Capítulo 1 – Representações do Anticomunismo Católico

1.1- O Catolicismo e a construção do “medo” Comunista

“Meu Deus, só a má fé cínica, ou a obtusidade córnea, ou ambas, podem negar a pavorosa infiltração comunista na Igreja e repito: - há uma massa de católicos que se fingem de católicos e continuam na Igreja para melhor destruí-la”³⁵”

O trecho destacado condiz com a imagem de medo e insegurança que foi partilhada por grande parte da sociedade brasileira durante o período da ditadura civil-militar. O comunismo era apresentado como ameaça interna à Igreja Católica, principalmente a partir do surgimento de movimentos católicos progressistas que buscavam aproximar a instituição dos problemas sociais, afastando-a do combate ao comunismo ao priorizar a luta pelas reformas.³⁶

Com o objetivo de contribuir para o debate, o presente capítulo aborda como essa imagem foi representada nas crônicas de Nelson Rodrigues. Recorrendo ao ataque, o cronista buscou através da ironia e fabulação os recursos para desmoralizar os setores progressistas da Igreja brasileira. Embora suas crônicas não sejam uma imagem perfeita da realidade, elas foram criadas em diálogo com essa, fazendo parte de um discurso proferido pelos militares e por grande parte da sociedade.

Defensor desse discurso, Nelson expôs nas suas crônicas diversos termos e ideias identificadas como conservadoras. Aproximando esse grupo católico das concepções comunistas, o autor fez de sua coluna um espaço de oposição entre os “verdadeiros católicos” e os “cristãos marxistas”, como era pejorativamente chamada a “Esquerda católica”. Entretanto, dentre esses termos, um que mais chama a atenção do leitor é o de “Infiltração comunista”, visto que, durante anos, ele também foi largamente utilizado pela hierarquia da Igreja Católica.

A importância do tema esteve muito presente entre os clérigos desde meados do século XIX. O comunismo surgiu como um grande inimigo para a preservação dos valores morais católicos ao ser representado como um “sistema de crenças que negava a existência de Deus e promovia um materialismo ateu, propondo a luta de classes

³⁵A excomunhão da inocência. *O Globo*. Rio de Janeiro: 17.03.1970.

³⁶MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. P. 24.

violenta em oposição ao amor e caridade”³⁷. Além disso, as noções de hierarquia e ordem também deveriam ser substituídas em nome da igualdade social, assim como o fim da moral cristã e da instituição familiar.³⁸

Esses valores também apareciam nas crônicas. Ao travar uma batalha contra os progressistas, Nelson se utilizou dos mesmos argumentos para atacar esses grupos católicos, afinal, como afirma Sábado Magaldi “em qualquer dos matizes da esquerda, ele enxergou o mesmo fundo marxista”³⁹:

“E, então, os valores da vida começaram a apodrecer. Sim, estão apodrecendo nas nossas barbas espantadíssimas. As hierarquias vão ruindo como cúpulas de pauzinhos de fósforos. E nem precisamos ampliar muito a nossa visão. Vamos fixar apenas o problema religioso. A Igreja tem uma hierarquia de dois mil anos. Tal hierarquia precisa ser preservada ou a própria Igreja não dura mais quinze minutos.”⁴⁰”

E em 1971 a denúncia continua nas crônicas:

“Vamos acompanhando a antologia de Palhares: - “Enquanto uma civilização se afunda no desprezo dos valores morais, outra está surgindo”. A civilização que afunda é a ocidental. E a outra? Adiante declara: A REVOLUÇÃO MARXISTA.”⁴¹”

Durante todo o século XX, principalmente após a revolução bolchevique, a Igreja procurou se preservar do avanço dos ideais comunistas. Vindos junto à modernidade, se aproximavam da instituição, que até então possuía um aspecto conservador em que a “linguagem religiosa estava direcionada pela preservação da ordem moral” ao se voltar para as questões doutrinárias e ortodoxas.⁴² A campanha anticomunista que foi feita pela Igreja buscava como resultado a difamação dos grupos comunistas, e teve um dos seus ápices em 1930, no contexto da Guerra Civil Espanhola, onde o clero foi alvo de diversas perseguições anticlericais que culminaram no assassinato de diversos padres e freiras. O episódio também foi representado nas crônicas:

³⁷Idem. P. 20

³⁸Idem.

³⁹MAGALDI, Sábado. Nelson Rodrigues: Dramaturgia e encenações. São Paulo: Perspectiva, 2010. P. 70.

⁴⁰Foi talvez o único idiota confesso do nosso tempo. *O Globo*. Rio de Janeiro: 19.08.1968.

⁴¹Admirável antologia. *O Globo*. Rio de Janeiro: 25.02.1971.

⁴²DELGADO, Lucília de A. N. e PASSOS, Mauro. Catolicismo: Direitos Sociais e direitos humanos. In.: DELGADO, Lucília de A. N. e FERREIRA, Jorge (orgs.). O Brasil Republicano vol. 4. O tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

“Em Moscou, depois de 17, eis o que faziam os militares: se, num vitral gigantesco, aparecia uma virgem, eles substituíam o rosto de Nossa Senhora por uma cabeça de vaca. E na Espanha? Na famosa guerra Civil, os milicianos costumavam arrancar, com o dedo em gancho, cada olho de freira. Cega, e a seguir, violada. Também era de muito bom gosto, entre os milicianos, o baile em que cada qual fazia par com uma freira defunta. Isso, na rua. E o cadáver era obrigado a dançar, etc,etc.”⁴³

Ao se aproximar do anticomunismo católico, Nelson Rodrigues fez das páginas de suas crônicas um combate aos progressistas, o que o inseria nas batalhas discursivas que ocorreram durante a década de 1960. A criação de diversos personagens católicos permitiu ao autor ridicularizar a esquerda, fazendo do comunista um homem cruel porque é sem Deus, sem disciplina porque não segue uma ordem e nem respeita hierarquias. A Igreja e o Estado estariam, assim, certos em combater o *inimigo*, pois, como citou em sua crônica: - “A batalha final se travará entre comunistas e ex-comunistas. A Igreja não precisa de nenhum profeta. A sua batalha já começou.”⁴⁴

A batalha teria começado devido a presença dos grupos progressistas que “infiltravam” a Igreja com seus pronunciamentos, como veremos ao longo do capítulo através dos personagens mais destacados de suas crônicas. Ou, como diria Nelson em uma de suas Confissões, não haveria infiltração, esses grupos estavam lá, vistos por todos do clero, não havia esconderijo, o que para o autor se tornava ainda mais grave, pois membros da hierarquia eclesiástica começavam a aceitar as ideias “moderninhas”:

“Mas ao falar em “infiltração”, digo mal. Por “infiltração” entendemos algo de furtivo, sub-reptício, imperceptível. Pelo contrário. Ninguém anda sutilmente, na ponta dos pés, ou ainda: - ninguém pula o muro, ninguém desliza rente a parede, ninguém põe barba postiça, nem óculos escuros”.⁴⁵

A questão da família também é sempre debatida nas suas crônicas, as quais muitas têm a instituição familiar como ponto de partida para as críticas aos valores cristãos que para ele estavam sendo perdidos diante dos avanços comunistas. A referência ao jovem que não respeita a mãe e a valorização do sexo em detrimento do amor são algumas das questões que acompanham esse debate que vê o comunismo como o *grande mal* da sociedade. Seria a partir da inserção dos ideais marxistas que o homem passaria a perder seus valores morais e éticos, o que provocaria o

⁴³E cada miliciano dançava com um cadáver de freira. *O Globo*. Rio de Janeiro: 07.12.1969.

⁴⁴Usam a igreja para destruir a Igreja. *O Globo*. Rio de Janeiro: 05.04.1969

⁴⁵Era um drácula com a euforia de um anjo. *O Globo*. Rio de Janeiro: 16.12.1969.

“dilaceramento humano”.

“O homem é triste porque, um dia, separou o sexo do amor. Nada mais vil do que o desejo sem amor. A partir do momento da separação, começou um processo de aviltamento que ainda não chegou ao fim. E, assim, o homem tornou-se um impotente do sentimento e, portanto, o anti-homem, a antipessoa.”⁴⁶

Valores que estavam contidos na sua formação cristã e sempre foram defendidos por ele ao longo de sua obra. Estendendo a criação dramaturgica ao trabalho jornalístico, percebemos que a crença na divindade e em preceitos morais básicos constituiu o cerne de grande parte de sua produção, que teria como grande influência Dostoiévski.⁴⁷

A contribuição do escritor russo para o pensamento de Nelson Rodrigues se deu à medida que este compreendia que era a moral que dava sentido à conduta humana, baseando-se numa ética rigorosa que via na crença em uma divindade a salvação do próprio homem dos seus instintos. Por isso, inúmeras vezes aparece a referência a Dostoiévski: “Se Deus não existe, tudo é permitido”. Defendendo que ao confiar na existência de um Deus, de uma ordem, a qual se deveria obedecer preceitos éticos, assim como “acreditar numa hierarquia de valores que disciplinam o convívio”, o homem conseguiria fazer com que prevalecessem os bons sentimentos.⁴⁸

Portanto, quando os grupos progressistas começaram a questionar alguns valores cristãos assim como a hierarquia eclesiástica, para Nelson, representava mais: significava a negação da palavra de Deus. Por isso a atenção dada a esses grupos, que eram retratados da forma mais irracional e amoral possível.

É interessante ressaltar que, devido ao medo comunista partilhado por grande parte do clero, assim como por grande parcela da sociedade, o golpe civil-militar de 1964 foi permitido e aceito como uma medida salvadora. A preocupação em preservar a Igreja e a sociedade levou diversos grupos conservadores a defenderem a presença dos militares no poder. As aclamações ao regime foram notórias, as Marchas da Vitória exemplificaram o apoio ao golpe, resultando na ruptura democrática⁴⁹. Para esses

⁴⁶Publicado originalmente no jornal *O Globo* em 02.08.1968 RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: Memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

⁴⁷MAGALDI, Sábado. Op. Cit. 2010.

⁴⁸Idem.

⁴⁹Para mais ver PRESOT, Aline. *As Marchas da Família com Deus pela Liberdade*. Dissertação de mestrado, programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. As principais idéias dessa dissertação também estão em PRESOT, Aline. Celebrando a “Revolução”. Em:

grupos, os militares estavam representando a defesa da família e dos valores cristãos em contraponto ao *mal comunista*.

Sabemos que esse momento representou um dos períodos de maior expressão da organização conservadora. A mobilização de diferentes grupos sociais pela derrubada do governo de João Goulart foi significativa. Ao acreditarem que as reformas defendidas pelo presidente se aproximavam das aspirações comunistas, houve a certeza de que os valores religiosos, morais e patrióticos estavam sendo perdidos; considerando essas questões, os militares passaram a representar o retorno à ordem e a defesa desses valores.⁵⁰ O imaginário comunista permitiu, então, a defesa de um discurso legitimador do golpe civil-militar. Ao se inserir nesse debate político, Nelson Rodrigues contribuiu através de sua coluna para a propagação desse “medo”:

“D. Aniceto age e reage como se nada tivesse acontecido. Devia agradecer aos milhares brasileiros que evitaram, no Brasil, a tragédia espanhola. Realmente nada aconteceu na consciência dos que preferiram a anti-Igreja. O que o Governo tem impedido é que o terrorismo se instale em certas áreas da Igreja. E se D. Aniceto reclama maior liberdade para pregação religiosa, está simplesmente caluniando o Governo nas próprias barbas do Governo. Diga o superior geral onde quando, no Brasil, as nossas autoridades impediram um padre de celebrar missa, ou de confessar, ou de dar a extrema-unção? Cite um caso, não dois, mas um único caso de intolerância religiosa. O que não se admite é que padres possessos continuem na Igreja para melhor destruí-la.⁵¹”

O trecho acima foi escrito no ano de 1971, portanto, ele não faz mais parte dos discursos que apoiaram o golpe e, sim, dos que legitimaram a permanência da ditadura, mesmo o país vivenciando “os anos de chumbo” durante o período do governo Emílio Garrastazu Médici. Abaixo, outro trecho do mesmo ano em que o escritor critica as denúncias dos progressistas em relação às constantes prisões sofridas por esses grupos, o que demonstra, mais uma vez, seu apoio aos militares:

“Nenhum país tem mais liberdade religiosa do que o nosso. Apenas, no que faz muito bem, o Governo prende os padres terroristas, quando pilhados em flagrante delito de atividade criminosa (a meu ver, os terroristas são criminosos comuns).⁵²”

ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (orgs.) *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

⁵⁰PRESOT, Aline. Op. Cit. 2010.

⁵¹A anti-Igreja. *O Globo*. Rio de Janeiro: 06.05.1971

⁵²A idade de Cristo. *O Globo*. Rio de Janeiro: 10.05.1971.

Muitos grupos católicos, que eram voltados para concepções tradicionais, atuaram em prol do golpe. Em recente estudo, Janaína Cordeiro explorou o imaginário de uma das principais frentes católicas de combate ao comunismo, o grupo feminino da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE).⁵³ Imbuídas do mesmo sentimento de medo e insegurança causado pelo comunismo, essa organização atuou junto à sociedade com o objetivo de afastar os ideais comunizantes retratados como prejudiciais à moral e à religião brasileira.

Ressalta-se até aqui o quanto muitos católicos viam no comunismo a deturpação dos valores morais e um inexorável efeito devastador sobre um dos pilares fundamentais da instituição eclesiástica: a família. Através das crônicas rodrigueanas, acompanhamos esse cenário de medo. Suas crônicas exploraram e contribuíram para a desmoralização dos comunistas frente à sociedade brasileira. A criação de personagens caricatos e o ataque a lideranças católicas progressistas foram uma obsessão de sua coluna, que representou um espaço de difamação à “Esquerda Católica”.

Um dos intelectuais católicos que mais influenciaram Nelson Rodrigues nesse processo de crítica e difamação foi Gustavo Corção. Representante da ala conservadora católica, o intelectual também fazia de sua coluna no jornal *O Globo* um front de combate aos ideais comunistas, principalmente no que dizia respeito ao catolicismo.

Conhecido por sua postura polêmica nas páginas dos jornais, Corção se colocou ao lado do golpe civil-militar por acreditar que este seria o único meio para a salvação dos valores cristãos. Deste modo, a religiosidade de Corção não ficou apenas restrita à sua vida privada, ele a transportou para a atuação pública e passou a criticar a postura dos grupos progressistas que a partir da década de 1970 também passaram a fazer parte da hierarquia católica, principalmente quando começaram a denunciar as torturas do Estado.⁵⁴ Reconhecendo a importância do intelectual, Nelson Rodrigues iniciou um movimento de defesa do intelectual em suas crônicas, atitude antes impensada diante da crítica de Corção às peças de Nelson:

“Ele tem todas as virtudes falsamente atribuídas a Tristão de Athayde. Tem a fé, a bondade, a compaixão, o amor, tudo que no Dr. Alceu é uma pose... Que suave milagre seria se um dia o Dr. Alceu viesse á

⁵³CORDEIRO, Janaína Martins. *A Nação que se salvou a si mesma*. Entre a memória e a história, a campanha da mulher pela Democracia (1962-1974). Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2008.

⁵⁴PAULLA, Christiane Jales de. Consagração e deslegitimação: Gustavo Corção na crônica brasileira. Em: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, UFPE, Recife, 2007.

boca de cena anunciar: - ‘Eu não sou Dr. Alceu. O verdadeiro Dr. Alceu é o Gustavo Corção’. Se assim o fizesse, estaria salvo.⁵⁵”

Antes de Alceu ser atacado nas suas crônicas, era ele quem representava o exemplo de homem católico para Nelson. Mesmo sendo contra sua obra dramaturgica, havia uma coerência nas suas críticas, afinal, o teatro rodrigueano foi considerado durante anos uma produção “obscena”: “Fora montado, na cidade, e no resto do país, todo um folclore pornográfico em torno do meu nome e de minha obra. Sim, durante muito tempo a minha glória foi a soma de todos os palavrões que eu merecia das salas, esquinas e botecos.”⁵⁶

Todavia, com a mudança de posição política de Alceu, todo o respeito e admiração que era nutrido por ele passaram a se voltar para um novo homem: Gustavo Corção. Conhecido por seu moralismo exacerbado, passou a representar o católico exemplar das crônicas confessionais de Nelson Rodrigues. Outrora, era execrado ao ridículo em *A vida como ela é*:

“Escuta, Camarinha. Eu acabo de ler o Corção. Deixa eu falar. E quando leio o Corção tenho vontade de fazer bacanais horrendas, bacanais de Cecil B. Mille!

Com alegre ferocidade, Nonato continua: - ‘Piada, vírgula! Batata! Sua tese era a de que Corção “compromete os valores que defende. E insistia com jucunda agressividade: - Por causa do Corção já desisti da vida eterna. Já não quero mais ser eterno, percebeste? Quando penso na virtude do Corção, eu prefiro, sob a minha palavra de honra: prefiro ser um canalha abjeto!”⁵⁷”

Mas, durante as décadas de 1960 e 1970, o intelectual católico foi exaltado como o exemplo de homem bom. Por isso, suas crônicas passaram a humanizar a figura de Corção. Com passagens que defendiam o pensador católico da agressividade com que era retratado pelas esquerdas - “Assim são as nossas esquerdas. Não saem por aí derrubando bastilhas, nem decapitando Marias antonietas. Mas provam sua consciência ideológica tratando mal o sobrenome de Corção (...)”⁵⁸-, o cronista criou um personagem

⁵⁵O verdadeiro Dr. Alceu. *O Globo* Rio de Janeiro: 19.03.1971.

⁵⁶Crônica publicada originalmente no jornal *Correio da Manhã*, no dia 14.04.1967 com o título O vício doce e vil. Retirado de RODRIGUES, Nelson. *Memórias: A menina sem estrela*. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 226.

⁵⁷RODRIGUES, Nelson. O Sórdido. Em: *A vida como ela é – o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁵⁸Crônica originalmente publicada no jornal *O Globo* em 06.01.1968 com o título Os botecos ideológicos da cidade. Publicada em RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio Ululante: As primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. p. 134.

que representou a imagem do “*católico incorruptível*”⁵⁹, assim como o “*exemplo de moralidade do país*”. Retratado como uma das maiores inteligências, Corção era uma figura admirável entre as páginas de Confissões repletas de personagens vis e sem caráter, que, ao esquecer a presença de Deus, permitiam que os piores instintos humanos sobressaíssem.

Com isso, as críticas que eram feitas na coluna de Corção, no jornal *O Globo*, também apareciam em Confissões, que mantinha o mesmo tom de ataque às esquerdas católicas. Enquanto Nelson dava apoio irrestrito aos artigos do escritor católico – “*Não esperem de Corção nenhum silêncio vil*” –, sua coluna também atuou sobre as mesmas difamações que eram retratadas na coluna do intelectual.

Portanto, veremos a seguir o quanto as crônicas de Nelson contribuíram para legitimar uma posição política de grande parte do clero brasileiro frente aos novos ideais católicos progressistas, levando em consideração que o jornalista colaborou para uma imagem de medo e insegurança à medida que se dava o desenvolvimento progressista dos católicos sobre o país, interpretando tal movimento como o avanço dos comunistas.

1.2- A Igreja pra frente

*“Hoje em dia, o clero brasileiro assim se divide: - Metade está a serviço de Deus, metade está a serviço das esquerdas.”*⁶⁰

Ao fazer afirmações como acima, Nelson Rodrigues defendia uma posição que muitos leigos e clericais voltados para concepções tradicionais da Igreja procuravam legitimar: a presença de grupos progressistas era a mais recente ofensiva comunista. Seria um meio de dividir e enfraquecer a instituição.

A defesa de um discurso que desmoralizava a “esquerda católica” enfatizava, sobretudo, o descomprometimento com as questões religiosas e com Deus pelos progressistas, que cada vez mais se voltavam para as questões políticas e sociais, visto por muitos como um desvio da doutrina cristã. Para Nelson Rodrigues, seria ilegítimo um grupo que questionasse os valores católicos tradicionais e se voltasse para

⁵⁹E todos acreditaram mais no Cristo do “poeira”. *O Globo*. Rio de Janeiro: 08.04.1969.

⁶⁰Era um estilista. E tratou a frase a pires de leite como se faz com uma úlcera. *O Globo*. Rio de Janeiro: 10.07.1968.

concepções modernizantes e defensoras de ideais tidos como de esquerda – por exemplo, a defesa das Reformas de Base e a resistência ao regime militar.

Ao contrário do que ocorreu em 1964, no decorrer de 1970 surgiram diversos grupos católicos contrários à permanência dos militares no poder. Embora antes do golpe já houvesse clérigos voltados para preocupações ligadas às desigualdades sociais e a uma maior participação política da sociedade, com a influência do Concílio Vaticano II, em 1962, e da Conferência dos bispos latino-americanos em Medellín, em 1968, firmou-se dentro da instituição um grupo que começou a se posicionar de forma cada vez mais aberta em oposição à ditadura, principalmente após as nomeações de D. Paulo Evaristo Arns para a Arquidiocese de São Paulo, na década de 1970, e de D. Eugênio Salles para a Arquidiocese do Rio de Janeiro, em 1971 – o primeiro, especialmente, “muito conhecido pela defesa dos direitos humanos e solidariedade com os religiosos presos”⁶¹.

Denominados de progressistas, esse grupo tornou-se um dos principais baluartes de oposição à ditadura. Atuando entre grupos leigos, mas também de maneira ativa na defesa de grupos guerrilheiros, muitas foram as críticas sofridas por esses setores quanto à devoção religiosa. Ao se inserir neste debate, Nelson Rodrigues promoveu, através de sua coluna, críticas duríssimas a diversos setores do clero. Com o objetivo de caricaturar, zombar e ironizar, o cronista criou diversos personagens católicos e buscou na comicidade um recurso para desqualificar esses setores progressistas.

“Imaginemos que, daqui a duzentos anos, um historiador resolva fazer um inventário ético, lírico, dramático, ideológico de nossa época. Além de outros, seriam obrigatórios os seguintes destaques: - ‘O padre de passeata’, a ‘freira de minissaia’ e o ‘relações públicas’. Claro que o padre de passeatas pode ser desdobrado em uma série de variações. É chinês, vietcong, cubano, russo etc.etc.”⁶²

Percebe-se no trecho acima que o cronista teve como preocupação legitimar os personagens que foram criados por ele como se fossem reais. Havia ainda a utilização de alguns métodos como o convite ao leitor para participar de sua argumentação e da figura do historiador como um profissional responsável pelo discurso verdadeiro, que ao fazer uma História dessa época não poderia esquecer esses personagens principais, embora, segundo Nelson, essa representação não seria comum, teria que ser ética; ou

⁶¹LOWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: O cristianismo da libertação. In.: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. P. 309.

⁶²A era “grande homem” sem poder, liderança ou ideologia. *O Globo*. Rio de Janeiro: 28.04.1969.

seja, fiel aos acontecimentos, mas também lírica e dramática, sendo assim, imbuída de sentimento.

Sendo o “padre de passeata” uma das figuras emblemáticas nas colunas do autor, cabe colocar em questão o que, para ele, este novo ator social significava:

“Sou de uma geração que ainda beijava a mão do padre. Mas vivemos uma tal crise de fé que insinuei uma dúvida: - ‘o senhor tem certeza? É padre mesmo? Jura?’ Jurou. E fuzilou-me com essa confiança, à queima roupa: - ‘Sou padre, mas ex-católico.’
Desta vez a minha curiosidade explodiu: - ‘explica isso direito. Um padre que, ao mesmo tempo, é ex-católico? Não tem sentido!’ Ele foi nítido e taxativo: - ‘Explico, explico. Sou padre de passeata.’ Cuspei a entender. E, súbito, percebi toda a verdade. Há um padre, não de missa, um padre, não de altar, um padre, simplesmente de passeata. Ainda assim pergunto: - ‘Mas se o senhor é ex-católico, por que não despe a batina?’ Ouço a sua gargalhada satânica: - ‘o senhor me acha com cara de abdicar de minha imunidade? A batina é minha imunidade. Continuo padre para não levar pau da polícia.’⁶³”

Através dessa passagem, constituída na primeira pessoa do singular, Nelson Rodrigues inseria a desconfiança no leitor - afirmava haver uma crise da fé, pois, a partir de agora, ao lado dos “verdadeiros católicos” teríamos também a presença dos “falsos padres”, denominados por ele de “padres de passeata”: aqueles que ignoravam as formas tradicionais de exercer o catolicismo, portanto, os “ex-católicos”. O autor procurava ainda, ressaltar a ideia de que esses novos grupos progressistas não seriam católicos, apenas se colocariam como tal para poderem se imunizar das perseguições do governo a grupos de esquerda. Esses padres teriam como prioridade ir às passeatas ao mesmo tempo em que negariam as missas e os sacramentos da Igreja: “Na semana passada, dizia-me um padre de passeata: - ‘Como é chata a confissão! Por que é que não acabam logo com esse treco?’ Perguntei: - ‘E a extrema-unção?’ Fez uma boca de nojo: - ‘O que interessa é a justiça social’.⁶⁴”

A representação de uma Igreja Católica de esquerda feita nas suas crônicas não se desvinculava das criações ficcionais que outrora eram feitas nos teatros, contos e folhetins. Ao construir personagens caricatos dos católicos progressistas, Nelson continuava mantendo o mesmo tom de fabulação. Envolvendo o leitor numa constante que variava entre ficção e realidade, bastava muitas vezes a verossimilhança para alcançar a sua crítica.

⁶³Disse: - “Sou um padre de passeata”. E parecia um santo. *O Globo*. Rio de Janeiro: 08.07.1968.

⁶⁴Um sábio que brinca com ursinhos de chupeta. *O Globo*. Rio de Janeiro: 02.09.1970.

Seus personagens eram criados em meio ao que Sábato Magaldi chamou de uma “realidade prosaica”⁶⁵, ao considerar que era a partir do cotidiano que Nelson construía seus personagens, o cronista também passava a influenciar nessa mesma realidade, principalmente se levarmos em consideração a importância intelectual que o autor já possuía quando começou a escrever a coluna Confissões no jornal *O Globo*.

Retomando as representações feitas pelo autor, a figura do “padre de passeatas”, como já foi citado, era constante e procurava fazer referência aos padres que haviam ampliado suas concepções religiosas. Para além dos muros das igrejas e conventos, esses padres se preocupavam com questões sociais e políticas que cada vez mais o aproximavam das camadas populares, ou mesmo os levavam ao envolvimento com grupos militantes de esquerda. Contrário a essa postura, Nelson Rodrigues fez de sua coluna um espaço de duras críticas às mudanças católicas, que para ele iam de encontro aos pressupostos religiosos tradicionais. Portanto, o “padre de passeata” seria um dos personagens centrais dessa Igreja. Seriam, ao longo da coluna, representados como homens que largavam as missas e seus afazeres institucionais para ir às passeatas, lutar por melhorias, criticar o governo e defender causas que antes só diziam respeito ao Estado.

Todavia, assim como o “padre de passeatas”, surgiram outros personagens, como a “freira de minissaias”, aquela que só colocava o hábito para ir às passeatas e nos demais dias andava de minissaia, uma referência ao que na época tornou-se o símbolo da mulher moderna⁶⁶. Deste modo, as freiras eram chamadas por Nelson de “moderninhas”.

“O fato é que como se tratava de passeata, as freiras vestiram-se de freiras. E uma delas, professora, passou na aula e chamou uma das alunas: - ‘Você vai tomar conta da turma.’ Largou a classe e foi, excitadíssima, com outras, para a passeata. Com pouco mais, desfilava na Avenida, dando adeusinhos para as sacadas ou entrando no coro: - ‘participação, participação, participação!’⁶⁷”

Acima, Nelson se utilizou de adjetivos para desqualificar as freiras. Ao chamá-las de “excitadíssimas”, encontrava no adjetivo uma caracterização que não condizia com a postura casta que se esperava de uma mulher que escolheu servir a Deus. O

⁶⁵Para mais ver: MAGALDI, Sábato. Op. Cit. 2010.

⁶⁶HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁶⁷Colégio Religioso. *O Globo*. Rio de Janeiro:10.02.1969. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 214.

trecho selecionado demonstra ainda um cenário em que a freira se porta como uma mulher comum e sem compromissos para com a vida eclesiástica. A “freira de passeata” ganhava um tom pejorativo e afastado das concepções religiosas: “Certa vez, vi uma freira de passeata atirando beijos, com as duas mãos, como as garotas de préstito carnavalesco.”⁶⁸

Em contraponto a esses personagens, que, de acordo com o autor, continuavam na Igreja para “melhor destruí-la”, estariam os verdadeiros católicos que formariam um grupo indefeso. “Sim, os católicos formam uma minoria perseguida, humilhada, violentada pelos ex-católicos”.⁶⁹ Alocados como vítimas, o “verdadeiro católico” era retratado como uma “minoria acuada”, enquanto que os progressistas eram representados como “monstros”, “dráculas”, “assassinos de Deus”, “marxistas” e “anti-católicos”. Em crônica intitulada “*E aquilo mais parecia um sarau de vampiros*”, Nelson se referia a parcela da Igreja que justificou a guerrilha urbana: “Entre a cruz e o fuzil, a Igreja fica com o fuzil. Não tem nem castigo!”⁷⁰

Assim, ao longo de todos os anos em que escreveu as *Confissões*, houve essa perseguição obstinada de Nelson Rodrigues em deslegitimar através de diversos recursos linguísticos e simbólicos os grupos progressistas da Igreja católica. Travando nas suas crônicas uma batalha discursiva contra esses grupos, Nelson propôs mostrar esses padres e freiras como pessoas afastadas da vida religiosa e muito mais próximas de uma vida mundana:

“E eis que uma turma ‘moderninha’, uma turma ‘pra frente’, deflagra um motim contra o celibato. Seja como for, é rara uma castidade que se preserva por longos e dilatados vinte séculos. Essa paciência milenar justifica a nossa admiração e, mesmo, a nossa inveja.”⁷¹

E continua:

“Outro dia, uns ‘padres de passeata’ desfilaram no centro da cidade. E iam entregando, de mão em mão, um curioso panfleto. Lá se dizia, por outras palavras, que o ‘Reino do céu’ é um piquenique das classes dominantes.”⁷²

Do mesmo modo, ao comentar sobre a Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), escreveu:

⁶⁸Chanchada na sexta feira da paixão. *O Globo*. Rio de Janeiro: 06.04.1970.

⁶⁹Sinistra aventura da Esquerdacatólica. *O Globo*. Rio de Janeiro: 08.03.1969.

⁷⁰E aquilo mais parecia um sarau de vampiros *O Globo*. Rio de Janeiro: 30.08.1968.

⁷¹E assim começou a guerra entre D. Hélder e o padre Comblin. *O Globo*. Rio de Janeiro: 19.07.1968.

⁷²E eis que descubro um desafeto da vida eterna. *O Globo*. Rio de Janeiro: 13.11.1968.

“Volto aos ‘padres de passeata’ que são autores da crise no seio da família. Claro que os ‘padres de passeata’ são ex-católicos que continuam na Igreja para melhor destruí-la. E os bispos não dizem uma palavra sobre os assassinos de Deus. Como ‘desarmamentos dos espíritos’, se os ‘padres de passeata’ estão armados da cabeça aos sapatos?⁷³”

O autor representava esses padres como homens que não tinham como preocupação respeitar os dogmas católicos e muito menos a instituição clerical. Sua coluna ignorava toda uma discussão que fazia parte das novas propostas clericais que se formaram a partir do Vaticano II e trouxeram para a Igreja muitas mudanças, mas também incertezas quanto ao significado de ser católico, o que seria representado pela crise de identidade por que muitos padres passaram.⁷⁴ Para Nelson, a partir do momento em que esses padres se afastaram das concepções tradicionais e hierárquicas impostas pela Igreja, houve um rompimento desses com a religiosidade. Portanto, passariam a ser “ex-cristãos”, principalmente com a defesa de questões modernas para a época, como o uso da pílula e da educação sexual nas escolas, assuntos recorrentes em suas crônicas.

“Dirão vocês que estou tecendo uma patusca fantasia anticlerical. Absolutamente. A meu ver essa marcha do sexo é mais do que provável. Mas será um movimento de católicos? Nunca e pelo contrário – são padres-ateus, padres-marxistas, padres sem vida-eterna, padres sem Deus. Posso admitir que, em tal marcha, existe uma minoria de patetas para uma brutal maioria de possessos. Cabe então a pergunta: - ‘Se os padres de passeata não tem a vocação sacerdotal, as freiras de mini-saia não estão interessadas em Cristo – por que não abandonam a Igreja?’ Eis um mistério nada misterioso. Não abandonam a Igreja para melhor destruí-la.⁷⁵”

Suas críticas podem ser interpretadas também como morais. Há nas crônicas uma abundância de referências à educação sexual que estava sendo debatida nas escolas, sobretudo quando era ensinada em escolas de freiras, em que elas eram as responsáveis pelo ensinamento. Em *Confissões*, pais reclamavam e se lamentavam diante do comportamento da “Nova Igreja”, ao mesmo tempo em que apareciam freiras defendendo a prostituição. A discussão sobre esses assuntos delicados procurava mais do que questionar, pretendia chocar o leitor e, assim, provocar a desmoralização desses grupos progressistas.

⁷³A autocrítica que não foi feita. *O Globo*. Rio de Janeiro:25.09.1969.

⁷⁴Para mais ver: SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra: Bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 101.

⁷⁵A Marcha dos assassinos de Deus. *O Globo*. Rio de Janeiro: 19.04.1969.

Todavia, não só ao campo clerical ficou restrita a crítica de Nelson. Os progressistas também se espalhavam pela sociedade e passavam a fazer parte dos grupos sociais, muitos frequentados pelo dramaturgo. Estes novos tipos sociais emergiam entre grã-finas e seus saraus na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, mas eram nas passeatas onde mais se faziam presentes. Nas crônicas, os grandes defensores dessa “Nova Igreja” eram as elites, representadas pela figura da “grã-fina”, a mulher que era uma pose: “Era uma casa grã-fina, ali na Gávea. E a anfitriã, vestida como Paulina Bonaparte, penteada como Paulina Bonaparte, fingia-se de linda”⁷⁶. As “grã-finas” eram mulheres que não entendiam nada de futebol, mas iam aos jogos, eram leitoras das “orelhas” dos livros de Marcuse e, sobretudo, endeusavam Guevara. Na continuação da mesma crônica, dizia: “O quadro de Che Guevara fora pregado no alto. E, ali, de boina, e cara virilizada pela barba crespa, parecia um santo e, segundo a anfitriã, era um santo.”⁷⁷

Era comum em suas crônicas a presença dos “padres de passeata” nos saraus. Estes seriam contratados pelas grã-finas para fazerem palestras e, ao final, recebiam seu cachê, como descreveu Nelson sobre um dos supostos saraus:

“E ele que falara tão pouco, e usara mais pausas do que palavras, suspirava: - ‘Cansei.’ Vozes: ‘Genial! Genial!’ Meia hora depois, a ‘amante espiritual de Guevara’ chamou-o numa outra sala. E lá o ‘padre de passeata’ recebeu, no envelope, o cachê.”⁷⁸

Outro personagem bem conhecido do público rodrigueano - também retratado como progressista - foi Palhares, o sujeito que não respeitava nem a cunhada. Como inúmeras vezes foi abordada nas suas crônicas e contos, a história de Palhares começa quando, ao cruzar com a sua cunhada no corredor, ele pula no pescoço da menina e tasca-lhe um “beijo voraz”. “A partir de então, sempre que o Palhares passava, havia o cochicho pânico: - ‘Não respeita nem as cunhadas’.” Nelson dizia que esse é o perfil exato de canalha. Desde então, sempre que descrevia atitudes cafajestes, fazia referência a esse personagem, que em suas crônicas também era retratado como um homem “pra frente” da “esquerda católica”, afinal, como dizia Palhares a Nelson:

⁷⁶Dizia Bernanos: - “Jean Cocteau é um realista e, portanto, um canalha”. Eis o que eu queria dizer do progressista: - Pode não ser um canalha, mas é um idiota. *O Globo*. Rio de Janeiro: 13.01.1968.

⁷⁷Idem.

⁷⁸A gratificação. *O Globo*. Rio de Janeiro: 10.08.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 46.

“Convido as meninas para ver o Guevara no meu apartamento. Tiro e queda. Vai por mim: - é o verdadeiro Cristo. Esse negócio de amar o próximo é uma laranja chupada. Não pinga mais nada.”⁷⁹”

E continuava:

“Seja o ex-católico. No momento, é o que dá mais. O ex-católico tem todos os trunfos na mão (...)
 (...) Quem tem o poder de decisão, e o exerce furiosamente, é uma pequena minoria de ex-católicos (...)
 Toma nota. Escreve o que te estou dizendo. Ainda seremos o maior povo ex-católico do mundo.”⁸⁰”

Ao colocar Palhares como um representante da “Nova igreja”, Nelson procurou ironizar ainda mais os progressistas. Taxado como um “canalha”, Palhares foi utilizado como personagem ideal para classificar a “esquerda católica”. Sempre com um caráter titubeante, acompanhado de um repertório de modismos discursivos, Palhares ainda iria aparecer inúmeras vezes para caracterizar os membros da esquerda, seja ela católica ou não. Esse personagem seria o representante de uma sociedade sem moral. Demonstrando inúmeras vezes orgulho em ser “o canalha”, para ele, “tudo é permitido”, tomando-se, novamente, a influência de Dostoiévski em sua obra.

Palhares seria o seu personagem das crônicas que, assim como as personagens do teatro, não teria restrições comportamentais, agindo de acordo com os instintos menos disciplinados. “É o homem primitivo, em estado bruto, recusando o verniz do convívio”⁸¹. Não teria sobre ele um veto moral e, por isso, ele poderia ser um representante dessa “Nova Igreja”, que, segundo o autor, negaria a existência de Deus.

A representação dos progressistas se dava, portanto, em cima de personagens que foram analisados. Caricatos, não apresentavam conteúdo, viviam de aparências e de pose; desta maneira, não representariam a Igreja Católica defendida por Nelson. Pelo contrário, estariam degradando-a. Levando-se em consideração que essas representações estão em diálogo complexo com a realidade, temos ainda nas crônicas alguns indivíduos bem conhecidos da vida política brasileira naquele período. Se ora eram identificados como o “padre de passeatas” e a “freira de mini-saias”, outrora tinham seus nomes expostos: Padre Camilo Torres, Madre Maurina, Padre Ávila e congregações como a dos dominicanos.

⁷⁹Caça-níqueis. *O Globo*. Rio de Janeiro: 19.06.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 200.

⁸⁰Idem.

⁸¹MAGALDI, Sábato. Op. Cit. 2010.

Nelson Rodrigues passou a debater em *Confissões* os conflitos que se travaram entre progressistas e o Estado. Com um discurso muito próximo ao das autoridades, Nelson criticou uma série de figuras católicas que tinham posições contrárias àquelas dos militares e muitas vezes apoiavam grupos guerrilheiros, caso de grande parte dos dominicanos. A partir de 1969 esses padres passaram a ser personagens constantes da coluna do cronista, caracterizados como “padres rebelados”.

“E vêm os ‘padres de passeata’ e pregam a luta armada, com o mais nítido, límpido impudor. Portanto, há quem queira, no seio da ‘Nova Igreja’, que se multipliquem, no Brasil, os ‘esquadrões da morte’. Uma coisa, porém, é certa; - estamos todos comprometidos. A imprensa, o rádio, a televisão, porque dão cobertura promocional às bestiais execuções. Os membros do ‘esquadrão da morte’ são retocados, idealizados. Criou-se o mito selvagem e irresistível.⁸²”

Mesmo não deixando claramente explícito na passagem acima, trata-se do grupo dos dominicanos, por vezes retratados como “dráculas” que queriam o sangue dos brasileiros. Parte significativa da ordem dos dominicanos apoiou o combate explícito à ditadura. Formados também por um grande grupo de estudantes, tinham como fundamento cristão o compromisso com as questões sociais e políticas, pois entendiam que havia uma impossibilidade na separação dessas com a religiosidade. Próximos de um cristianismo que teve no Concílio Vaticano II e no encontro dos bispos em Medelín uma grande base ideológica, os dominicanos, assim como os cristãos adeptos a esse “novo cristianismo”, sofreram graves críticas dos religiosos mais conservadores. Para esses, os católicos progressistas, ao assumirem posições de esquerda, teriam abandonado a fé e se rendido ao marxismo.

De acordo com Frei Betto, em seu livro de memórias *Batismo de Sangue*, desde 1967 os hábitos de muitos dominicanos haviam mudado. Muito mais voltados para os problemas sociais, passaram a trocar os seminários pelas universidades, a batina por roupas de operários e o convento por pequenas comunidades e apartamentos. Procuravam no seu trabalho o modo de subsistência. Para isso, davam aulas, trabalhavam até em livrarias, conforme seu relato. Os valores pregados no Evangelho foram levados para a prática, renovando-se as concepções tradicionais eclesásticas e

⁸²Esquadrão da morte o mito selvagem. *O Globo*. Rio de Janeiro: 10.03.1969.

reconhecendo as ações de Che Guevara e do padre revolucionário colombiano Camilo Torres como uma resposta legítima à violência praticada pelo Estado.⁸³

Frente a essas questões, Nelson Rodrigues se posicionou de maneira completamente contrária. Voltado para os pressupostos tradicionais da Igreja, ele exerceu nas suas crônicas uma posição de ataque aos dominicanos. Suas confissões relatam os episódios da época à medida que vão compondo todo um cenário político e social ao seu modo. Os fatos reais são entrelaçados às suas criações literárias que muitas vezes nos remetem ao Nelson dramaturgo. Contudo, suas criações ganharam forma e conquistaram o imaginário político, pois, à medida que desqualificavam a ordem dos dominicanos, iam de acordo com os argumentos dos militares, contribuindo para a identificação do personagem *Reacionário*.

“Alguém disse que os homens se dividem em dois grupos: - ‘assassinos’ e ‘assassinados’. Mas há um terceiro grupo: - dos que não matam, nem morrem, mas ensinam a matar. Eu falo dos dominicanos que estão por trás do terrorismo. Não há nada mais odioso, nada mais vil do que a cumplicidade sem risco. Vocês imaginem um dominicano. Se além do seu hábito, é um ator, passará por um santo. Até os passarinhos vão pousar no seu ombro, crente de que é um São Francisco de Assis.”⁸⁴

O tom de acusação com que foi desenvolvida a crônica referia-se à relação próxima mantida entre os dominicanos e a organização Ação Libertadora Nacional (ALN), cuja principal liderança era Carlos Marighela. Durante os anos de repressão do regime civil-militar, muitos bispos, padres e militantes progressistas atuaram ao lado de guerrilheiros e de grupos de esquerda. Encontraram como meios de resistência: abrigar refugiados, atuar como informantes de fugitivos das forças de segurança, esconder armamentos em conventos e utilizar os próprios confessionários para passar mensagens de prisioneiros políticos. Deste modo, a colaboração dos dominicanos chegou a representar uma das resistências mais radicais da Igreja frente aos militares.⁸⁵

Para os dominicanos, o compromisso político estava intimamente ligado à vivência da fé cristã, da mesma forma, a abertura de conventos para refugiados seria

⁸³Frei Betto faz referência ao pronunciamento de Paulo VI, que considerou a luta armada legítima em caso de “tirania evidente e prolongada que ameaça gravemente os direitos fundamentais da pessoa”. Em: BETTO, Frei. *Batismo de Sangue: Guerrilha e morte de Carlos Marighela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. P. 71 e 72.

⁸⁴O sangue brasileiro não é groselha. *O Globo*. Rio de Janeiro: 08.11.1969.

⁸⁵SERBIN, Kenneth P. Op. Cit. 2001.

uma prática que se adequava à tradição da Igreja em dar auxílio a refugiados políticos.⁸⁶ Assim, se havia dúvida sobre os dogmas e questões tradicionais da Igreja, a fé cristã continuava inviolável, mesmo que fosse colocada sobre outras práticas que não as difundidas por grupos cristãos tradicionais. Por essa posição, os dominicanos tiveram um papel significativo junto aos grupos clandestinos, ficando conhecidos nomes como Frei Fernando, Ivo, Tito e Betto.

Em passagens interessantes de crônicas publicadas logo após a morte de Marighela, em 4 de novembro de 1969, Nelson volta aos dominicanos:

“Por aí se vê que em nossa época, o grande monstro brasileiro é o ‘padre de passeata’. Pensem no papel dos dominicanos articulados com o terrorismo. Pergunto: - como se pode trair tanto? Primeiro, traíram a Igreja, que fingiam servir; traíram o Brasil, que nunca serviram. Eram cristãos-marxistas, católicos sem vida eterna, sacerdotes sem sobrenatural. Cada qual continuava dominicano, ou se fantasiava de dominicano, para melhor destruir a fé. E permaneciam dentro de sua ordem para liquidá-la. E, por fim, traíram o próprio Marighela e o entregaram. Viviam traindo. Traíram até o fim. E queriam que os brasileiros bebessem o sangue uns dos outros como groselha.⁸⁷”

Em diversas crônicas, Nelson acusou frei Fernando por delatar Marighela ao DOPS. A suposta traição foi tema de diversas confissões, demonstrando o envolvimento do cronista com as discussões políticas travadas na época. Por outro lado, a relação de freis dominicanos com Marighela e com o grupo guerrilheiro ALN já vinha sendo investigado pelas forças de segurança, que, ao conseguirem localizar o líder guerrilheiro, acusaram os próprios freis de terem traído o militante. Eles teriam procurado o DOPS e denunciado todo o esquema.

Nelson criou toda a cena da traição. Frei Fernando deu voz ao personagem do dramaturgo e interpretou como ator em sua coluna um grande traidor, deslegitimando a ordem dos dominicanos. Para ilustrar, vale a crônica do dia 16.12.1969 do jornal *O Globo* para uma análise da representação que é feita:

“E Cristo diz: - ‘Você gosta de trair. Não gosta de trair?’ E o outro: - ‘Só gosto de trair. Trair é ótimo.’ Continua o ilustre visitante: - ‘Se já me traiu, por que não trai também Marighela?’ O frei ergue-se em Câmara lenta: - ‘trair o Marighela?’ Anda de um lado para o outro. Estaca diante do mestre: - ‘Boa ideia, boa ideia.’ Com intensa salvação diz o frei: - ‘Vou trair o Marighela e é já.’ Entra o contra-

⁸⁶ BETTO, Frei. Op. Cit, 2006.

⁸⁷O sangue brasileiro não é groselha. *O Globo*. Rio de Janeiro: 08.11.1969.

regra e dá-lhe o telefone. O padre liga para o DOPS. E assim sabemos que há padres terroristas que também traem terroristas. Dirá o leitor que estou fazendo pura, irresponsável e até desrespeitosa ficção. Não seja por isso, passemos à vida real.⁸⁸”

Ao analisar as crônicas por partes, podemos nos ater mais aos detalhes com que elas foram construídas. Em seu início, já havia uma crítica à relação dos dominicanos com sua fé. Acusados por Nelson de ex-cristãos, os representantes da Igreja Progressista não tinham legitimidade, principalmente ao se envolverem com grupos terroristas, por isso a referência à traição de Cristo. Além disso, o diálogo promovido deixa evidente a preocupação com a clareza dos acontecidos diante do leitor, mas também em demonstrar a confissão de responsabilidade da traição assumida por frei Fernando em nome dos dominicanos. Buscando provocar no leitor a desconfiança sobre a ordem, além da preocupação em dialogar com a verdade, Nelson propôs passar de sua criação literária para a realidade:

“Tire-se a visita do Cristo para cair nos braços da vida real. O frei Fernando entregou Marighela à polícia. Era instrumento dos terroristas e os traiu. Falou no telefone com sua vítima. Na extensão, estava alguém da polícia, ouvindo tudo. SE ele quisesse, poderia gritar: - ‘Estou preso’. Quase feminino de tão melífluo, macio, afetado, combinou o encontro, a hora e o local. Os dois se falaram com uma larga e cálida efusão. Depois do telefonema, os policiais combinaram com os dominicanos: - ‘Se houver bala, atirem-se no chão’.

Houve realmente o tiroteio. O primeiro a se deitar foi o Frei Fernando. Sobreviveu maravilhosamente intacto, sem um arranhão. O líder vermelho ficou emborcado, no automóvel, varado de balas. Apesar disso, algumas autoridades eclesásticas declararam: - ‘Não é possível. É falso. Os dominicanos estão acima de qualquer suspeita’. Claro que não vamos dizer, generalizando, os dominicanos, porque nem todos traem. Mas alguns traíram. Não só traíram, como o confessaram. Não cabe nenhum sofisma. Mas as autoridades citadas não acreditam na evidência, nos fatos, nas provas.⁸⁹”

Até aqui o cronista construiu toda uma realidade embasada na versão dos militares. Percebemos que continuava havendo a preocupação em culpar os dominicanos pela morte de Marighela, em acusá-los de traidores e deslegitimar sua ordem. São ignorados os meios utilizados para arrancar-lhes a confissão. Quando questionado sobre as torturas que poderiam ter existido no caso, Nelson afirmava:

⁸⁸Era um drácula com a euforia de um anjo. *O Globo*. Rio de Janeiro: 16.12.1969.

⁸⁹Idem.

“Dirá alguém: - ‘Foram torturados’. Vejamos. Um conhecido meu, que tem relações na Ordem, obteve permissão para falar com frei Fernando. Diga-se que meu conhecido imaginava que os dominicanos haviam passado por torturas inéditas. Não houve a presença de um único policial. Logo ao primeiro olhar, o visitante constata que o sacerdote estava com uma saúde perfeita. Tinha o olhar doce como o dos santos. Eis as perguntas e respostas:

- Você foi torturado?- Não
- Nem levou um bofetão? Um cascudo?
- Nada
- E confessou sem resistência?
- Confessei.
- Nenhuma resistência?
- Nenhuma.
- Pausa. Nova pergunta:
- É então verdade que você colaborava com Marighela?
- Colaborava.
- E foi você que telefonou?
- Telefonei.
- Vamos esclarecer. Você telefonou, marcou encontro e, portanto, entregou Marighela à polícia?
- Entreguei.
- Mas não era seu companheiro, seu líder? Vocês trabalhavam juntos. Tinham o mesmo ideal. E, por sua causa, por causa de sua delação, esse homem morre. Está certo isso?
- É a revolução
- Revolução, trair?
- Às vezes é preciso.
- Mas por quê? Por quê?
- É a revolução.⁹⁰

A crônica destacada acima fez parte de uma intensa discussão política que ocorreu logo após a morte de Marighela. A utilização de perguntas e respostas criadas por Nelson demonstrou a pretensão em esclarecer o assunto diante de seus leitores. Tomando partido do governo, o dramaturgo atacou os dominicanos e procurou revelar a falta de coerência de suas atitudes. Criando um dominicano sem caráter, sem Cristo e traidor, até mesmo daqueles de quem se diziam amigos, contribuiu para difundir uma imagem distorcida da ordem, que pretendia, à luz de novas ideologias, humanizar o catolicismo.

Entretanto, não só à ordem dos dominicanos restringiram-se as críticas de Nelson. Outros exemplos de progressistas compuseram suas crônicas. Padre Ávila – também sociólogo e professor da PUC-RJ - foi outra figura marcante nas crônicas de Nelson. É estabelecida na figura desse padre a representação do que seria a “Nova Igreja”. Um padre moderno que, além de fazer da batina seu sacerdócio e da sociologia

⁹⁰Idem.

sua sabedoria, adulava a juventude. De acordo com Nelson, ele “se recusava a ver a torpeza como tal”. Como sociólogo, encontrava explicações para tudo, não admitia a condenação, “preferia insinuar uma dúvida inteligentíssima” e continuar escondendo por trás do jovem o famoso “pulha”.

“Aqui abro um parêntese. Vejamos as várias opções do Padre Ávila. Ele podia fazer como o staretz Zózimo, dos Irmãos Karamazov, ou – por outras palavras – podia cair aos pés do vilão para beijar-lhe os sapatos. Logo se viu, porém, que o Padre Ávila não tem nenhuma vocação do patético. De mais a mais, é um grave que não renunciará jamais à própria solenidade. Por outro lado, a sociologia não se espanta, eis a verdade, não se espanta. Quanto ao nosso Ávila, se lhe caísse o crânio a bomba atômica, havia de anotar – ‘Morri’ –, sem acrescentar ao fato o ponto de exclamação.”⁹¹,

Como já vimos, a influência de Dostoiévski na obra rodrigueana é indiscutível. A referência acima se faz ao monge bondoso de *Irmãos Karamazov*, que também aparece como referência em outras obras suas, como *Asfalto Selvagem*. Nelson Rodrigues fez referência às representações do campo literário para mostrar a frieza do Padre Ávila. O autor construiu sua crônica em cima de paradoxos: demonstrou ações que transbordavam dramaticidade ao leitor para contrapor a falta de espanto do padre-sociólogo, quase transformando-o em um ser inanimado.

Ora representados por personagens cômicos, ora vistos como terroristas, traidores, seres frios, sem sentimentos; o modo como abordava os personagens da igreja progressista variava, mas o objetivo era o mesmo: desqualificar, através da criação de personagens caricatos, os setores progressistas da Igreja. Para isso, construiu cenários – as entrevistas imaginárias com uma cabra no terreno baldio, é um exemplo -, zombou dos padres e freiras “pra frente”, ridicularizando-os e participou ativamente de um discurso conservador, defendido por uma parcela significativa da sociedade brasileira que apoiou o golpe e permitiu a permanência do regime civil-militar.

A crítica produzida por Nelson fez parte de um discurso bem maior. De acordo com o que vimos na primeira parte do capítulo, o medo comunista tomou proporções tão grandes que foram responsáveis pela defesa e legitimidade da ditadura presente no país. Os setores progressistas eram vistos pelas autoridades e pelos grupos conservadores da sociedade como uma ameaça ao catolicismo e à hierarquia da Igreja,

⁹¹Conheço vários jovens já descontentes, já desiludidos. *O Globo*. Rio de Janeiro: 26.12.1967. RODRIGUES, Nelson. *O óbvio Ululante: As primeiras Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.p. 89

levando à repressão de muitos desses grupos. Entretanto, o discurso oficial vindo do Ministro da Justiça em 1968, assim como do General Álvaro Cardoso, comandante da 4ª Região Militar, no mesmo ano, dizia:

“O manto protetor da batina não pode proteger um crime...esses padres foram presos porque abandonaram a pregação do Evangelho, devotando-se a uma pregação política e ideológica, bem como à organização da subversão e de movimentos guerrilheiros para a derrubada do regime⁹²”

Com o mesmo tom acusatório apareciam as crônicas de Nelson Rodrigues a respeito das acusações de perseguições religiosas:

“Só por obtusidade córnea, ou má fé cínica, ou ambas, se pode falar em perseguição religiosa no Brasil.

Vejam bem: - em vez de perseguição devíamos falar, se posso dizer, em antiperseguição. Os ‘padres de passeata’, os ‘cristãos-marxistas’, os ‘cristãos sem vida eterna’, os sacerdotes que traem a igreja, e só não abandonam para melhor assassiná-la – esses, repito, tem privilégios, ou, mais do que isso, imunidades. Os ‘padres de passeata’, ditos progressistas, fazem tudo e dizem tudo. Eu ouvi um deles gemer para um jovem cabeludo: - ‘É chato o confessorário! Como é chato.’⁹³”

Referindo-se à perseguição dos militares a D. Waldyr Calheiros, bispo de Volta Redonda, o cronista afirmava:

“E agora repito a pergunta: - ele está sendo incomodado por que o surpreenderam orando, ou ministrando a extrema-unção, ou celebrando a santa missa, ou absolvendo penitentes em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo? Se fosse assim seria eu o primeiro a berrar contra a violência hedionda. Acontece, porém, que o exército, de grande maioria católica, seria o primeiro a respeitá-lo se ele cumprisse os seus deveres religiosos, que são muito precisos, muito exatos e inconfundíveis...Mas as autoridades estão reagindo, justamente, contra certos atos anticatólicos, anticristãos e, mesmo, anti-humanos de D. Waldyr.⁹⁴”

Ao nos voltarmos para essas crônicas, percebemos o quanto a posição tomada por Nelson Rodrigues estava alinhada aos militares. O cronista desconhecia e não dava credibilidade às acusações de tortura pelo governo. Como no caso dos dominicanos, em que preferiu acreditar numa traição dos freis, justificou as prisões e perseguições dos

⁹²BRUNEAU, Thomas. Apud: GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. P. 254.

⁹³Inocente útil – bobo ou criminoso? *O Globo*. Rio de Janeiro: 22.12. 1969.

⁹⁴Idem.

militares aos padres por estes últimos não estarem cumprindo o seu papel religioso. Nelson defendia a violência praticada contra aqueles que, segundo ele, eram cristão-marxistas. Com isso, sua crítica se estendia também a outras personalidades conhecidas do clero:

“E os brasileiros que, lá fora, caluniam o seu país, tem aqui toda uma vasta cobertura promocional. Mas há mais, muito mais. Outro exemplo: a Madre Maurina Borges Silveira, de Ribeirão Preto. Quando a prenderam, foi um Deus nos acuda. Bem me lembro por toda a parte indignações ululantes. Cabe então a pergunta: - e que fez a excelente Madre? Apenas isso! – Transformou o ‘Lar de Santana’ em ‘Aparelho’.

Falou-se até em perseguição religiosa. Mas religiosa como? Algum padre foi preso, no Brasil, porque estivesse rezando a missa? ... Se cumprisse seu dever junto aos órfãos, estaria livre de tudo e de todos. Mas ela apenas usava os meninos e as meninas em favor dos assassinos.

Sua prisão provocou toda uma fúria santa. Queriam que ela continuasse escondendo, no orfanato, os terroristas? Queriam. Até que saiu a ex-comunhão. Pergunto: - excomunhão contra a freira ou freiras que instalaram um ‘Aparelho’ no dormitório dos órfãos? Seria o certo, o justo, o obrigatório. Faríamos, apenas, um reparo: - ‘Como veio tarde a excomunhão!’⁹⁵”

Tratando as “perseguições religiosas” que ocorriam no Brasil como calúnias, Nelson relatava mais um episódio de ajuda de padres e madres aos setores guerrilheiros. Em outubro de 1969 houve a invasão da instituição Lar Santana, em que a diretora era madre Maurina. Lá, havia a proteção de militantes de dissidências comunistas e ainda encontraram produtos químicos para a fabricação de bombas, o que levou a madre à prisão. Após o ocorrido houve relatos de torturas sobre madre Maurina, denunciadas pela Igreja. Ao comentar sobre o episódio, Nelson debochou do ocorrido e afirmou: “Maurina teria vivido, no xadrez, uma chanchada obscena”⁹⁶.

As representações de Nelson Rodrigues sobre a Igreja progressista não se limitaria apenas aos personagens até aqui relatados. De acordo com ele, “os padres rebeldes” teriam como grandes autores – e, sobretudo, líderes – as figuras de Dr. Alceu e D. Hélder Câmara. Estes seriam os grandes responsáveis pela indisciplina que se estendeu pela instituição católica, contribuindo para o questionamento dos dois mil anos de Igreja. Portanto, visto a importância desses personagens, são para eles que me volto.

⁹⁵A excomunhão da inocência. *O Globo*. Rio de Janeiro: 17.03.1970.

⁹⁶Falemos de Prêmio Nobel daPaz. *O Globo*. Rio de Janeiro: 06.08.1970.

1.3- Flor de Obsessão: os personagens católicos

“D. Hélder não é Arcebispo, não é o místico e nem tão pouco o guerrilheiro. Não. É o ator. Se pudesse morrer como a Sarah Bernhardt, no 5º ato de ‘A Dama das camélias’, e se, como a diva, pudesse levantar em seguida para receber os bravos, os bravíssimos e as corbeilles – D. Hélder representaria, todas as noites, o próprio assassinato.”⁹⁷

“Eu me lembro de que, antes da Esquerda Católica, não tínhamos dráculas neste país. E já os temos. Amaldiçoados? Não. Abençoados. Sim, abençoados, absolvidos, por respeitáveis homens de fé. Quando vi o Dr. Alceu falando, com indisfarçável simpatia, das guerrilhas, pensei numa outra e singular figura: - o Lawrence das Arábias. Vocês o conhecem da História e da lenda.”⁹⁸

Atores proeminentes em suas crônicas, D. Hélder Câmara e Dr. Alceu foram os personagens da Igreja progressista mais representados nas *confissões* de Nelson Rodrigues. Explicitamente, o cronista atacou essas lideranças católicas, dando continuidade às críticas outrora feitas aos padres e madres que estavam se opondo ao autoritarismo do Estado e levando para a instituição os conflitos sociais e políticos por que o país passava. As representações que foram feitas sobre eles fizeram parte do imaginário da época, legitimando uma posição de ataque difundida pelo governo militar e largamente debatida nos jornais, em que setores conservadores e reacionários apoiavam as perseguições aos religiosos e criticavam posturas progressistas como a dos atores citados.

Como visto nos trechos acima, o recurso ficcional é uma marca de Nelson Rodrigues, que, mesmo escrevendo sobre a política brasileira, não deixava para trás o dramaturgo e romancista que fora conhecido pela sociedade. Da mesma forma, a ironia também é traço da sua escrita, que se utilizou do exagero como recurso para a comicidade que faz o leitor se prender e entrelaçar-se aos casos apresentados nas páginas de *Confissões*.

A Dama das Camélias é reconhecido como um dos mais importantes romances da literatura mundial. Escrita pelo francês Alexandre Dumas Filho em meados do século XIX, a obra logo ganhou o gosto do público e passou a ser representada nos teatros. Em

⁹⁷É um ator galopando atrás de uma platéia. *O Globo*. Rio de Janeiro: 27.04.1968.

⁹⁸Os dráculas. *O Globo*. Rio de Janeiro: 05.04.1968. Rodrigues, Nelson. *A Cabra Vadia: Novas Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 242.

uma de suas mais importantes encenações, Sarah Bernhardt protagonizou o papel da cortesã que vive um romance com um nobre da corte francesa, mas ao final morre de tuberculose. Seu protagonismo triunfal na cena final levou Nelson Rodrigues a recorrer aos teatros para debochar das perseguições políticas e ameaças pelas quais D. Hélder se queixava diariamente nos jornais e na mídia. Criou-se nas suas crônicas a ideia que o Arcebispo estava fantasiando e se autopromovendo diante da sociedade, que se dividia quanto à legitimidade de seus pronunciamentos. Uns achavam exagerados, outros se chocavam diante dos atentados de pessoas próximas ao líder católico.⁹⁹

Do mesmo modo, Alceu Amoroso Lima também foi perseguido nas crônicas rodrigueanas. O segundo trecho destacado traz a comparação do jornalista e das esquerdas ao “Lawrence das Arábias”¹⁰⁰, personagem histórico representado no cinema que ao decorrer do filme passou por diversas metamorfoses. Por outro lado, Nelson Rodrigues também faz referência aos guerrilheiros e membros da “Esquerda Católica” como “dráculas” por praticarem o terrorismo, resultando num número crescente de mortes, o que era inadmissível de ser defendido por homens considerados “de fé” que exerciam posição religiosa relevante, como os personagens destacados pelo autor. A partir disso, o cronista criou diversas representações caricatas de Dr. Alceu.

Na mesma crônica, o autor retoma o personagem do cinema, buscando explicar o porquê da comparação. Afirmando que Lawrence jamais tirou a vida de ninguém, reconhecendo, desde criança, o mandamento do “não matarás”, o autor descreveu a mudança de comportamento de Lawrence a partir do momento em que ele precisou matar um semelhante:

“E, então, Lawrence preparou-se para matar. Nobilíssimos motivos o impeliavam para o assassinato. Na véspera do crime, não dormiu; passou a noite em claro. Houve um momento em que o fascinou a ideia de morrer para não matar...O diabo é que o sentimento do dever o empurrava. E o dever passa por cima dos mandamentos, por cima dos escrúpulos, por cima da misericórdia. Por dever, Lawrence saiu de casa para matar.”

“Ele, Lawrence, seria, por um momento, Deus; tiraria uma vida, como se Deus fosse. E Lawrence matou. O primeiro tiro já seria mortal. Mas a vítima poderia não morrer imediatamente e também atirar. Então, Lawrence deu o segundo tiro, igualmente mortal. Não precisava mais; ele poderia correr, pular o muro e sumir. Mas Lawrence ficou.”

⁹⁹PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: Entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997.

¹⁰⁰Lawrence das Arábias. Direção: David Lean. Roteiro: Robert Bolt e Michael Wilson. Reino Unido: 1962. Cor. [216min].

“O sujeito já estava morto, tecnicamente morto. Mas saiu o terceiro tiro. Eis a pergunta que o assassino fazia a si mesmo: - por que terceiro tiro se, desde o primeiro, a vítima já era um inequívoco, indubitável cadáver? Com grande assombro para si mesmo, continuou atirando. Quarto, quinto, sexto tiro. E só parou quando esgotou a carga...E o fato de não ter mais balas, para continuar atirando, deu-lhe um sentimento atroz de frustração. Só então fugiu.”

“O que o apavorava, em si, era a ausência de qualquer horror. Matara, pela primeira vez matara, e não estava horrorizado. Matara gostando de matar. Ao varar de balas a vítima, sentira um prazer jamais suspeitado. Era uma volúpia que não conhecia...”

“O brasileiro é uma espécie de Lawrence, na véspera do crime. Vozes piedosas, batinas consagradas e a ferocíssima Esquerda Católica doutrinam as massas sobre a “violência justificada”. Aí está uma janela aberta para o infinito. E se o brasileiro matar, um dia? E se, como Lawrence, gostar de matar? E se começar a beber o sangue como groselha?¹⁰¹”

No filme da década de 1960, Lawrence é um personagem em transformação. Se inicialmente é leve e bem humorado, no decorrer das cenas passa a ser marcado pela morte e pelo prazer em matar, transformando-se em um homem de aspecto pesado, sedento pela guerra e destruição, cujo objetivo principal passa a ser o poder. Comparando o personagem ao Dr. Alceu, podemos fazer referência às mudanças ideológicas pelas quais o intelectual católico se submeteu no decorrer dos anos.

Alceu Amoroso Lima converteu-se ao catolicismo em 1928. Influenciado por Jackson de Figueiredo, conhecido como eminente intelectual reacionário e propagador das ideias tradicionais da Igreja, Amoroso Lima vai assumir posição destacada frente o laicato brasileiro. Antes conhecido como Tristão de Athayde, escritor de crítica literária, passou a atuar nas direções do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*. Tanto a instituição quanto a revista, que era ligada ao Centro, mantinham posições conservadoras, constituindo-se num importante centro intelectual do catolicismo brasileiro. Exaltado como um católico ideal no início da década de 1940 por aceitar todas as orientações da hierarquia eclesiástica, a partir de meados da mesma década em diante, já é acusado de traidor pelos grupos tradicionalistas e integralistas da sociedade brasileira.¹⁰²

¹⁰¹Os dráculas. *O Globo*. Rio de Janeiro: 05.04.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia*. Novas Confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 244-45.

¹⁰²COSTA, Marcelo Timotheo da. *Um Itinerário no século: Mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006. P. 338.

Portanto, quando Nelson Rodrigues voltou suas críticas para Dr. Alceu, o intelectual católico já era um renomado escritor dos jornais, com grande influência sobre o pensamento católico brasileiro. Entretanto, a subserviência ao catolicismo cristão já teria dado lugar ao questionamento; se outrora era exemplo de homem católico, a partir de finais de 1940, influenciado por intelectuais franceses como Jacques Maritain, Georges Bernanos e Emmanuel Mounier¹⁰³, passou a contestar algumas das posições mais tradicionais do catolicismo. Continuava fiel à Igreja, mas defendia uma nova posição, a da instituição presente no meio social, atuando como interventora de seus processos e reconhecendo a pluralidade e a liberdade do homem. O intelectual compreendia que “a equiparação de esquerdismo com o anticatolicismo e de direitismo com o catolicismo se tornou anacrônica”.¹⁰⁴ Com isso, afastou-se da posição reacionária e integralista dos anos iniciais de sua conversão.

Foram essas mudanças que estiveram presentes nas crônicas de Nelson Rodrigues. O cronista não as aceitava, afirmava ser inviável um homem que já foi um grande exemplo católico ser a favor de guerrilheiros e terroristas. Segundo Nelson, Tristão teria deixado para trás o princípio católico do “não matarás” ao defender uma “violência justificada” pelos guerrilheiros brasileiros. Por isso, a comparação a Lawrence e à sua falta de horror à morte e ao ato de matar.

Os textos escritos por Amoroso Lima são de grande importância para conhecermos as disputas que existiram no contexto da política brasileira na década de 1960. Suas críticas diretas à ditadura civil-militar contribuíram para firmar diante a opinião pública nacional a imagem de um católico progressista, deixando para trás o integralista de outros tempos.¹⁰⁵ Em meio a esse cenário, surgem as crônicas de Nelson, travando uma batalha discursiva contra a representação católica que Tristão ainda tinha na sociedade brasileira.

Todavia, é interessante ressaltar que, antes de Alceu ser atacado nas páginas do jornal *O Globo*, Nelson Rodrigues nutria uma profunda admiração pelo intelectual, este era constantemente exaltado nas obras ficcionais do cronista, o que poderia ser um paradoxo, pois, Amoroso Lima não aprovava o teatro rodrigueliano, chegando a acusá-lo de “caso de polícia”: “- O Tristão de Athayde. É um sábio católico. Sujeito de bem, ouviu? De bem! Pois o Tristão disse que se tirassem do homem a Vida eterna – o

¹⁰³Esses intelectuais contribuíram para o pensamento de Alceu a medida que distanciaram o catolicismo das posições de direita. Para mais ver: COSTA, Marcelo Timotheo da. Op. Cit, 2006. P. 33

¹⁰⁴Idem.

¹⁰⁵Idem. P. 21

homem cairia de quatro, imediatamente!”¹⁰⁶

Quanto às críticas de Alceu ao teatro de Nelson, eram, sobretudo, morais. Inaugurador de um teatro moderno, cujo conteúdo espantava a família brasileira, a década de 1940 o considerou como o “autor maldito”. Em contraponto, representante dessa moralidade e do catolicismo conservador, Alceu protestou contra três de suas peças: *Álbum de família*, em 1946, *Senhora dos Afogados*, em 1948 e *Perdoa-me por me traíres*, de 1957, todas censuradas. Sobre essa mudança em sua posição moral, Nelson colocou:

“E, de repente, a página do mestre vira uma espécie de bang-bang, onde tudo é permitido, menos a lei. Há o sheriff? Vamos matá-lo a pauladas, como se ele fosse uma gata prenha. Como as pessoas mudam! Houve um tempo que o Dr. Alceu, ao saber da interdição da minha peça, “Álbum de família”, solidarizou-se com a polícia e aplaudiu o “puritanismo policial”.”¹⁰⁷

Ao lado de Dr. Alceu, outra grande obsessão de Nelson foi D. Hélder Câmara, o Arcebispo de Olinda e Recife. Um dos mais importantes e presentes personagens de suas crônicas, Câmara era uma grande referência da Igreja progressista. Também influenciado pelos mesmos intelectuais estrangeiros de Alceu, o Arcebispo passou por algumas transformações que o teriam levado à concepção de um “humanismo integral”, afastando-se de posições da Igreja tradicional. No lugar do autoritarismo de antes, “surge a proposta de reconciliação entre democracia e catolicismo”¹⁰⁸.

Sobre seus principais personagens católicos, Nelson afirmou:

“D. Hélder e Dr. Alceu são assuntos obsessivos. Eu podia passar anos escrevendo, ora sobre um, ora sobre o outro. Não perco um artigo do Dr. Alceu. Cada frase é um assunto. E o D. Hélder? Seria impraticável um Brasil sem o prodigiosos Arcebispo.”¹⁰⁹

Quando Nelson iniciou suas confissões, D. Hélder já era uma importante liderança católica. Se no início da sua vida eclesiástica se aproximou das concepções de direita em contraponto ao comunismo, posteriormente passaria a defender uma maior

¹⁰⁶Apud, RODRIGUES, Nelson. *O Asfalto Selvagem*. Em: CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. P. 303.

¹⁰⁷O mal deve ser permitido – diz o Dr Alceu. *O Globo*. Rio de Janeiro: 09.03.1970.

¹⁰⁸PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: Entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997.

¹⁰⁹Era católico e pediu de volta os dois mil anos de fé. *O Globo*. Rio de Janeiro: 06.06.1968.

“responsabilidade social do catolicismo”¹¹⁰, por acreditar que a Igreja não deveria ficar imune aos problemas sociais e políticos existentes. A maior atenção a essas questões fez o Arcebispo apoiar diversos movimentos que tinham como objetivo uma sociedade mais justa, levando-o ao questionamento de um governo autoritário como o implantado no Brasil a partir do golpe de 1964 e defendido por grande parte da hierarquia católica.¹¹¹

A partir dessa nova concepção, D. Hélder se voltou para trabalhos sociais que colocariam em prática sua nova postura humanitária cristã. Se inicialmente os debates do qual participou com entusiasmo na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) vão estar presentes nos ideais de novas comunidades católicas, quando houve o aumento da repressão pelo Estado, as denúncias do Arcebispo referindo-se ao desrespeito dos direitos humanos se intensificaram. A repercussão alcançou programas de rádio, televisão, além de ter havido ressonância até mesmo em outros países. À medida que o governo arrochava as perseguições sobre militantes políticos, Câmara aumentava o tom das suas denúncias, o que provocou diversas críticas de setores conservadores.

É a partir desse contexto político que as crônicas de Nelson Rodrigues apareceram. Após o golpe, oficiais e intelectuais conservadores que antes admiravam D. Hélder, passam a rotulá-lo de comunista e de “O Arcebispo Vermelho”, iniciando uma campanha de difamação que se estendeu à grande imprensa brasileira.¹¹² Podemos considerar, então, as críticas de Nelson inseridas nessas batalhas discursivas e simbólicas que têm como intuito a desmoralização de Câmara.

Conhecidos os líderes católicos e as influências que representaram para o contexto político e católico progressista do período, volto-me para as representações caricatas que foram feitas nas páginas de *Confissões*, em que o leitor é solicitado a participar, e não apenas a observar, dada a agressividade dos escritos de Nelson Rodrigues a respeito de D. Hélder e Alceu. Nelson, a partir de suas crônicas, não atuou somente como narrador dos fatos, mas participou de um debate, se posicionou. Interferiu na sua realidade.

Podemos destacar ao longo de sua coluna três grandes temas para as críticas sobre o Arcebispo e o intelectual católico. 1º: elas se ocuparam, sobretudo, das mudanças em suas posturas católicas, que para Nelson fizeram com que se afastassem

¹¹⁰PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. Op.Cit. 1997.P. 166.

¹¹¹Idem.

¹¹²SERBIN, Keneeth P. O pai do catolicismo progressista brasileiro. In: *Revista Espaço acadêmico*. Nº 93, Fevereiro de 2009.

do “verdadeiro cristianismo”; 2º: a defesa de uma “violência justificada” aparecia de modo simplificado e por vezes caricato; e, em 3º: a crítica à “autopromoção” que, principalmente, D. Hélder, teria feito em torno de si.

Ao nos debruçarmos sobre esses temas, percebemos que, por vezes, Nelson teve como objetivo desmoralizar as posições católicas e políticas de Alceu e Dom Hélder, principalmente, por se referir ao passado integralista e conservador de ambos. Se nesse momento estavam muito mais próximos da esquerda brasileira, alguns anos atrás defendiam regimes totalitários como o Fascismo, aproximando-se de um discurso de direita. Em crônica do dia 23.09.1968, Nelson Rodrigues narrou uma entrevista de D. Hélder a respeito de sua experiência integralista:

“O curioso é que ele entra para o integralismo, sai do integralismo, diz anauês, suspende os anauês, em dilaceramento. Sua flexibilidade lembra-me o anúncio da roupa. Ele senta, levanta, senta, levanta, sem nunca machucar o vinco. Seu terno interior continua perfeito. Terá uma alma de nycron? E há mais. D. Hélder sempre põe o ‘jovem’ nas nuvens. O ‘jovem’ é o certo, é o histórico, é o moderno, é o absoluto. Mas quando se trata dele mesmo, e de livrar a própria pele, declara apenas isto: - o integralismo foi, em sua vida, um ‘pecado da juventude’.¹¹³”

Quanto a Alceu, Nelson chegou a promover nas páginas de suas crônicas o encontro entre o passado verde integralista e o presente vermelho progressista de *Tristão*, em que um teria dito para o outro: “Não te conheço!”. Imaginando o espanto do leitor, promove o diálogo, característico de suas confissões:

“Estou sentindo a curiosidade aflita do leitor: - ‘Mas Dr. Alceu foi integralista?’ Foi, tanto quanto D. Hélder. Ou por outra: - este último teve a coragem, que faltou ao Tristão, de sair em desfile, a distribuir anauês, em todas as direções. Mas os artigos de Alceu, na época, não tinham o menor disfarce. E quantos se fizeram integralistas, graças à sua ação pessoal e direta.

Por que o mestre não transcreve, ao vasculhar o seu passado, os textos de sua experiência integralista e do seu anticomunismo fanático? Aí está uma pergunta que não terá resposta jamais.¹¹⁴”

Essas acusações tinham como objetivo não dar credibilidade às posições católicas assumidas por eles. Provocavam a dúvida no leitor ao mesmo tempo em que buscavam convencê-lo. Entretanto, como sabemos, muitos intelectuais e católicos se

¹¹³Era a humildade mais ululante do Brasil. *O Globo*. Rio de Janeiro: 23.09.1968.

¹¹⁴O inimigo dos fatos. *O Globo*. Rio de Janeiro: 10.03. 1971.

assumiram integralistas como contraponto ao comunismo, visto que defendiam os valores tradicionais e familiares, típicos do cristianismo. A mudança na concepção dos valores católicos a partir da década de 1950 também se chocou com esse pensamento, levando muitos católicos a compreender a religião muito além dos muros da instituição, do mesmo modo que defenderam um catolicismo mais integral e social, afastado de concepções autoritárias.

Sempre representados por um pensamento dúbio, Nelson Rodrigues procurou expor as contradições existentes nas posições de Alceu e Câmara, por isso, a referência ao seu passado integralista. Tendo como objetivo aprofundar a dúvida no leitor, o cronista difamava cada vez mais seus personagens e, para isso, questionou a fé católica de Alceu:

“No passado o notável pensador sempre teve quem o levasse, espiritualmente pela mão. Primeiro foi o Jackson, que por sinal o convertera. E se me permitem a irreverência, o Dr. Alceu dançava de acordo com o Jackson.

Mas o guia morreu e foi substituído, imediatamente por D. Leme. Viria em seguida, o jesuíta Leonel França. E assim, o nosso Tristão podia manter uma coerente, límpida, harmoniosa estrutura católica. Até que, de repente, morre também Leonel França. Começou a enorme solidão. Sempre precisara de alguém que lhe injetasse a fé...Agora, o Dr. Alceu tinha que pensar. Mas ele nunca pensara, nunca, nunca.¹¹⁵”

Nelson criou a imagem de que Alceu sempre precisou de alguém para lhe “injetar a fé” e, como todos seus líderes católicos haviam falecido, estava perdido, culminando no afastamento dos pressupostos cristãos. Tristão de Athayde passaria a ser o “ex-cristão”, um homem que fora “atacado pela doença do progressivismo” e que passou a “achar que os dois mil anos de igreja eram uma espécie de pirâmide de lixo, um monumento deignomínia. Em suma: - a igreja só valia de João XXIII para cá”¹¹⁶. O questionamento sobre a fé era uma constante de suas confissões, que a todo tempo, ressaltava os personagens como “ex-católicos” e até mesmo “cristão-ateus”. As representações caricatas se utilizaram da comicidade e muitas vezes de um ataque mais duro para desqualificar essas lideranças.

Quanto a Dom Hélder, a crítica também esteve voltada para o questionamento da fé do Arcebispo, que, segundo Nelson, sempre foi uma de suas preocupações mais aflitas. Em uma de suas crônicas, afirmou que já lhe teriam dito que D. Hélder não

¹¹⁵Eis o seu piedoso raciocínio: o motorista libertou o passarinho e, por isso, merecia a morte *O Globo*. Rio de Janeiro: 04.04.1968.

¹¹⁶Dr. Alceu e sua coqueluche. *O Globo*. Rio de Janeiro: 12.02.1971.

acreditava em nada, seria apenas um ressentido da fé perdida, “D. Hélder só olha o céu para saber se leva ou não o guarda-chuva. Põe-se na janela como Carolina, mas com desígnios meteorológicos”¹¹⁷. “Teimando” em acreditar em tal “absurdo”, Nelson teria se aproximado do padre belga José Comblin, íntimo de Câmara. Como acordado em uma entrevista imaginária, realizada em meio ao cenário típico com a cabra vadia, Comblin enfiou um cigarro na piteira e disparou:

“- D. Hélder não existe. Nem eu existo.” O meu escândalo não tem fim: - ‘Nem o senhor, nem D. Hélder?’ Riu: - ‘Exatamente. O senhor já ouviu falar no Diabo? Ouviu. Muito bem: - O Diabo tem inumeráveis caracterizações. Assume as caras, os ternos, os sapatos mais imprevisíveis. D. Hélder é uma das formas que satã usa na batalha contra Deus. E o Tristão de Athayde? Outra ótima caracterização do Diabo.’”¹¹⁸

A comparação de D. Hélder e Alceu ao Diabo é uma boa demonstração das caracterizações ilimitadas feitas em suas crônicas. Marcadas pela ironia, o autor tentou por diversos recursos linguísticos minar a legitimidade deles frente ao catolicismo. O cronista foi um grande propagador dos ataques que tanto o Arcebispo quanto o intelectual católico sofreram na imprensa brasileira¹¹⁹. Para Nelson, o verdadeiro catolicismo não estaria representado nessas lideranças, elas não reconheciam a hierarquia eclesiástica, criticavam os dois milênios da instituição e deixavam para trás fundamentos religiosos inquestionáveis.

Nelson Rodrigues não admitiu a influência progressista sobre a Igreja. Por isso, representou esses atores como desvinculados da tradição eclesiástica e muito mais próximos a um “cristianismo ateu”, em que, no lugar das missas, da “Ave Maria” e do “Padre Nosso”, estariam os valores marxistas.¹²⁰ Deixando de problematizar as novas propostas eclesiásticas que tiveram como expoentes esses dois personagens católicos, o intuito de Nelson foi criar um cenário para ridicularizá-los, como exemplifica a passagem abaixo, em referência à defesa de D. Hélder por uma missa mais popular, se aproximando dos fiéis:

“Li aquilo e reli. Por um momento, imaginei uma catedral. Passo a

¹¹⁷ Chega à janela e olha o céu. Será o apelo de uma fé perdida? *O Globo*. Rio de Janeiro: 29.12.1967. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio Ululante*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

¹¹⁸ Diz-se cristão e propõe uma Igreja de lama e sangue. *O Globo*. Rio de Janeiro: 18.06.1968.

¹¹⁹ Para mais ver: FERRARINI, Sebastião Antônio. *A imprensa e o Arcebispo vermelho*. São Paulo: Paulinas, 1992.

¹²⁰ Crônica publicada no jornal *O Globo* em 08.03.1969.

outro tópico porque o assunto justifica.

Estamos na catedral. Já começou a missa. Mas não uma missa como há muitas, há milhares, como há milhões. Não e absolutamente. Desta feita, a missa, a santa missa tem, por fundo, ‘mamãe eu quero mamar’. Lá estão os padres, os coroinhas. E ao mesmo tempo que cumprem o cerimonial, os padres e os coroinhas fazem toda uma ginga de ventre e quadris e sambam com uma impressionante variedade rítmica.¹²¹”

Tal representação permitiu que Nelson Rodrigues comparasse D. Hélder ao palhaço Chacrinha, ironizando o sacerdote ao aproximá-lo de uma figura caricata e cômica. E, vai além, ao colocar “*a missa de gafeira*” abaixo do nível do programa do humorista. Por outro lado, do mesmo modo afirmava que D. Hélder teria feito “a fé em termos de gafeira”, insinuando que o Arcebispo não acreditaria em Deus. Através de uma “entrevista imaginária”, Nelson perguntou: “- O senhor acredita em Deus?” e a resposta veio fulminante: -“O senhor acredita em papai noel?” Ambos responderam que não.¹²²

Ao lado dessas acusações relacionadas à fé, apareciam outras ainda mais graves. Ao desvincular as declarações de D. Hélder e Dr. Alceu do contexto em que eram escritas ou discursadas, criava personagens que se utilizavam da influência cristã para propagar a violência na sociedade brasileira. De acordo com o cronista, Amoroso Lima e Câmara pregavam a guerra civil ao aceitar a luta armada como meio de defesa.

“Mas o fato está de pé: - um pensador católico vem á boca da cena e com um piparote, derruba o velho e tolo mandamento, que é o ‘Não matarás’...O que importa, como sintoma de Brasil, é a posição de um pensador católico que oferece, de graça, uma cobertura cristã para os ‘crimes justos’.¹²³”

O trecho acima faz referência ao episódio que teria sido relatado por Dr. Alceu. De acordo com o que foi tema de várias crônicas, o pensador católico disse haver a “violência justificada” e para isso, citou o exemplo de um motorista de ônibus que ao expulsar um camponês nordestino acompanhado de um passarinho na gaiola, o camponês teria atacado o motorista com a sua peixeira, pois a expulsão causou a fuga do animal. Diante do episódio, a figura de Alceu foi comparada ao conde Drácula, pois não havia preocupação com o sangue humano, perdendo-se qualquer noção dos valores

¹²¹Crônica originalmente publicada no jornal *O Globo* no dia 03.04.1968. Encontrada em RODRIGUES, Nelson. *O óbvio Ululante: As primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 402.

¹²²Crônica publicada no jornal *O Globo* em 07.04.1969.

¹²³Victor Hugo não podia passar sem Napoleão, o Grande. Outros não podem passar sem Dr. Alceu. *O Globo*. Rio de Janeiro: 06.04.1968.

católicos.

A admiração que outrora nutria pelos líderes dava lugar à acusação desmedida que levou à difamação dos personagens. Tanto questões particulares como a do camponês até a abordagem de problemas políticos estiveram presentes nas páginas de *Confissões*. A utilização da violência como meio de luta contra a ditadura foi assunto recorrente para além das crônicas. Embora D. Hélder e Alceu não tenham sido defensores da luta armada, a radicalização da ditadura os levou a respeitar algumas posturas mais extremadas da esquerda brasileira, como a utilização da violência. Posturas imperdoáveis que ganharam grande ênfase nas crônicas, ressaltando que para os personagens “Seu Cristo era um guerrilheiro, um terrorista, uma maníaco homicida”, caricaturando questões essenciais da vida política e social brasileira, e utilizando seu espaço jornalístico para atacar D. Hélder: “Um homem de fé que acredita mais no fuzil do que na oração”¹²⁴ e sobre Alceu afirmou que este propõe “comparar os terroristas aos santos e heróis do cristianismo”¹²⁵.

Compondo diversas páginas de *Confissões*, as representações de D. Hélder não se restringiram apenas a difamar por meio do humor, elas passaram também a conter um tom agressivo, que, embora não deixasse completamente de lado a comicidade, partiam para o ataque:

“Bem. Não quero ser enfático. Mas sinto que há muita gente ensinando ódio a oitenta milhões de brasileiros. Falo, sobretudo, da ferocíssima ‘Esquerda Católica’. Vozes piedosas, batinas consagradas, doutrinam as massas sobre a ‘violência justificada’. D. Hélder diz, com a maior nitidez: ‘Respeito aqueles que, em consciência, sentem-se obrigados a optar pela violência’. Mas específica: ‘NÃO A VIOLÊNCIA FÁCIL DOS GUERRILHEIROS DE SALÃO’. Ora, ‘o guerrilheiro de salão’ é o que não mata. Faz uma pose inofensiva e só. O bom Arcebispo devia abençoá-lo. Mas D. Hélder quer a ‘guerrilha de verdade’, a guerrilha de sangue.”¹²⁶

Não é de interesse deste trabalho analisar se tais discursos proferidos ora por Alceu, ora por D. Hélder são verdadeiros. O objetivo é analisar como Nelson Rodrigues se apropriou desses discursos e os explorou a fim de criticar e desmoralizar as posições que esses personagens teriam frente à sociedade católica. Os ataques sofridos por D. Hélder nas crônicas de Nelson procuravam sempre desvinculá-lo dos valores cristãos,

¹²⁴É um simples mordedor de orelhas. *O Globo*. Rio de Janeiro: 15.04.1969.

¹²⁵O verdadeiro Dr. Alceu. *O Globo*. Rio de Janeiro: 19.03.1971.

¹²⁶Sangue não é groselha. *O Globo*. Rio de Janeiro: 07.06.1969.

conforme demonstrado no trecho acima, em que o Arcebispo aparece como um propagador do ódio e defensor da matança generalizada, em contraponto àqueles que nada faziam para “salvar a pátria”. Em outra crônica, Nelson continua:

“E, da forma mais límpida, inequívoca – justifica, absolve e glorifica o terrorismo como uma TENTATIVA DE LIBERTAR O NOSSO POVO. Se o terrorista quer salvar a pátria, vivam os assassinos e morram as vítimas, abençoados os que matam e maldito os que morrem...

O importante é que o Arcebispo afirma: - o terrorista está tentando SALVAR A PÁTRIA. Sendo assim, nada de condená-lo.^{127,}”

O prestígio que D. Hélder possuía, tanto na Igreja quanto na sociedade, incomodava Nelson Rodrigues. O autor via em suas atitudes o desvirtuamento da fé e o abandono das concepções tradicionais da instituição eclesiástica. Para Nelson, era incabível que o padre preferisse se dedicar aos problemas sociais e políticos ao exercício tradicional da fé, relegando-a a segundo plano. Por isso a insistência em difamar o Arcebispo. O cronista chega a fazer a comparação de D. Hélder a Lutero, o homem do século XVI responsável pela ruptura do cristianismo:

“ ‘O católico’ piscava o olho: ‘Temos um Lutero em Pernambuco’. Na minha aguda perplexidade, eu ouvia só. E o outro: - ‘Lutero é D. Hélder. Lutero Câmara’. Estou espantado: - ‘Por que Lutero?’ O visitante está com as duas mãos pousadas nos joelhos. Explica que o Arcebispo de Olinda e Recife está fazendo exatamente o papel de Lutero.^{128,}”

A referência pode ser entendida como um paralelo à divisão que D. Hélder vinha a provocar na Igreja. De um lado, homens com posições conservadoras e tradicionais da instituição o criticavam; de outro, setores progressistas preocupados em denunciar os abusos cometidos pelo Estado o apoiavam. Em meados da década de 1960 e no decorrer da de 1970, a instituição eclesiástica se dividiu quanto os rumos da Igreja. Para os católicos conservadores, a “ação dos revolucionários comunistas significava uma continuação da obra destruidora da Reforma”¹²⁹.

Novamente, deixando transparecer o dramaturgo dos teatros, Nelson criou em suas crônicas a fantasia de uma peça encenada por D. Hélder, em que este apoiaria os terroristas:

¹²⁷A autocrítica que não foi feita. *O Globo*. Rio de Janeiro:25.09.1970.

¹²⁸Lutero baixou em Pernambuco. *O Globo*. Rio de Janeiro:01.08.1969.

¹²⁹MOTTA, Rodrigo. Op. Cit. 2002. P. 19.

“Tive a ideia da minha próxima peça. Vejamos o título: - ‘O berçário’. Tudo começa exatamente num berçário de luxo. Todos os recém-nascidos, sem exceção são das melhores famílias do Brasil, isto é, das famílias que tem mais dinheiro e mais poder. Um dia os terroristas passam no berçário e levam os recém-nascidos. Têm a ficha de cada um. Entre os sequestrados está a netinha da grã-fina maravilhosa, sim, da grã-fina que não consegue envelhecer. Os terroristas ligam para a feliz avó: - ‘A senhora vai mandar um milhão de dólares e suas três filhas moças. Ou faz isso ou recebe o cadáver de sua netinha numa caixinha de sapato’. Ah, o que eu não disse é que a santa senhora tinha 3 filhas adolescentes...Assim começa a peça. O Brasil começa a discutir se as exigências devem ser atendidas, quaisquer que sejam. Ao mesmo tempo vem a dúvida: - estariam blefando? Para provar não estarem blefando, os terroristas mandam o cadáver de um dos recém nascidos numa caixa de sapatos¹³⁰.”

Em outra crônica, retoma o assunto:

“As pessoas que conheceram o rascunho da minha peça batem na tecla obsessiva: - a inverossimilhança. Ninguém faria a ‘Operação Berçário’. O próprio ‘Arcebispo Vermelho’, como tipo, como personagem, é o que há de mais irreal. Confesso que cheguei a duvidar da história, do seu dramatismo. Súbito, porém, acontece o que todas as manchetes contaram: - os terroristas assaltaram um hospital... Vejam como o terrorismo se aproxima da minha peça. Há pouco, foi um hospital. Por que não será, mais adiante, um berçário? Dizia-me, ontem, um amigo: - ‘Sua ficção está sendo passada pra trás’. A peça termina como o ‘Arcebispo Vermelho’ balbuciando para os terroristas, sim, os terroristas que enforcam recém nascidos nas fraldinhas: - ‘Eu os amo, eu os amo!’ E um pensador católico chamará os assassinos de mártires e heróis do cristianismo.¹³¹”

Através dos trechos destacados, o cronista procurou chocar o leitor ao demonstrar a falta de limites dos grupos guerrilheiros ao referir-se à invasão de um berçário. A fabulação envolvendo personagens da sociedade propôs insinuar o perigo ao qual estaria submetida, visto que os terroristas contavam com o apoio de D. Hélder.

Quanto a Alceu, também sofreu tanto quanto D. Hélder as difamações expostas nas crônicas. Os assuntos debatidos por Alceu nas páginas do *Jornal do Brasil* sempre eram rebatidos por Nelson em suas confissões. Por isso, as críticas feitas ao governo encontravam um leitor que se propôs defender as acusações, levando essas discussões para a imprensa. Descrevendo um trecho de um dos últimos artigos de Tristão, Nelson escreveu:

¹³⁰Uma peça chamada “O Berçário. *O Globo*. Rio de Janeiro: 30.06. 1970.

¹³¹História de recém casados. *O Globo*. Rio de Janeiro:05.05.1971.

“Diz ele: - ‘o terrorismo é um efeito. Não uma causa’. Meu Deus, tudo o que se faz tem uma causa. Se a galinha pula a cerca do vizinho, não foi por turismo, o que já seria uma causa. Pulou o muro, repito, porque não comia bastante milho. Mas continua o líder da esquerda católica (que absolutamente não é católica) – o terrorismo é a reação violenta e selvagem contra a opressão econômica etc,etc, contra as ditaduras políticas que perseguem os adversários etc,etc. portanto, se é uma reação contra a agressão, como não justificar o terrorismo? E assim dizendo uma coisa, e logo o desdizendo, o excelente Alceu vai até o fim...Portanto, segundo o Dr. Alceu a paz e a justiça exigem que os terroristas continuem seqüestrando e o governo continue cedendo.¹³²”

Sua crônica aponta para um Alceu que propôs justificar a violência feita por alguns membros da esquerda. Para o intelectual, elas seriam aceitas à medida que o governo arrojava as perseguições políticas e enquadrava os membros de esquerda aos processos de tortura denunciados. Entretanto, embora não acreditasse nessa radicalização do regime militar, Nelson se espantou diante as declarações do sábio católico, pois os valores cristãos deveriam estar acima de tudo e não seriam compatíveis com o terror realizado por guerrilheiros. Para ele, o conflito entre Igreja e Estado não existia. A questão religiosa não se fazia representada por membros da esquerda, o que havia era um “caso de polícia”.

E, enquanto diversos representantes desse catolicismo apareciam presos, Alceu Amoroso e D. Hélder continuavam soltos. Quanto ao primeiro, é recorrente a afirmativa de Nelson de que sua prisão não era decretada assim como seus artigos não eram censurados graças ao prestígio que tinha frente aos intelectuais. A prisão ou sumiço do sábio católico poderia lhe dar uma maior repercussão, o que agravaria as denúncias sobre o governo. Todavia, Nelson se aproveitou da situação e criticou as acusações de Alceu sobre a suposta ausência de liberdade que o regime impunha:

“Mas que diz o notável pensador? Diz que não temos liberdade. E, afirma, sob palavra de honra, que aqui ninguém pode falar contra o Governo. Nova pergunta do leitor: - Como não pode falar, se ele não faz outra coisa senão falar? E insiste: - Não há o direito de crítica? Mas ele todos os dias mete o pau nas autoridades. Todas as bocas estão amordaçadas? Menos a dele. Há silêncio sepulcral. Silêncio? E o Dr. Alceu berra. Que silêncio ululante... De onde lhe vem o privilégio abusivo e comprometedor? Ele me deve esta explicação ou, pelo menos, precisa declarar: - “Meus senhores e minhas senhoras, não sei por que a revolução me trata a pires de leite como uma úlcera”.¹³³”

¹³²A bela página do Dr. Alceu. *O Globo*. Rio de Janeiro: 27.04. 1969.

¹³³O autor quenão é nem Proust, nem Flaubert. *O Globo*. Rio de Janeiro: 27.06. 1970.

Quanto a D. Hélder, suas acusações não passariam de uma autopromoção. Representado como o “Arcebispo Vermelho”, o católico só teria ganhado prestígio graças ao seu “poder de retórica”, que se valia da posição geográfica que estava, assim como dos modismos da época. “*Galopando atrás de uma platéia*”, D. Hélder seria capaz até mesmo de promover o seu próprio assassinato, como já fora demonstrado em trechos analisados nesse capítulo. Para Nelson, sua liberdade seria o pior desprezo que o líder católico poderia sofrer.

Como acontecia com Amoroso Lima, a prisão de D. Hélder não se realizava. Embora tivesse uma posição atuante na política de resistência ao governo dos militares, denunciando os abusos de poder e até mesmo chegando a acusar o Estado de torturar seus cidadãos, o regime não lhe repreendia. Não que suas acusações passassem despercebidas; a notoriedade que seus discursos ganharam na grande imprensa, tanto brasileira quanto internacional, levou o Vaticano a proibir qualquer pronunciamento do Arcebispo. Da mesma forma, o governo censurou todas as reportagens de D. Hélder e sobre ele, mesmo que estas falassem mal¹³⁴. Curioso é notar que as crônicas de Nelson continuaram com a mesma postura acusatória e desmoralizante do líder católico, sem sofrer nenhuma interdição.

Desde a década de 1950, D. Hélder já vinha sendo difamado na imprensa, chamado de “vedete” por participar de inúmeros programas de televisão.¹³⁵ Por tais motivos, o líder católico também foi uma “obsessão” de Nelson em suas crônicas. Caracterizado como a pessoa “mais jornalística de nossa época”, viu constantemente seu nome ridicularizado nas páginas de *Confissões*. Acusado de forjar as perseguições políticas que vinha sofrendo, D. Hélder apenas queria sua prisão para aparecer na mídia. Em crônica intitulada “O mártir sem martírio”, o cronista afirmou:

“Há jornais que já o chamam futuro Prêmio Nobel da Paz. No seu narcisismo feroz, manda-se para Estocolmo. E fará tudo para ser isso mesmo – Prêmio Nobel da Paz...

Percorre toda a Europa com seu ódio turístico. Por onde passa apresenta uma imagem do Brasil, que é a de uma pátria hedionda...

O que se esconde ou, por outra, o que não se esconde por trás de suas palavras. Ah, seus desígnios são de uma nitidez total. Quer ser preso. Por enquanto, é um mártir sem martírio. E a prisão seria o martírio promocional. Mas o governo tem frustrado todas as suas provocações.

¹³⁴Sobre, ver: PRAXEDES, Walter e PILETTI, Nelson. Op. Cit. São Paulo: Ática, 1997. P. 386-387.

¹³⁵Idem.

Simplemente ninguém o prende. Cada quarto de hora de liberdade é um desgaste.¹³⁶”

Entre as páginas de suas crônicas não havia o reconhecimento da importância que D. Hélder Câmara representava para o catolicismo brasileiro. Se durante a década de 1970 ele era reconhecido como uma importante liderança da luta em defesa dos direitos humanos e da paz mundial, isso não era apresentado nas crônicas; pelo contrário, a sua indicação ao Nobel da Paz de 1970 foi ironizada em diversas Confissões que se resumiam a atacar o Arcebispo diante do seu apoio à “Esquerda católica” e à luta armada como alternativa de oposição política. As suas denúncias eram vistas como maneiras de chamar a atenção, de se “autopromover”.

“O que se insinua, em cada gesto, em cada palavra de sua conferência, é a pura vaidade. O nosso arcebispo faz-me lembrar aquela figura de ficção. Imaginem um sujeito que, em cima do meio fio, espiava um grande enterro. Ao ver os cavalos de penacho, as coroas, o acompanhamento, invejou o defunto e quis estar ali, dentro daquele caixão de primeira. D. Hélder gostaria de ter as manchetes de Kennedy, as primeiras páginas de Guevara, a promoção de Luther King.¹³⁷”

As criações ao redor de D. Hélder foram tantas que algumas vezes Nelson Rodrigues chegou a compará-lo ao “faquir de Kafka”, personagem fictício especialista em jejum. Ao jejuar, o faquir se exibia aos espectadores como uma atração artística, um entretenimento. A referência do Arcebispo a esse personagem pode ser percebida como um recurso para acusá-lo de exibicionista, ao interpretar cada gesto seu como um movimento artístico.

Percebe-se ao longo de inúmeras crônicas sobre o Arcebispo que as *confissões* de Nelson apresentaram uma imagem distorcida daquele que foi considerado um grande representante da defesa dos direitos humanos e do cristianismo integral. D. Hélder se esforçou para aproximar o fiel da Igreja, restrito às teorias do evangelho das práticas sociais. Com a proposta de desqualificar o líder católico, Nelson também reforçou a acusação de que D. Hélder era financiado pelo Partido Comunista e até mesmo pelos guerrilheiros nas suas viagens. Discurso que fazia parte das acusações militares e dos setores conservadores da sociedade.

¹³⁶O mártir sem martírio. *O Globo*. Rio de Janeiro: 01.06. 1970.

¹³⁷É um ator galopando atrás de uma plateia *O Globo*. Rio de Janeiro:27.04.1968.

Contudo, é válido ressaltar que, durante a década de 1980, após Nelson já saber sobre a existência da tortura no Brasil e com os novos ventos que rumavam à defesa democrática, houve entre os intelectuais reacionários¹³⁸ uma mudança quanto à opinião sobre o líder católico. Este não representaria mais uma “ameaça”. De acordo com Nelson Rodrigues: “Com a vinda do papa ao Brasil, eu diria que Cristo baixou em D. Hélder, hoje, é um outro dom Hélder, e ele mostra que é um homem que não apodreceu, que não aceitou o próprio suicídio moral”.¹³⁹ Podemos interpretar essa postura como um processo da “abertura democrática” pela qual o país passava. Não havia sido D. Hélder que teria mudado suas posições e, sim, a percepção sobre a política entre os intelectuais conservadores brasileiros.

Sob esta perspectiva, os debates proferidos por Nelson Rodrigues fizeram parte de uma cultura política que enxergava o catolicismo progressista como um desdobramento dos avanços comunistas sobre o Brasil. A partir disso, Nelson criticou e desmoralizou nas páginas dos jornais esses grupos que procuravam alternativas ao autoritarismo que também se fazia presente na instituição eclesiástica, contribuindo, deste modo, para a legitimação da permanência dos militares no poder.

¹³⁸Praxedes e Piletti identificam além de Nelson Rodrigues, Gilberto Freyre e Wandenkolk Wanderley como intelectuais que demonstraram mudança no tratamento dirigido a dom Hélder, como aparece em matéria publicada na revista Veja em setembro de 1980. Ver: PRAXEDES, Walter e PILETTI, Nelson. Op. Cit. 1997.

¹³⁹Matéria publicada pela Revista Veja em Setembro de 1980. Retirado de PRAXEDES, Walter e PILETTI, Nelson. Op. Cit. 1997.

Capítulo 2: Em Nome da Pátria: Nelson Rodrigues Nacionalista

2.1- Soluçava: - “O Brasil não é uma nação! É um terreno baldio!”

“Quase no fim da conversa retrospectiva o Neves pergunta, à queima roupa: - ‘Você não é universalista? Ou é?’ Não entendi nada. Limpo um pigarro: - ‘Universalista como?’ Veio a explicação: - ‘Você só fala no Brasil. E acusa as esquerdas de alienadas.’ Pausa e diz: - ‘Mas você se esquece que as esquerdas são universalistas.’(...) E continuei, no mesmo nível superior de Neves: - ‘Está certo que as esquerdas sejam universalistas. Mas por que não põem o Brasil ao menos no galinheiro do seu universo? Você não acha que as esquerdas podiam reservar um poleiro para o Brasil?’¹⁴⁰”

Como exposto no primeiro capítulo, os personagens de Nelson Rodrigues ganharam a realidade a partir das suas crônicas. Tornando vivas as ideias do dramaturgo, o caráter fictício de seus personagens logo foi aceito pelo leitor, que passou a significá-los como reais, principalmente, ao serem relacionados ao contexto em que foram criados. Neves era um desses personagens. Sua aparição não era tão recorrente, mas Nelson o utilizava, assim como outros personagens seus, como uma ponte para um diálogo de crítica que ele mantinha, principalmente, com os setores de esquerda. O trecho acima enfatiza exatamente essa relação. Trata-se de uma representação que ressalta a postura autoritária e superior com a qual os grupos de esquerda defendiam suas posições políticas, enquanto Nelson aparece numa posição de questionador, sobretudo, acerca da dimensão universalista e internacionalista que ganhava a esquerda brasileira.

Essas questões foram constantes em suas crônicas, a vinculação dos comunistas ao Estado soviético levou Nelson a criticar as esquerdas, acusando-as de antibrasileiras, antinacionalistas e distantes das causas políticas e sociais do Brasil. Tais argumentos condiziam com o pensamento anticomunista presente no país, que procurava focar na personificação do comunista, criando sobre ele a figura do “estrangeiro, do alienígena,

¹⁴⁰Só faltou jurar: “Pior do que marido velho é o jovem marido” Em: *O Globo*. Rio de Janeiro, 18.05.1968.

em outra palavra, do outro”¹⁴¹, como se houvesse uma distância entre o homem comunista e o Brasil. O objetivo era apresentar esses homens como seres estranhos para deslegitimar suas atitudes e concepções.

De acordo com Rodrigo Motta, no caso do Brasil, o fortalecimento do ataque sobre os comunistas ganhou uma maior projeção a partir de 1930, quando o Partido Comunista conquistou número expressivo de adeptos e, em 1935, ocorreu a “Intentona comunista”, percebida por alguns como uma séria ameaça aos setores conservadores da sociedade, contribuindo para a instauração do Estado Novo¹⁴². Portanto, a partir de 1964, estas representações foram “ritualizadas e enfatizadas” de acordo com um discurso anticomunista já presente na sociedade brasileira, sendo “adaptado e utilizado para combater as organizações de esquerda”¹⁴³.

Como podemos acompanhar em suas crônicas, inúmeras vezes Nelson atuou como personagem de suas *confissões*, conforme apresenta o mesmo trecho, ao se colocar como um defensor da pátria, um ufanista que identificava a esquerda como uma inimiga da nação. Portanto, devido a proximidade de diálogo entre o seu discurso e o discurso oficial do governo, as crônicas de teor nacionalista também constituíram uma importante referência para compreender as batalhas discursivas da época.

O nacionalismo pode ser considerado uma matriz anticomunista à medida que entendemos a nação por um viés conservador, “como um conjunto orgânico, unidade superior a qualquer conflito social”, que enfatiza a “defesa da ordem, da tradição, da integração e da centralização”. A valorização do povo brasileiro em união ao seu território e ao Estado, como um “objeto sagrado” também é ressaltado¹⁴⁴. Em contraponto, os comunistas foram tratados como ameaça a essa nação, ao serem representados como um grupo que enfatizava mais as noções de classe do que a unidade nacional e defenderem uma concepção de nacionalismo que denunciava o imperialismo ao mesmo tempo em que procuravam o fortalecimento do Estado, o que foi desqualificado pelos anticomunistas, que os acusavam de falsos nacionalistas, e até mesmo, “nacionalistas russos”.¹⁴⁵

¹⁴¹MOTTA, Rodrigo. Op. Cit. 2002 p. 34

¹⁴²Idem.

¹⁴³GASPAROTTO, Alessandra. “*O terror renegado: uma reflexão sobre os episódios de retratação pública protagonizados por integrantes de organizações de combate à Ditadura civil-militar no Brasil (1970-1975)*”. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. P. 144.

¹⁴⁴MOTTA, Rodrigo. Op. Cit. 2002. P. 29.

¹⁴⁵Idem.

Por essas questões, o presente capítulo ressaltará como as *Confissões* de Nelson Rodrigues fizeram parte desse imaginário e contribuíram para essa representação. Do mesmo modo que vimos no primeiro capítulo, em que os movimentos católicos progressistas foram interpretados como uma ameaça à moralidade e ao catolicismo, os comunistas também foram colocados como uma ameaça à pátria, contribuindo para que importantes setores da sociedade brasileira apoiassem o golpe e legitimassem a presença dos militares como uma defesa à unidade nacional brasileira.

“No momento só me interessa um fato: - a solidão do Brasil. Cuidar do Vietnã, de Cuba, da África, é a melhor maneira de não fazer nada, de não sair do Antonio’s, de não deixar a praia. Há todo um Brasil por fazer. E o ópio ideológico justifica e absolve a nossa deslavada ociosidade.”¹⁴⁶

A ociosidade dos grupos de esquerda era constantemente retratada nas páginas de *confissões*. Partindo dos mesmos recursos linguísticos utilizados para criticar os católicos progressistas, o cronista buscava no deboche e na ironia os meios para caracterizar os militantes de modo pejorativo. Representados como um grupo constituído pelas classes dominantes, as esquerdas tinham suas atitudes revolucionárias ridicularizadas. O cronista enfatizava um comportamento boêmio e utópico de suas ações. Um discurso que culminou para o autor, na denominação de “esquerda festiva”, ou seja, um grupo, sobretudo, composto por jovens, que faziam da sua ideologia uma pose, uma autopromoção que era vista nas praias e nos botecos ideológicos. Moradoras da zona sul do Rio de Janeiro, as esquerdas nada conheceriam sobre o povo, se restringiam nas suas crônicas a frequentar a praia do Leblon pela manhã e, no mesmo bairro, o Antônio’s à noite, este último, o principal exemplo de “boteco ideológico” – “lugar onde as esquerdas vão gorjear seus palavrões”¹⁴⁷. Em crônica de 1968, o autor colocou:

“Justiça se lhes faça: - são as esquerdas mais plásticas do mundo. Fazem caras, e gesticulam, e saltam, e sapateiam, e atropelam, e cavalgam as cadeiras e trepam nas mesas. Eis o que eu queria dizer: - vale a pena atravessar três desertos para vê-las.”¹⁴⁸

¹⁴⁶RODRIGUES, Nelson. *Primeiras confissões: O Óbvio Ululante*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 294.

¹⁴⁷RODRIGUES, Nelson. Os botecos ideológicos da cidade. *Primeiras confissões: O Óbvio Ululante*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 133.

¹⁴⁸RODRIGUES, Nelson. *Novas Confissões: A cabra vadia*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 332.

A representação acima enfatiza o comportamento das esquerdas no bar Antonio's. A imagem retratada para o leitor é de uma esquerda extravagante, embriagada, sem virtude e artificial, que faz de cada gesto seu uma pose. Por conta dessa imagem, ao mesmo tempo em que provocava o deboche, arrancando risos dos leitores, estava contida a crítica aos projetos revolucionários desse grupo. Explorando a comicidade, Nelson fazia considerações relevantes para o contexto do período, principalmente no que concerne a distância política das esquerdas para o povo, que estariam habitados para além da praça Saens Peña, na Tijuca, bairro de classe média da zona norte.

Para Nelson Rodrigues, as causas defendidas pelas esquerdas não coincidiam com os problemas do Brasil, que, por vezes, era descrito nas suas confissões como um “imenso terreno baldio”, justamente para dar a impressão de abandonado. A fome do Amazonas, que atacava diversas outras regiões, a seca do nordeste e a miséria de grande parte das famílias brasileiras eram temas que apareciam nas crônicas como urgentes.¹⁴⁹ Portanto, eles não podiam ser esquecidos diante de problemas tão distantes do brasileiro, como a guerra do Vietnã e a revolução cubana, recorrentes nas manifestações dos grupos de esquerda.

“Comecei a me lembrar de coisas que estavam enterradas, na memória, como sapos de macumba. E, de repente, lembrei-me também das nossas passeatas. Os manifestantes eram jovens que só conheciam do mundo o trecho que vai até a Praça Saenz Pena. Jamais tinham ido além do Grajaú. Os cartazes só falavam em Vietnam, Cuba, China, Mao Tsé-tung, Guevara. Passaram pelo Teatro Municipal e o picharam, de alto a baixo, com vivas a Cuba. O nome do Brasil não foi escrito nos muros nem como palavrão. Nunca me esqueço de um dos cartazes com este brado de sangue: - “MUERTE”. A minha vizinha, tão gorda e tão patusca, diria que todos, ali, tinham vergonha de ser brasileiros e queriam esquecer o Brasil.¹⁵⁰”

A crítica inserida acima fazia parte de um contexto maior, que visava a desqualificação dos projetos revolucionários de esquerda. Enquanto Nelson Rodrigues ridicularizava-as, o governo brasileiro se empenhava durante os anos de ditadura em acusá-las de comunistas e, posteriormente, terroristas, o que se tornou ainda mais forte a

¹⁴⁹Sobre o assunto ver crônicas dos dias 28.02.1968 e 30.04.1968. Em: *Primeiras confissões: O Óbvio Ululante*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 230 e 325.

¹⁵⁰E continua a solidão do Brasil. Em *O Globo*. Rio de Janeiro, 13.12.1968.

partir de 1968, quando uma parcela dos membros da esquerda aderiu à luta armada, como veremos adiante.

Referindo-se à famosa “Passeata dos Cem Mil”, Nelson representou o evento como um dos maiores exemplos da ausência do povo nas causas das esquerdas. Como o próprio afirmou, seria uma de suas obsessões¹⁵¹. Para ele, as passeatas eram constituídas pelas “classes dominantes”, que nada conheciam das mazelas sociais que se encontravam para além da zona norte do Rio de Janeiro. Ao buscar legitimidade para o discurso, o cronista enfatizou, através das inúmeras *confissões* que escreveu sobre o evento, as atitudes antinacionalistas, assim como o comportamento elitista e autopromocional dos participantes da manifestação.

Novamente, Nelson Rodrigues recorria a uma de suas personagens, dessa vez, sua “vizinha gorda e patusca” para inserir a crítica. Esse recurso, típico de suas crônicas, permitia ao cronista uma plena liberdade para julgar. A colocação da personagem se valerá para isso, ela vai julgar e Nelson – personagem – se eximir. Por outro lado, a palavra “Muerte” simbolizaria a negação da língua portuguesa, o descomprometimento patriótico e a extrema valorização de questões internacionais, o que fazia do Brasil um “fabuloso elefante geográfico”¹⁵². Mas, para Nelson, havia uma explicação para o que ocorria naquelas passeatas. Longe de representarem o brasileiro, os que marchavam dando “vivas à Cuba” nada tinham em comum com nosso povo:

“(…) apanhei o número de *Manchete* referente à passeata dos Cem Mil. (...) E, então, comecei a repassar as fotografias dos Cem Mil. (...) Como se sabe, convém não confiar muito na memória. Todos nós somos vítimas de falsas lembranças. Sim, a memória tem suas alucinações. (...) Mas a fotografia não costuma mentir. Não sei se estavam presentes os Cem Mil. Talvez os Cem Mil fossem, digamos, a metade e, portanto, Cinquenta Mil. De qualquer forma, eis uma massa bastante apreciável. (...) Até aquela data, só o futebol conseguiu juntar 50 mil brasileiros. (...) Cada qual levava no bolso a sua ideologia, que era a mesma em todos os bolsos. Na época, escrevi que não se encontrava, entre os Cem Mil, ou cinquenta, ou até 25, nenhum preto. Eu estive lá espiando. Fui testemunha auditiva e ocular da marcha. Como sou uma ‘flor de obsessão’, não me saía da cabeça a ausência do negro. Se eu descobrisse um – não dois ou três, mas um, somente um –, já me daria por muito satisfeito. (...) E outra observação, que me deu o que pensar: – os Cem Mil tinham uma saúde dentária de anúncio dentifrício. Objetará alguém que muitos estariam de boca fechada. Absolutamente. Estava todo mundo de boca aberta (como no

¹⁵¹RODRIGUES, Nelson. O grande inimigo do escrete:- o entendido. *O Reacionário: memória e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 664.

¹⁵²RODRIGUES, Nelson. *Alienação*. Op. Cit. 2008. P. 171.

dentista) e gritando: – ‘Participação! Participação! Participação!’ . E a marcha de 100 mil sujeitos sem uma cárie, sem um desdentado (...) O fato é que, no dia seguinte, falando com o meu amigo Guilherme da Silveira Filho, fazia eu um escândalo amargo: – ‘Nem um preto, Silveirinha! Nem um desdentado! Nem um favelado! Nem um torcedor do Flamengo! Nem um assaltante de chofer’. Por fim, arranquei das minhas entranhas este gemido final: – ‘E o povo? Onde está o povo?’. O povo era a ausência total. (...) Não havia um preto, ou um torcedor rubro-negro, ou um desdentado, porque aquilo era uma passeata das classes dominantes.¹⁵³”

Escritas, predominantemente, como relatos confessionais, suas crônicas levaram para as páginas dos jornais o testemunho do homem Nelson. A passagem acima evidencia essa relação. Apresentada em primeira pessoa, a crônica foi desenvolvida de tal forma que buscava provocar o espanto no seu leitor. Entretanto, os recursos utilizados pelo cronista tinham como objetivo demonstrar a total veracidade do que estava sendo relatado e, para tanto, construiu seu discurso sobre o evento sempre provocando a desconfiança no leitor para logo depois mostrar as evidências, as provas e, assim, comprovar a sua crítica à manifestação e legitimar o sentimento de espanto acerca da ausência do povo diante de uma passeata que se afirmou como de cem mil pessoas.

Cercada de ironia, a crônica se propõe duvidar. Questiona o número de participantes, a memória da testemunha – no caso, Nelson – e a ausência do povo. Mesmo nosso autor sendo uma “testemunha auditiva e ocular da marcha”, ele não acreditava no que seus olhos viam – uma massa de artistas, intelectuais e filhos de burgueses, que representava a grande elite brasileira – e desconfiava do que seus ouvidos escutavam: “muerte!”, vivas à Cuba, Vietnã e China de Mao Tsé Tung, não havia referências ao Brasil. Representava-se em confissões uma passeata das “classes dominantes”. Ignorava-se a importância política e os motivos de tal movimento, o objetivo do autor era ridicularizar e deslegitimar a passeata. Para tanto, outros trechos também enfatizaram tal propósito:

“A marcha saiu como quem vai tomar o poder. Realmente, cem mil pessoas não se reúnem para nada. Essa abundância numérica era, por si só, alarmante. Portanto, a História tratou de taquigrafar qualquer suspiro de tamanha massa. (...)Raul Brandão [Jornalista]; com uma cutucada,, sussurrou-me: - ‘Olha aquele’ Olhei e vi. Era uma latagão prodigioso. Solidamente belo como um havaiano de praia, ofendia e humilhava os demais com a sua vitalidade esplêndida.

¹⁵³RODRIGUES, Nelson. Era um pesadelo com cem mil defuntos. *O Reacionário: Memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 581-582.

E o jovem luminoso como os antigos sátiros vadios, chupava um chica-bom. Foi essa nota realista da passeata. Tudo o mais era o patético raiando pelo sublime. Aqueles ‘100 mil’ traziam, em seu ventre numeroso um novo projeto vital para o Brasil. Muito bem: - e o latagão, ali, chupava o chica-bom. (*grifos meus*).
 Dava uma lambida no chica-bom e berrava: - ‘O povo tem fome!’
 Nova lambida e terceiro berro: - ‘o povo tem fome’! Era seu estribilho heróico.¹⁵⁴”

Uma das grandes críticas de Nelson às esquerdas dizia respeito à falta de ação e de projetos políticos eficazes para a realidade brasileira, que, de acordo com o autor, poderia ser explicado pelas diferenças de realidade entre elas e o povo. Para o cronista, as manifestações que ocorriam não tinham propósitos, eram vazias de conteúdo e justificavam sua obtusidade através das utopias revolucionárias de lutar pelo Vietnã. E esse vazio se mostrava nas manifestações dos participantes das passeatas; teríamos representados homens sem compromisso, como a imagem que o trecho acima pretende ilustrar: retratado como vadio, o personagem que chupa o chica-bom ao gritar a fome do povo não representa esse povo. Ele grita, protesta, mas é como se ele não fizesse parte do grupo pelo qual protesta. A ironia contida aí explicita a distância que existia entre o “estribilho heróico” e o grito agonizante de quem tem fome.

As passeatas seriam, então, sempre representadas por esses indivíduos, como as grã-finas que se sentiam à vontade em meio à multidão, visto que seriam membros da elite; o havaiano do chicabon; a aluna da PUC e demais outros que foram criados pelo autor para representar a “esquerda festiva”. Para Nelson, “frequentá-las era uma maneira de ser poeta sem uma metáfora, ser romancista sem nenhum personagem, ator sem platéia, sociólogo sem curso primário”¹⁵⁵. E foi daí que o autor retirou personagens consagrados das suas crônicas, era o “padre de passeata”, “os poetas de passeata”, eram novas classes que surgiam. O Brasil ficava cada vez mais esquecido. Os muros pichados, por vezes comentados em suas crônicas, se referiam à Cuba – “o jovem jamais escreveu, num muro, o nome do Brasil. Havia entre as passeatas e a pátria a distância exatamente que nos separa do Vietnã.”¹⁵⁶

Devido a importância que essa passeata representou nas suas crônicas, vale a pena nos determos um pouco mais a ela. A crítica à finalidade de tal manifestação era o

¹⁵⁴Perseguiu por todas as esquinas, a maravilhosa carrocinha amarela. *O Globo*. Rio de Janeiro, 21.02.1969.

¹⁵⁵O narcisismo mais caro do mundo. *O Globo*. Rio de Janeiro, 23.10.1969.

¹⁵⁶Que fim levou o jovem? *O Globo*. Rio de Janeiro, 31.07.1969.

cerne de várias confissões. O autor não acreditava na força da passeata, sempre a representaria como uma festa; ela não teria povo, seria vazia das grandes massas brasileiras, assim como também não representaria esse Brasil, feito por negros, desdentados e favelados. Por isso, o deboche foi seu recurso principal para ridicularizar o movimento. Embora mostrasse espanto diante de tal multidão que tomou as ruas do centro do Rio, pois até então estas só se encontravam no Maracanã, ela rapidamente seria retratada como o “maior ridículo quantitativo” que já tivemos e ironizava:

“Pela primeira vez, uma passeata sentou-se. Via de regra, uma passeata anda ou, na pior das hipóteses, corre, ou, na hipótese épica, reage. Desta feita, não. Aquele rio humano, aquele caudal amazônico sentou-se, gloriosamente. Pensava-se que ia tomar o Poder. As instituições rilharam os dentes do mais santo horror. E, súbito, a Violência sentou-se, o Ódio sentou-se, as Reivindicações sentaram-se.¹⁵⁷”

A cena representada acima se refere ao momento em que Vladimir Palmeira, um dos principais líderes estudantis pronunciou o seu discurso. Quando chegou ao palanque, teria pedido para que todos se sentassem, com o objetivo de fazer um silêncio maior e mostrar uma imagem pacífica, como o próprio relata em suas memórias.¹⁵⁸ Todavia, apontado por Nelson como o grande líder dessa multidão, Palmeira ganhou enorme destaque em suas crônicas. Para ele, o grande líder estava em extinção e o jovem Vladimir contrariava exatamente esse processo de massificação existente a partir da liderança que exercia sobre aquelas cem mil pessoas, entre jovens e idosos. Sobre a passeata, na crônica do dia 03.07.1968, Nelson exaltou Vladimir e narrou uma entrevista imaginária com o líder:

“Vladimir Palmeira é justamente, o líder que meu conhecido pedia pelo amor de Deus. Ignoro se ele já existia antes ou se a pura circunstância o fez. Repito: - líder. Alguém poderá insinuar a objeção: - ‘Mas é líder apenas de estudantes.’ Aí é que está a sua força ou, melhor dizendo, a sua onipotência. Se os estudantes o seguem, muito mais os velhos. Não sei se me entendem. Diria que Vladimir Palmeira também é líder estudantil. Mas são os velhos que mais se atrelam à sua liderança. Na última e comovente passeata – a disciplina mais rígida e incondicional foi a dos não jovens. Eram os velhos que melhor sentavam e melhor levantavam como no anúncio da roupa.¹⁵⁹”

¹⁵⁷RODRIGUES, Nelson. Ninguém torce pelo Flamengo. *O Reacionário: Memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 368.

¹⁵⁸PALMEIRA, Vladimir e DIRCEU, José. *Abaixo a ditadura*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo: Garamond, 1998.

¹⁵⁹Faltou alguém. Sim, quem faltou, quem na grande passeata? *O Globo*. Rio de Janeiro: 03.07.1968.

Em crônica cercada de ironia, Nelson continuou, dessa vez, após a chegada de Vladimir ao terreno baldio, pontualmente à meia-noite, hora que, como costumava lembrar, ao se referir a Machado de Assis, apavora:

“Vladimir me ouvia com o maior tédio e desprazer. Continuei: - ‘Um jovem que não usa costeleta nem peruca, e que põe gravata, há de ter um destino enorme. E, por isso, Vladimir, eu te digo: - és o líder.’ Parei, exausto de mim mesmo. Esperei que ele dissesse alguma coisa. Não disse nada. E, pouco a pouco, o silêncio do líder se tornava ensurdecedor. Adiante a cabra vadia estava comendo a paisagem. Implorei: - ‘Fala Vladimir, fala. Diz um ‘boa noite’. Pelo menos um ‘boa noite’’. E teu boa noite será a entrevista imaginária. E, então, Vladimir falou: - ‘Nelson, meu bom idiota, ouve esta: - Como são burros, como são burríssimos os reacionários e os não-reacionários, todos, todos. Límpidos, cristalinos idiotas! Vocês foram à passeata e não viram nada. Sim, não enxergaram o óbvio ululante.’ Balbucio, atônito: - ‘Não vimos o que? O que é que não vimos?’ Desta feita, Vladimir zangou-se de verdade: - ‘Imbecis! A passeata teve um defeito! Quer ver?’ Abriu uma pasta, tirou um monte de fotografias. À luz de um archote, mostrou uma por uma. E quando repassamos a última, vira-se para mim: - ‘Viste as fotografias da passeata. Quem não está? Quem faltou? Quem não desfilou? Quem não carregou cartaz? Quem? Fala! Quem?’ Numa crassa e ignara perplexidade, eu não sabia quem seria o grande e fatal ausente. Vladimir corta. Suspense: - ‘O negro! Percebeste? O negro! Lá não foi!’ Andando de um lado para o outro, ele repetia: - ‘Éramos 100 mil. E o negro?’”¹⁶⁰

Nelson Rodrigues se aproveitou de uma das lideranças mais importantes do movimento estudantil para validar o seu discurso acerca da ausência de povo nas passeatas, principalmente, a ausência total dos negros brasileiros. A entrevista imaginária tem em suas crônicas essa função, é a partir dela que muitos personagens da história política brasileira assumem posturas inconcebíveis no cotidiano real, portanto, somente em meio ao terreno baldio Vladimir teria a coragem de afirmar que a passeata seria composta pelas classes dominantes, legitimando o discurso de Nelson, que não tinha validade frente às esquerdas, devido às suas posições políticas tidas como reacionárias.

Sabe-se que grande parte desses grupos de esquerda eram constituídos pela classe média urbana, em que faziam parte intelectuais, estudantes e profissionais liberais¹⁶¹; diante disso, as críticas acerca da incapacidade do movimento de não ter

¹⁶⁰Faltou alguém. Sim, quem faltou, quem, na grande passeata? *O Globo*. Rio de Janeiro: 03.07. 1968.

¹⁶¹Para mais ver RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 2010.

atraído as grandes massas ganhou calorosas discussões a partir da década de 1980. Enquanto uns procuraram explicar a derrota das esquerdas em função de uma melhor organização do sistema repressivo¹⁶², outros buscaram romper com a dicotomia “opressor” e “oprimido” e encontrar nos aspectos sociais a resposta para tal derrota¹⁶³, o que evidenciou a distância entre os valores revolucionários e os da sociedade.¹⁶⁴ Entretanto, o que importa para a presente pesquisa é como Nelson Rodrigues apontou para essa questão, ainda diante dos acontecimentos, e participou do debate, dialogando com a própria propaganda do governo.

O escritor se debruçou sobre essa questão e construiu em suas confissões uma esquerda que aparece em sentido de oposição aos reais interesses do povo. Para o cronista seria mais fácil elas se voltarem para as utopias revolucionárias dos projetos políticos distantes do Brasil do que encarar os reais problemas que assolavam o país. Temos a partir dessa representação, uma esquerda que ficaria só no campo das ideias, sendo insignificante a capacidade de ação para despertar o povo, até porque apresentavam, através das crônicas, interesses divergentes. As esquerdas seriam para o cronista a própria negação da pátria, seriam o “anti-Brasil”, o “anti-povo”.

Entretanto, não só nas passeatas se concentraram suas críticas, outro evento muito debatido nas crônicas dizia respeito aos festivais de canção, principalmente no que concerne ao III Festival Internacional da Canção de 1968, visto a importância política que tomou:

“Só no Brasil é que, por influência das esquerdas, os compositores a elas ligados suprimem a mulher e expulsam o amor. E assim se está fazendo uma música popular impopularíssima. Uma música antipovo e anti-Brasil.¹⁶⁵”

Para Nelson, era inaceitável a influência política e ideológica nas músicas brasileiras. As músicas populares, com versos de amor e mulheres ficavam para trás, entrava no palco um novo estilo de cantor: “o revolucionário de festival”¹⁶⁶, caracterizado pelo cronista como um “herói sem risco”, ou seja, um homem que “não

¹⁶²GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987.

¹⁶³REIS, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

¹⁶⁴Para mais ver: ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida N. (org.) *O Brasil Republicano. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

¹⁶⁵E, de repente, faz-se no Brasil uma música popular impopularíssima”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 09.10.1968.

¹⁶⁶Com sua espingarda de rolha, lá vem o revolucionário de festival. *O Globo*. Rio de Janeiro, 02.10.1968.

mata, não morre”¹⁶⁷, se esconde do perigo e ao mesmo tempo esquece do Brasil ao negar a música popular brasileira. Proclama “marselhasas”¹⁶⁸ com a música *América, América* (César Roldão Vieira) e nega a verdadeira música, encontrada “na formidável presença lírica”¹⁶⁹ de *Sabiá*, que o fascinava, fazendo derramar-se em elogios por Chico Buarque e Tom Jobim. O reconhecimento de Nelson por esses dois artistas como homens que compreendiam a importância poética, e por isso sabiam tocar o sentimento do povo se dava à medida que suas músicas valorizavam os versos de amor e não se rendiam à politização. Contudo, vale ressaltar ainda que podemos compreender essa música a partir de um significado político se analisarmos seus versos, que apresentam um país vazio a partir da visão de um eu-lírico em exílio. Entretanto, nada comparável à música de Geraldo Vandré que com ritmo de hino, incitava o povo à resistência.

Portanto, para nosso autor, as canções de protesto representavam o anti-Brasil, Geraldo Vandré e sua música “Pra não dizer que não falei de flores” eram o anti-povo. E, se perguntado sobre a música *Roda viva* de Chico Buarque, Nelson afirmava: “Esta, porém, é o anti-Chico, a negação de Chico”¹⁷⁰. Os debates musicais que ocorreram nos festivais se faziam presentes em inúmeras confissões, em que o cronista dialogava com os debates políticos e culturais, criticando as vaias que *Sabiá* recebeu após ganhar em primeiro lugar, deixando Vandré em segundo. Sua coluna se voltava para os debates diários que estavam presentes na sociedade, inserindo-se em toda uma discussão política, em toda uma batalha discursiva que estava presente naquele momento acirrado entre governo e esquerdas.

Outro evento largamente debatido por Nelson foi o 1º de maio de 1968. Simbolicamente uma data de grande importância para os trabalhadores, ela foi representada nas crônicas como um grande vazio. Organizada pelas esquerdas brasileiras, a emblemática data tivera no campo de São Cristóvão no Rio de Janeiro a presença de um público míngue, constituído pelos próprios oradores.

“O que eu queria dizer é que, na hora marcada, não compareceu ninguém. Minto. Os oradores estavam presentes. Uns quinze, segundo uma estimativa generosa. Esperava-se uma massa nunca inferior a duzentas mil pessoas. Muito bem. O último orador já imaginara o seguinte fecho para o seu discurso: - ‘Quem for brasileiro que me

¹⁶⁷Idem.

¹⁶⁸Idem.

¹⁶⁹Idem.

¹⁷⁰E, de repente, faz-se no Brasil uma música popular impopularíssima”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 09.10.1968.

siga!’ E os quinze oradores e mais as duzentas mil pessoas partiriam, do Campo de São Cristóvão, para salvar, não o Brasil, mas o Vietnã.¹⁷¹”

Coincidentemente, o comício foi realizado em meio a um Flamengo x Vasco, o que para Nelson, já seria inevitável competição, “a retórica teria que derrubar o chute”¹⁷². Entretanto, os organizadores não teriam conquistado a curiosidade de ninguém, a massa de duzentas mil pessoas que eram esperadas rumou para o Maracanã. Diante desse ocorrido, Nelson procurou explicações para um Brasil que “é por vocação plateia” e a conclusão a que chegou foi mais uma vez a distância que existiria entre as esquerdas e o povo. Ao passar de táxi a caminho do túnel Santa Bárbara, viu todos os muros pichados com vivas aos vietcongs:

“Só então compreendi por que as esquerdas do Brasil não atraem nem os micróbios brasileiros. O que há é um pequeno engano geográfico. A retórica de 1º de maio teria platéia no Vietnã e nunca no campo de São Cristóvão.¹⁷³”

Ao enfatizar novamente o discurso antinacionalista das esquerdas, o cronista se deteve a ridicularizar a tentativa de aproximação destas com o povo. O local escolhido, São Cristóvão, estava muito além do Leblon, o que teria afastado até mesmo as próprias esquerdas; o jogo, “das multidões”, no mesmo horário do comício, seria um erro e, sobretudo, a não identificação das esquerdas com os problemas reais brasileiros provocava uma enorme distância entre elas e o Brasil.

Podemos compreender, desta forma, que as esquerdas brasileiras eram apresentadas como um grupo sem propostas contundentes. Ao se prenderem aos eventos estrangeiros, esqueciam de fazer suas próprias propostas. Por isso, Nelson não as deu credibilidade, sendo apenas retratadas como manifestantes festivos, plásticos que até 1968 nunca teriam entrado num embate verdadeiro, firmado num título de uma crônica sua: “Não é uma agitação estudantil. É uma Revolução Francesa sem Maria Antonieta”¹⁷⁴. Faltavam cabeças cortadas, faltava emoção.

Contudo, podemos notar a mudança de discurso ocorrida a partir de 1968. Se antes os grupos de esquerda eram representados por jovens, ridicularizados pelas suas

¹⁷¹Rodrigues, Nelson. Grande comício. *O óbvio ululante: primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

¹⁷²Idem.

¹⁷³Idem.

¹⁷⁴RODRIGUES, Nelson. Não é uma agitação estudantil. É uma Revolução Francesa sem Maria Antonieta. 20.05.1968. Em: *O Óbvio Ululante: primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 257.

iniciativas revolucionárias que não passariam dos “gorjeios” no bar Antonio’s, com o crescimento de movimentos da esquerda que pregavam a luta armada, o discurso do cronista muda de tom. As acusações passam a ficar mais rígidas e o que era apresentado como uma brincadeira de jovens boêmios passou a ser um ataque de terroristas, mais uma vez dialogando com o discurso do governo. São válidas as passagens abaixo:

“Estou batendo estas notas e pensando no sequestro do embaixador norte-americano no Brasil. Quando eu soube, quis acreditar num brutal equívoco geográfico. Perguntei a quem me deu a informação: - ‘Aqui? No Brasil?’ Vejam vocês – eu e muitos tínhamos a ilusão de que o nosso era um socialismo de Leblon, de Antonio’s, de praia, plástico, retórico, etc,etc. Pensávamos todos que certas coisas não acontecem no Brasil. Por exemplo: - havia entre nós e o terrorismo uma distância infinita. Agora, não, agora os terroristas estão aí. Quase podemos apalpá-los, farejá-los.¹⁷⁵”

É importante acrescentar que, se antes as crônicas de Nelson criticavam a postura passiva e festiva das esquerdas, que sempre se mantiveram a distância dos enfrentamentos diretos, a partir do momento que os projetos de luta armada ganharam espaço, a crítica também continuou, mas de outra forma. Não houve nenhuma valorização em relação ao enfrentamento que a partir de finais de 1968 ocorria entre parte dos membros das esquerdas. Entende-se, então, que existia um discurso ambíguo nas crônicas, ora elas menosprezavam a passividade e outrora elas criticavam a ação dos grupos de esquerda. A passagem abaixo demonstra essa questão, embora esteja mais focada no maio de 1968 em Paris:

“Mas a recente agitação estudantil teve um defeito indesculpável: - faltou-lhe o terror. O mundo ainda faz a pergunta sem resposta: - ‘Onde estão as cabeças cortadas?’ Simplesmente, não estão, nem houve. Ninguém decapitou ninguém. E, como não havia gasolina, ninguém morria, nem atropelado.¹⁷⁶”

Foi a partir de 1969 que o discurso de Nelson Rodrigues passou a ser mais duro com os grupos de esquerda. Os ataques às iniciativas armadas dos jovens brasileiros impressionaram o autor, como demonstra o trecho acima, que se refere ao sequestro do embaixador americano pelo Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) em conjunto com a Ação Libertadora Nacional (ALN) em setembro de 1969. As utopias de jovens rebeldes, como eram publicadas nas crônicas com ares de comicidade, ganham

¹⁷⁵ Isso não é o Brasil, isso não é o brasileiro. *O Globo*. Rio de Janeiro, 06.09.1969.

¹⁷⁶ As cabeças rolantes. *O Globo*. Rio de Janeiro: 26.07.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 187.

enorme seriedade, percebida a partir do uso da violência pelas esquerdas. O socialismo do Leblon deixava de ser utópico e passava a ser real.

Por outro lado, é relevante notar que ao mesmo tempo em que criticou a violência armada por parte das esquerdas, negou a violência utilizada pelo governo. Para Nelson, a acusação dos grupos de esquerda, que cada vez denunciavam mais o sistema de torturas no Brasil, não passavam de uma invenção, seria uma forma de degradar o país internacionalmente:

“Não sei se chamarei isso [a tortura no Brasil] de ignomínia ou obtusidade. Não, obtusidade não é. É uma ignomínia. Os que procuram degradar o Brasil, ou aqui dentro, sabem o que fazem e por que o fazem. Vamos aos fatos. É um problema de raciocínio. Houve o sequestro do embaixador americano. Os terroristas apresentaram uma lista de quinze outros terroristas presos, cuja libertação exigiam. Esperávamos o sequestro? Tínhamos ciência prévia dos nomes que os criminosos iam selecionar? Óbvio que não. E o Brasil pôde devolver os 15 terroristas intactos, sem um arranhão, inclusive um velho de 70 anos. Em seguida, houve o caso do cônsul japonês. Os terroristas exigiram cinco outros terroristas presos. Deviam estar massacrados, se acaso a tortura estivesse institucionalizada. E que viu o Brasil, e que viu o mundo? Viram que os prisioneiros não tinham marca de nenhum violência física. Vinte terroristas que saíram do Brasil e, repito, intactos, sem um arranhão. Quero que me digam: - e a tortura? Alguns não queriam nem sair do Brasil¹⁷⁷.” (*grifos meus*).

De acordo com a crônica acima, Nelson continuava ressaltando o discurso antinacionalista das esquerdas como pano de fundo. Se antes elas negavam o Brasil, agora elas o humilhavam. Como afirma Denise Rollemberg, à medida que se tornava evidente a inevitabilidade do enfrentamento direto entre as esquerdas e o Estado, o exílio se constituía num lugar de denúncia¹⁷⁸, principalmente, quando a partir de 1970, os exilados políticos conseguiram se organizar no exterior através da edição de jornais, manifestos e panfletos, como forma de campanha de denúncia às práticas autoritárias e repressivas do governo brasileiro.

Negando tais acusações, o Estado utilizou como estratégia o ataque a esses militantes, retirando sua credibilidade perante a sociedade brasileira, ligando seus atos a comportamentos “terroristas”. Longe de tratarem suas iniciativas guerrilheiras como ações políticas, representavam os militantes como “criminosos, assaltantes de bancos e

¹⁷⁷Conversas brasileiras com o presidente Médici. *O Globo*. Rio de Janeiro, 09.05.1970.

¹⁷⁸ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: Entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

assassinos de inocentes”¹⁷⁹, da mesma forma como encontramos nas crônicas de Nelson Rodrigues:

“Repito: - o sujeito tem ideologia, tudo é permitido. Agora mesmo, a Marinha, com fulminante eficiência, prendeu uma quadrilha de ladrões ideológicos. O chefe, subgerente de banco, foi para a Europa com mulher e filho. Deixou lá a família, depositou milhões num banco suíço; e voltou para roubar mais. Para todos os efeitos, o dinheiro era para uma revolução comunista. Mas nada impediu que cada qual comprasse um automóvel, apartamento na Avenida Atlântica, e fizesse bacanais. Tudo em nome de Guevara, Mao Tsé tung, Vietnã, etc,etc. Um dos ladrões é feio, algo assim como um Quasímodó. Meteu-se na gang, conforme ele próprio confessa, para ‘arranjar mulher’.¹⁸⁰”

Na crônica acima, podemos notar o quanto Nelson se esforçou para desqualificar os projetos políticos das esquerdas. As ações de roubos a bancos, justificadas em nome da revolução contra um Estado autoritário eram retratadas nas *confissões* com deboche e simplicidade, reduzindo suas iniciativas apenas a atos criminosos ou interesses pessoais.

Do mesmo modo, a questão da tortura teve entre suas crônicas uma conotação muito forte. O jornalista por vezes negou tal prática no Brasil. As denúncias ora feitas por diversos grupos ligados às esquerdas eram relacionadas a atos de terroristas que tinham posturas antipatriotas, em clara referência ao discurso nacionalista que era difundido pelo governo.

Ruy Castro relata em biografia sobre o autor que a tortura só se tornou evidente para o mesmo a partir do episódio em que seu filho Nelsinho, membro do MR-8, foi preso e torturado em 1972 – entretanto, essa postura não aparece claramente nas crônicas, visto que a posição política favorável aos militares continuou, da mesma forma como os elogios ao presidente Garrastazu Médici, que sempre estiveram presentes até o final das suas *confissões*.

Podemos ver que a admiração a Médici permaneceu, como demonstra *confissão* do dia 25.05.1973, em que o cronista mantém a exaltação ao “estadista”: “Por isso, falei na coragem histórica, sim, na coragem de fazer o que deve ser feito, já. O Brasil precisa de um estadista. Também se conhece um estadista nos pequenos gestos, nas atitudes modestas, infinitamente modestas.”¹⁸¹

¹⁷⁹GASPAROTTO, Alessandra, Op. Cit. 2008.

¹⁸⁰Nunca se viu um morto tão ofendido e tão humilhado. *O Globo*. Rio de Janeiro: 30.07.1969.

¹⁸¹Eis um brasileiro que não é uma casaca. *O Globo*: 25.05.1973. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 126.

Durante anos, para o cronista, as denúncias aos possíveis abusos do governo não passavam de uma “campanha de difamação” do Brasil por pessoas que não estariam integradas ao projeto desenvolvimentista valorizado pela ditadura. Sendo os militantes retratados como “maus brasileiros”.

“Agora, na Europa e nos Estados Unidos, existem brasileiros que, como o homem da PUC, fazem do Brasil a imagem de uma pátria hedionda. São socialistas, são comunistas, e mais, elementos da Esquerda Católica? Lá fora, brasileiros afirmam, juram que, aqui, arranca-se olho de intelectual com dedo de gancho.”^{182,}

A referência ao homem da PUC é relevante visto a presença de setores progressistas da Igreja católica na universidade. Ao denunciarem constantemente as práticas de tortura existentes no país, esses brasileiros foram retratados como anticatólicos e antinacionalistas, conforme abordado no primeiro capítulo. Para Nelson, as acusações feitas sobre o governo não passavam de uma tentativa de difamar a pátria brasileira. Como costumava chamar, seriam os “assassinos do Brasil”. Ignorava-se a prática da tortura ao mesmo tempo em que debochava de suas denúncias, retratadas como uma conspiração internacionalista para o avanço do comunismo sobre o Brasil.

Em 1970, as denúncias à prática da tortura no Brasil ganhavam destaque na imprensa internacional assim como entre os militantes que haviam deixado o país. Por outro lado, as crônicas de Nelson que buscavam negar essas denúncias são datadas em grande maioria desse ano, ignorando e ridicularizando as acusações que eram feitas ao governo. Ao participar desse debate político, ao tratar dos sequestros como o do embaixador alemão em dezembro de 1970 e do cônsul japonês em março do mesmo ano, Nelson propôs apenas demonstrar o caráter violento e terrorista da ação militante. A tortura, tema delicado devido às denúncias que já vinham sendo constantemente feitas, eram apenas representadas como uma “mistificação de extremistas” que ocorria dentro e fora do país.¹⁸³ Os relatos de tortura que eram feitos pelos militantes, assim como nos casos mais extremos, quando eram encontradas marcas deixadas em seus corpos, em que podemos recordar de Vera Silva Magalhães que deixou o país em cadeira de rodas devido a crueldade das torturas, são ignoradas pelo jornalista, que

¹⁸²A inteligência enforcada. *O Globo*. Rio de Janeiro, 14.03.1970.

¹⁸³A pobreza mais viajada da terra. *O Globo*. Rio de Janeiro: 27.08.1970.

mesmo atuando na imprensa e em um jornal de grande circulação, continuava negando sua prática, que aparecem apenas como infâmias contra o Estado brasileiro.¹⁸⁴

A passagem abaixo ressalta o episódio presente em algumas fotografias que apareceram em diversas revistas européias e sul-americanas como se fossem flagrantes de torturas reais:

“Assim, os extremistas de fora e de dentro, armam uma gigantesca mistificação para o Brasil.

Dois dos oficiais torturados, e fotografados, o tenente Enon Aleixo dos Reis e o capitão Otorino Panazo Neto, conversaram com Amaral Netto, na televisão. E desmascararam tudo. O cinismo das revistas europeias, inclusive uma do México e outra do Peru, explicam as calúnias anteriores. Meses atrás, um cubano, apoiado por brasileiros, dizia em Londres que o Exército brasileiro assassinara seis milhões de índios¹⁸⁵ e intelectuais. E, agora, o episódio das fotos chegaram como a suprema torpeza.^{186”}

Por diversas vezes, o governo brasileiro retratou as denúncias como calúnias. Para isso, se valeu de inúmeros depoimentos, divulgados internacionalmente para desfazer a imagem repressiva e autoritária que vinha sendo construída sobre o país no exterior. O trecho acima demonstra esse esforço. Conquanto, como Alessandra Gasparotto desenvolveu em sua dissertação, diversos militantes também teriam passado a negar os abusos do regime, se *retratando* com o governo, o que chamou de “declaração dos arrependidos”. Em meio às desilusões, a repressão do regime, a perda de muitos líderes e a propaganda desenvolvimentista muito bem aceita por grande parte da sociedade, um grande número de manifestantes sucumbiram frente o governo, se desculpando pela sua participação em *atitudes terroristas e criminosas*.¹⁸⁷ A partir de 1970 como forma de legitimar o governo, defendendo-o como o salvador da pátria, fazendo das denúncias apenas calúnias de “maus brasileiros”, Nelson declarou em suas crônicas:

“Dirão vocês que a acusação é de uma inverossimilhança idiota. Absolutamente. As esquerdas de lá acreditam e passam adiante. Nem se pense que a ‘festiva’ está reduzida ao Brasil. É universal. Não há um jornal, ou rádio, ou TV que não tenha a sua infiltração esquerdista.

¹⁸⁴Sobre as denúncias de tortura no exterior, ver: Brazil – a Report on torture. Direção: Hannah Eaves. EUA: 1971. Cor [59m.]

¹⁸⁵Atualmente um grupo que faz parte da Comissão Nacional da Verdade desenvolve uma pesquisa que tem como objetivo apurar violações de direitos humanos relacionadas à luta pela terra ou cometidas contra os povos indígenas com apoio ou no interesse do Estado.

¹⁸⁶A pobreza mais viajada da terra. *O Globo*. Rio de Janeiro: 27.08.1970.

¹⁸⁷Para mais ver: GASPAROTTO, Alessandra. Op. Cit. 2008.

E as notícias são manipuladas, falsificadas, invertidas, com um descaro sinistro. Se os fatos não interessam, pior para os fatos. Ou por outra: - a 'festiva' os inventa, aqui e em todos os países e idiomas.^{188,}

O discurso de Nelson em suas confissões exaltava, como vimos, a desqualificação dessa esquerda, principalmente, ao colocá-la em oposição ao povo brasileiro. Não havia preocupação com as divergências políticas e ideológicas de cada grupo; as organizações eram apresentadas como um grupo coeso, colocando como iguais o comunismo russo, chinês e cubano. Da mesma forma ocorria com o governo, que ao homogeneizar o inimigo acabava potencializando a sua ameaça.¹⁸⁹

Mais uma vez buscando não identificar o esquerdista com o brasileiro, Nelson coloca:

“O esquerdista negava tudo o que o brasileiro adora. Li aqui e saí perguntando: - ‘Você gosta de sexo? De música popular? De futebol?’ E, de repente, relendo o tal artigo, percebi por que a nossa esquerda não se comunica com ninguém e vive na mais obtusa solidão. Repito: - a nossa esquerda só fala, escreve, gesticula e só doutrina para si mesma. Por isso é que no 31 de março e no 1º de abril ela ficou mais só do que um Robinson Crusoe sem radinho de pilha.^{190,}

Como se pode ver, o trecho acima exemplifica, novamente através da ironia, exatamente a distância entre os projetos revolucionários da esquerda brasileira e a sociedade, que a teria abandonado num dos momentos mais precisos, levando o país ao golpe civil militar ou como defendido por Nelson, à Revolução de 31 de março. Diante dessa afirmação, é válido compreendermos como o brasileiro era retratado em suas crônicas, quais suas prioridades, fraquezas e anseios.

2.2 – Do complexo de vira lata à redenção no futebol

“O que atrapalha o brasileiro é o próprio brasileiro. Não sei se repararam. Cada um de nós é um Narciso às avessas e, repito, um Narciso que cospe na própria imagem. Aqui mesmo, nesta coluna, perguntei umas vinte

¹⁸⁸E continua a operação cesta. *O Globo*. Rio de Janeiro: 14.02.1970.

¹⁸⁹Idem. P. 146.

¹⁹⁰RODRIGUES, Nelson. Dezoito quilômetros de mulher nua. *O Óbvio ululante: primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 352.

vezes: - ‘Será que nos faltam motivos pessoais e históricos para auto-estima?’¹⁹¹”

Entre as confissões de Nelson Rodrigues se construiu uma representação de brasileiro. Imortalizado em suas frases, Nelson retratava um brasileiro que se renegava, não acreditava em si mesmo, um povo de auto-estima baixa, que carregava consigo o “complexo de vira-latas”. O trecho destaca exatamente essa imagem, a do Narciso às avessas, do brasileiro que não valoriza sua pátria.

O perfil traçado diariamente nas suas crônicas ressaltava através de inúmeras metáforas, ricamente dominadas pelo autor, a imagem de um brasileiro que não acredita na própria potencialidade, se coloca como um “humilde” diante do outro, aí a comparação diversas vezes ao personagem de Charles Dickens em *David Copperfield* e a São Francisco de Assis¹⁹². Nelson procurou nos motivos mais distantes as causas para tal autonegação, interrogando-se até sobre o passado colonial do Brasil, que não o teria ensinado a dominar como os outros, criando apenas entre nós, a subserviência, a “alma do subdesenvolvido”¹⁹³

Suas crônicas apontam para um brasileiro que tende a ser visto “como um pau de arara, à beira da estrada, coçando a sua sarna e lambendo sua rapadura”¹⁹⁴, uma imagem até mesmo repugnante mas que procura simbolizar exatamente os problemas com os quais o brasileiro convive, como se não conseguisse livrar-se de um passado submisso. Por outro lado, Nelson diz que embora sejamos vistos assim por muitos, não temos que “cuspir na própria imagem”, muito menos “ser abutres de nós mesmos”, e daí sua crítica à modéstia com que o brasileiro se trata. Um povo, segundo o autor, que nega sua inteligência e não se dá o direito de ser elogiado:

“Amigos, acusam-me elogiar demais. Com esse entusiasmo, essa abundância de sentimento, não sou nada brasileiro. Não sei se vocês entenderam, mas eu explico. O brasileiro não gosta de admirar e paga para não admirar. No Brasil, cochicha-se o elogio e berra-se o insulto.

¹⁹¹Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 16.06.1969. Em: RODRIGUES, Nelson. *Era o Bonsucesso sem Nordeste e com esquadra. O Reacionário: Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir. P. 372.

¹⁹²Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 19.05.1956. Em: RODRIGUES, Nelson. *Abaixo a humildade. O berro impresso nas manchetes*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 83-84.

¹⁹³FISCHER, Augusto. *Inteligência com dor – Nelson Rodrigues ensaísta*. Porto Alegre: Arquipélago, 2009. P. 303.

¹⁹⁴Crônica originalmente publicada no jornal *O Globo* em 18.10.1967. RODRIGUES, Nelson. *O doce e truculento João*. In.: RODRIGUES, Sonia. (org.) *Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. P. 79.

Na hora de chamar Fulano de ‘imbecil’, ‘canalha’ etc.,etc., nós gastamos toda a nossa potência vocal.
Se, porém, trata-se de exaltar, o brasileiro vai para um terreno baldio e, lá, à luz de archotes, sussurramos o ditirambo.¹⁹⁵”

Portanto, o brasileiro para Nelson Rodrigues seria esse homem desacreditado. Suas qualidades ficariam restritas apenas à sua alegria – “o brasileiro é um extrovertido ululante” –, que se acabava quando chegava o dia da “volta ao batente”. Retratado como um povo que “tem alma de feriado”, um ser “dominical por excelência”, a utopia do brasileiro seria o feriado, onde poderia deliciar-se nas praias, nas esquinas e botecos¹⁹⁶. O brasileiro para Nelson, por vezes, se apresentava como um vadio que tinha horror ao trabalho.

Deste modo, como forma de ridicularizar e desqualificar os grupos de esquerda, os brasileiros representados nas suas crônicas como homens medíocres, por diversas vezes se aproximariam dos ideais desses grupos, mais uma vez desqualificando as atitudes das esquerdas. De acordo com a percepção de Nelson, o Brasil andava escasso de um grande brasileiro, não havia mais um “grande defunto”; para ele, teria passado a época do “grande homem”, estaríamos entregues às massas das passeatas. Para Nelson Rodrigues, o “grande homem” seria exatamente a antítese da multidão que era representada pelas esquerdas, principalmente nas passeatas.¹⁹⁷

Ao longo de confissões, presenciamos a todo tempo a ironia ao sujeito comum, que traz como representantes: Palhares, definido pela sua imensa falta de escrúpulos; a grã-fina, a mulher que é uma pose, e a vizinha machadiana com seu vocabulário de frases feitas. Vale ressaltar ainda que os dois primeiros, são personagens que se identificam com as esquerdas, agem de acordo com os seus modismos.

As caracterizações de Palhares, repletas de humor, buscavam salientar um personagem, que como já foi colocado no primeiro capítulo, era sempre usado para descrever atitudes cafajestes. Por isso, nas suas crônicas, ele se identificava com a “esquerda festiva”. De acordo com o cronista, “no tempo do Dumas velho, de Sue, de Eschrich, o Palhares seria caçado a pauladas como uma ratazana”, mas por sorte, ele vive num tempo em que “o ato vil teve, sobre sua figura, um tremendo efeito

¹⁹⁵Crônica originalmente publicada no jornal *O Globo* em 23.12.1969. Em: RODRIGUES, Nelson. O brasileiro paga para não admirar. In: RODRIGUES, Sonia. (org.) *Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. P. 17.

¹⁹⁶Crônica originalmente publicada no jornal *O Globo* em 05.02.1975. RODRIGUES, Nelson. O brasileiro tem alma de feriado. In.: RODRIGUES, Sonia. (org.) *Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. P. 79.

¹⁹⁷FISCHER, Luís Augusto. Op. Cit. 2009.p. 121.

promocional”¹⁹⁸. Essa comparação de Nelson propõe criticar as esquerdas que não se preocupavam com o desvio de caráter de Palhares – aliás, inúmeras vezes apareciam nas suas crônicas opiniões de personagens seus – mais uma vez Nelson buscava se eximir – que diriam: “o homem se reconhece muito mais com o pulha do que com o santo, herói ou mártir”¹⁹⁹.

Contudo, podemos perceber que a partir de 1970, com um discurso inflamado de nacionalismo, Nelson, contrapondo o que antes era constante em suas crônicas, sairia em defesa do brasileiro: “não me agradou a generalização; e quis reagir: - ‘Somos muito melhores do que dizem’”²⁰⁰.

Ainda é possível identificar através de Palhares as mudanças por que iriam passar muitos membros das esquerdas diante das mudanças de contexto político. Definindo-se como um universalista em 1968, o ano das grandes passeatas, acreditava que “O Brasil é uma ilusão”. Palhares era descrito como aqueles homens que foram para as passeatas, gritavam “Muerte” e davam vivas à Cuba, frequentavam o Antonio’s, estudavam na PUC, bramavam utopias revolucionárias mas não se movimentavam para colocar suas ideias em ação. Ele fazia parte da “esquerda festiva”, estava agindo entre os modismos da época. E assim, se espanta Nelson diante o pronunciamento que fazia Palhares sobre o seu desejo de ir ao Vietnã:

“Confesso o meu impacto. E vamos, e venhamos – que dessemelhança entre o sátiro do corredor e o brasileiro que, entre o Antonio’s e a guerra optava pela carnificina. Por um momento imaginei que o Palhares ia matar ou morrer pela liberdade. Mas não. Ele próprio admitiu que ia só espionar. De uma maneira ou de outra aquele turismo ideológico lhe assentava muito bem.”²⁰¹

Entretanto, quando, a partir de 1968, ganharam força os projetos de luta armada, Palhares passou a exercer uma nova postura nas crônicas, negando o socialismo e acusando essa esquerda guerrilheira de criminosa, da mesma forma que a grã-fina, antiga “amante espiritual de Guevara”:

“E o pior é que ninguém é mais socialista no Brasil. Todo mundo é ex-socialista. Havia uma grã-fina que passava, com aquiescência do

¹⁹⁸Era o comício de 1º de maio. Tinha mais gente do que no jogo Flamengo e Vasco. *O Globo*. Rio de Janeiro, 08.05.1968.

¹⁹⁹Idem.

²⁰⁰Os trinta anos de Palhares. *O Globo*. Rio de Janeiro, 15.01.1970.

²⁰¹Em 1931, Mario Martins imaginou um plano para a conquista do poder. Primeira providência: - O rapto do cardinal. *O Globo*. Rio de Janeiro: 13.01.1968.

marido, de ‘amante espiritual de Guevara’. Também esta já não cumprimenta mais a alma do guerrilheiro. E o Palhares passava por ser o último ‘socialista’ do país. Tinha que dar explicações: - ‘Sou brasileiro!’ E o canalha, no seu pavor delirante, fazia para si mesmo o vaticínio: - ‘Qualquer dia me prendem como ladrão de banco!’ Segundo ele, o ladrão de banco é o que resta do nosso socialismo.^{202,}

É interessante mostrar como o discurso de Nelson também é cercado de ambiguidades. Quando iniciaram suas *Confissões*, Palhares foi rapidamente associado à “esquerda festiva”, afinal, nada mais representativo para um grupo que se pretendia deslegitimar, usar um dos seus personagens mais populares, que facilmente seria identificado pelos seus leitores como o canalha. A semelhança que se pretendia mostrar entre os grupos de esquerda, que não iam além das festas e gorjeios, com o personagem sem caráter, era clara. Ambos retratavam a covardia.

Entretanto, no decorrer de sua coluna, as esquerdas que antes não iam além do bar Antonio’s, passaram a ser identificadas nas crônicas como terroristas. À medida que os projetos de luta armada ganhavam espaço, as *Confissões* endureciam mais o discurso contra as esquerdas. Em meio a questão, Nelson teve que fazer escolhas. O personagem que antes era descrito como um membro da festiva não podia mais partilhar das concepções de luta das esquerdas. Palhares era um covarde, mas nunca foi descrito como um personagem de má índole. Sua canalhice estava longe dessa esquerda representada nas crônicas como assassina, talvez por isso, não pudesse ir além. Ocorre, então, a ruptura. O canalha agora não era mais socialista.

Palhares representou, de certa forma, as diferenças ideológicas, assim como os conflitos que existiram entre os membros das esquerdas, principalmente, surgidos em finais de 1968. Enquanto uns se juntaram aos grupos que aderiram à luta armada, outros recuaram e buscaram não se identificar mais com os projetos socialistas, como é o caso de seu personagem.

Torna-se ainda propício pensarmos como esse recuo de posicionamento foi dado pelo “canalha”. E, cabe, então, refletir sobre possíveis motivos para essa escolha de Nelson, embora não haja uma resposta definida para a questão. Através das descrições feitas sobre sua criação literária durante alguns anos de crônicas, percebemos que Palhares jamais poderia virar um guerrilheiro, faltava-lhe o arrojo, o que nos permite encontrar naqueles grupos que aderiram à luta armada ao menos uma característica de reconhecimento para Nelson, a coragem, tornando a questão paradoxal. Por outro lado,

²⁰²E a grã-fina deixou de cumprimentar a alma do guerrilheiro. *O Globo*. Rio de Janeiro: 21.02.1969.

mantendo uma coerência mas salvando seu personagem mais inescrupuloso, podemos também ser levados à ruptura de todos os limites das esquerdas, que ao se entregarem ao “terrorismo”, não podiam sequer ser comparadas ao mais cafajeste dos personagens de Nelson, que no fundo guardava uma boa alma.

Além de Palhares, a grã-fina brasileira constituía a personagem que para Nelson Rodrigues representava o alcance que tal modismo de esquerda alcançou. Exaltando sua criação literária, o cronista comparava sua personagem ao nível de *Bovary* e *Karenina*, faltando-lhe apenas o adultério promocional.²⁰³ Mais uma vez, retomo o sarau de grã-finos, também apontado no primeiro capítulo, para mostrar que esse era um dos lugares mais frequentados pelas esquerdas de acordo com as crônicas rodrigueanas, que pretendiam ridicularizar seus ideais ao representarem seus adeptos como figuras caricatas, vazias e sem caráter como Palhares ou promocional como a grã-fina.

O brasileiro era apresentado como um povo que “cospe na própria imagem”; que se constituía em grande parte por homens medíocres, sobretudo se ligados à esquerda, também representada em suas crônicas como *festiva*. Mas, por outro lado, temos também a caracterização do ideal de brasileiro para o autor. Se a verdadeira alma do brasileiro se escondia entre um povo de baixa-auto-estima, outros homens se constituíam em grandes exceções.

Ao tecer suas linhas em tom nostálgico, Nelson lembrava a figura, segundo ele cada vez mais escassa, do grande brasileiro, mais precisamente, Guimarães Rosa (1908-1967). Ressaltado como um homem que sabia trabalhar a frase, o escritor era lembrado por Nelson como um grande homem, que ia de encontro aos “cristalinos imbecis” que representavam, para o autor, a intelectualidade da época em que eram escritas as *Confissões*. Sua obra literária refletia a sua grandeza e contrariava o típico brasileiro, o modesto, que tinha vergonha de ser inteligente.

Ao buscar nas crônicas os motivos que levaram o jornalista a identificar Rosa como esse grande homem, percebemos que é a sua qualidade literária, assim como a valorização do Brasil em suas obras que lhe chamam atenção. O escritor era exaltado como um dos maiores escritores brasileiros, principalmente pela sua obra *Grande Sertão*, famosa pela erudição, mas também pela riqueza de linguagem regionalista que o livro proporciona. Nelson chegou a relatar que teria ficado sem palavras no momento em que lhe perguntaram da importância de Guimarães Rosa quando da sua morte em

²⁰³RODRIGUES, Nelson. Não há nada mais real, concreto, mais escorchante do que Papai Noel. Em: RODRIGUES, Sonia. (org.) *Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

1967, chegando apenas a declarar: - “Concluo: Renovador do romance brasileiro”.²⁰⁴ Contrariando intelectuais identificados com a esquerda brasileira, Nelson entendia a obra do autor de *Grande Sertão* como “monumental”²⁰⁵, chegando a afirmar a superioridade de Rosa em relação a todos os outros autores brasileiros, simplesmente por este não negar o simples ato literário:

“Por isso mesmo, Guimarães Rosa teve um gesto perfeito. Foi o menos político dos nossos autores e, repito, foi o mais autor de nossos autores. Era só autor, era só escritor, era só estilista. Nunca o vimos carregando faixas e pichando muros com vivas a Cuba. (Se tivesse de pichar daria vivas ao Brasil, ao Tenentes do Diabo, a Magé, à Praça Sete, ao Flamengo.) (...) Guimarães Rosa foi apenas o Santo da frase. A frase estava acima de tudo. E porque não existiu politicamente, pôde levantar o seu monumento estilístico.”²⁰⁶

Mais uma vez, a crítica à esquerda brasileira aparecia em suas crônicas, dessa vez para colocá-la em contraponto à riqueza estilística de Guimarães Rosa. Enquanto os intelectuais de esquerda não se importavam em inserir nas suas obras artísticas todos os conflitos políticos da época, renegando muitas vezes o estilo, o grande escritor valorizava apenas a literatura e o seu Brasil, pois, como podemos ver no trecho acima, a preocupação nacionalista também se fazia presente. Para Nelson, Rosa teria sido um autor que somente tratou do Brasil, preocupando-se com as causas regionais, assim como as nacionais e com os verdadeiros problemas que assolariam o povo brasileiro. Portanto, ele representava o que havia de melhor para o cronista: era um nacionalista que sabia escrever sobre o Brasil e também um inteligentíssimo escritor, que não abandonava seu estilo literário em nome de causas políticas.

Sabe-se que a partir de meados da década de 1950, o Brasil vivenciou um período de intensa produção artística, sobretudo, uma arte que buscava valorizar uma cultura engajada de esquerda. Ao politizar o cotidiano, o objetivo era despertar no indivíduo um interesse político e transformador; para isso, os artistas voltados para esses ideais buscaram fazer através de sua arte um meio de revolução. A arte passou a ser um instrumento de protesto, principalmente a partir do fechamento dos principais

²⁰⁴Publicada originalmente no jornal *O Globo* em 07.12.1967. RODRIGUES, Nelson. Uma estrela que nenhum vento pode apagar. *O Óbvio Ululante: primeiras Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 35.

²⁰⁵Nelson chegou a afirmar em crônica do dia 07.12.1967 que Carlos Heitor Cony negava a grandeza literária de Guimarães Rosa, chamando-lhe até mesmo de “bolha” e “falsário”. Em: RODRIGUES, Nelson. Uma estrela que nenhum vento pode apagar. *O Óbvio Ululante: primeiras Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 36.

²⁰⁶Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 23.04.1968. In.: RODRIGUES, Nelson. Os intelectuais. *O Óbvio Ululante: primeiras Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 314..

canais de representação política.²⁰⁷ Contudo, o discurso crítico a essa obra politizada das esquerdas será melhor analisado no próximo capítulo, à medida que a defesa de uma livre criação artística, assim como da valorização do indivíduo se aproximaram de um discurso liberal anticomunista.

Mas, é válido ressaltar aqui como esse debate apareceu nas crônicas, contrastando com um escritor que, ao apenas se debruçar sobre a literatura, foi enobrecido por Nelson Rodrigues, que negava a finalidade política da arte. Um discurso que pretendia também desqualificar a arte desses intelectuais voltados para a esquerda política.

Voltando à concepção do grande homem brasileiro, não só Guimarães Rosa ganharia esse título. Outro intelectual também reconhecido como um grande artista foi Gilberto Freyre:

“E assim, ninguém faz as coisas profundas do seu métier. Um Gilberto Freyre é um escândalo em nossa literatura. É o grande artista que jamais abandona a sua formidável solidão criadora, faz sua obra, apenas sua obra. Esta é a sua maravilhosa obstinação. Nunca se aviltou em passeatas. Gilberto Freyre o puro autor, o mais autor de nossos autores. Outro: - Guimarães Rosa. O mundo para ele, era sua obra. Punha uma frase bem-sucedida acima de todo Sudeste-Asiático. Dirá um ‘intelectual de passeata’ que isso é monstruoso. Monstruoso coisa nenhuma. Gilberto Freyre tem toda uma obra miguelangesca sobre o Brasil e seu povo. Também Guimarães Rosa só tratou do Brasil, só tratou de nós.”²⁰⁸

A crônica acima ressaltava, mais uma vez, a grandiosidade de um homem pelo seu aspecto literário. Nascido no Recife de 1900, o conterrâneo de Nelson Rodrigues prezou em seus livros por escrever sobre o brasileiro, mais precisamente, por caracterizar o Brasil patriarcal, mostrando todo o movimento daquela sociedade a partir de seu cotidiano.²⁰⁹ Ao valorizar essas relações sociais, Gilberto Freyre apresentou ao Brasil o Nordeste que poucos conheciam, conquistando a admiração de Nelson.

O fascínio por esse homem que escrevia sobre o brasileiro era evidente em suas crônicas, que passaram a fazer duríssimas críticas ao desprezo literário que Freyre vivenciou durante a década de 1960 diante do público e, principalmente, diante das

²⁰⁷ Para mais ver: RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000

²⁰⁸ Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 22.01.1970. Em: RODRIGUES, Nelson. *O nu mata o passado. O Reacionário: Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 563.

²⁰⁹ CARDOSO, Fernando Henrique. Um livro perene. In.: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Global, 2006. P. 21.

esquerdas.²¹⁰ Embora tenha ganhado no início da década de 1960 diversos prêmios no Brasil: prêmio da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra, excelência literária da Academia Paulista de Letras, e prêmio Machado de Assis da ABL²¹¹, sua obra literária sofria grande crítica das esquerdas brasileiras. Os motivos que levaram a tal descrédito se deviam, em grande parte, ao seu conservadorismo político, que propiciou a defesa de um governo autoritário em 1964. Por outro lado, também identificavam na sua obra uma visão histórica elitista, ao defender a ideia de que o Brasil seria uma “democracia racial”, com grande harmonia entre as raças, o que não permitia a eclosão de conflitos. Dentre os principais críticos, destaca-se Florestan Fernandes, que preferia frisar nas desigualdades sociais, políticas e econômicas existentes no país²¹².

A primeira questão será a mais debatida nas crônicas rodrigueanas. Elas irão dialogar sobre a importância intelectual de Gilberto Freyre para além dos seus interesses políticos, identificados com os setores de direita. Ao dar ênfase à riqueza literária da obra de Freyre para o Brasil, Nelson procurou ressaltar a obtusidade intelectual das esquerdas em negar seu trabalho. Para ele, a negação ao grande artista beirava a ignorância. E, em tom de denúncia, escrevia:

“Não é a primeira vez, nem será a última, em que falo de Gilberto Freyre e do seu exílio. Em nosso tempo, o Brasil tem sido o exílio do extraordinário artista. Os jornais não falam no seu nome, e vale a pena explicar, para os menos informados, esse mistério. A *festiva* infiltrou-se em toda a imprensa brasileira. Outro dia, passei num velho órgão. Enquanto esperava um colega, vi uma estagiária, dos seus 18, 19 anos, de sandália e calcanhar sujo. Estava lendo e titulando telegramas. Súbito, pega um dos telegramas, amassa-o e o atira na cesta. Diz para os lados: - ‘Gilberto Freyre não é autor que se cite.’
Aí está, num simples gesto e numa simples frase, a Operação Cesta. Os membros da festiva fazem uma vigilância feroz. Qualquer notícia que não convenha à esquerda vai para a cesta, sumariamente.”²¹³,

Outra personagem bem conhecida do público de Nelson Rodrigues é a “estagiária do calcanhar sujo”. Mais uma representante dessa “esquerda festiva” que o cronista fazia questão de desqualificar nas suas crônicas. Apontada sempre como o

²¹⁰LEHMANN, David. Gilberto Freyre: A reavaliação prossegue. In.: *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre. Ano 14. Nº 29. P. 369-385. Jan – Jun. 2008.

²¹¹Ver: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCH, Israel; LAMARÃO, Sérgio; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; (org.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro. 1930-2000*. Rio de Janeiro: FGV, 2001

²¹²CARVALHO, Mario César. Céu & inferno de Gilberto Freyre. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 mar. 2000.

²¹³Crônica publicada originalmente no jornal O Globo em 28.03.1970. RODRIGUES, Nelson. Os setenta anos de Gilberto Freyre. Em: *O Reacionário: memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 223.

exemplo da modernidade dos jornais, por diversas vezes era ela quem demarcava as diferenças que se deram entre a subjetividade dos jornais, característico do estilo de Nelson, que recorria até mesmo ao ficcional nas suas reportagens, para a objetividade que assumiu o jornalismo a partir da década de 1950. Todavia, a crítica aos jornais também se referia sempre à essa “infiltração” das esquerdas a qual o trecho acima se refere. Para Nelson, embora elas não correspondessem à grande maioria, ganhavam uma grande representatividade entre os setores intelectuais. Com isso, os grandes artistas, que buscavam apenas fazer sua arte, seriam negados e esquecidos, mostrando a ignorância dessa esquerda que desprezava a qualidade artística em nome de valores políticos.

Conhecido por seu apoio à ditadura, Gilberto Freyre teria seu nome repudiado entre as esquerdas que o colocaram “no exílio na própria terra”. Para mostrar a inépcia desse grupo, o cronista escreveu:

“E realmente ele é muito mais notícia lá fora. Escolham qualquer país europeu. Na Itália, França, Inglaterra, Alemanha, sua presença intelectual é muito mais poderosa do que aqui (...) Isso só acontece num país que perdeu a sua consciência crítica. Bem sei que a ‘rebelião dos idiotas’ é um fenômeno universal. Mas na Europa, nos Estados Unidos, todas reconhecem a dimensão mundial de sua figura (...) Ao passo que, em nossa terra, as meninas de calcanhar sujo e os barbudos da *festiva* querem liquidá-lo pelo silêncio.”²¹⁴”

Nelson desenvolveu em suas crônicas o que chamou de operação CESTA, ideia de que as esquerdas arquivariam tudo que não dissesse respeito às suas ideologias políticas. Diante da “infiltração” que estava sendo feita nas redações dos jornais, assim como entre a intelectualidade e os artistas, as esquerdas teriam plena liberdade para selecionar o que queriam que fosse para os jornais:

“É a festiva que está executando, magistralmente, a OPERAÇÃO CESTA. Justiça se lhe faça: - magistralmente. Infiltrados nas redações, os comunistas, os socialistas, ou sei lá, põem na cesta a matéria que não convenha à CAUSA. Por exemplo: - um pronunciamento do Papa contrário aos interesses da Igreja anticristã, da Igreja sem vida eterna etc,etc. Cesta. Gilberto Freyre não faz concessões à festiva. Portanto, a Gilberto Freyre, nem água. Cesta. A esquerda católica e as outras esquerdas brasileiras oferecem ao mundo

²¹⁴Crônica publicada originalmente no jornal O Globo em 28.03.1970. RODRIGUES, Nelson. Os setenta anos de Gilberto Freyre. Em: *O Reacionário: memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 224.

uma imagem degradada do Brasil. O povo aqui não deve saber. Cesta, cesta, cesta.^{215,,}

Por outro lado, se havia uma grande defesa à grandiosidade da obra de Freyre, tendo estudos que procuram mostrar a influência do autor no teatro rodrigueano²¹⁶, Nelson também apontou para questões que muito se aproximavam da crítica das esquerdas: a não aceitação da “democracia racial” no Brasil:

“Claro que todos nós falamos em democracia racial. Gilberto Freyre afirma que somos uma democracia racial. Mas está, de pé, a pergunta de Sartre: - ‘E os negros? Onde estão os negros?’ Realmente, ninguém é negro, a não ser o Abdias Nascimento.^{217,,}

E, na mesma crônica, numa suposta conversa com Abdias do Nascimento, Nelson afirma:

“ ‘ - Abdias, só há um negro, que é você mesmo. Não milhões, você, Abdias, só você.’ Tive de explicar-lhe que era ele o único negro com plena, violenta, trágica, consciência racial. Era um negro exultante de o ser. A cor era sua perene embriaguez.^{218,,}

O primeiro trecho propõe destacar exatamente a questão racial. Como exemplo, Nelson narrou o episódio da vinda de Sartre ao Brasil, em que o intelectual francês teria indagado sobre a ausência dos negros no auditório em que foi feita sua palestra. Para o cronista, os negros eram excluídos no Brasil, portanto, essa ideia de que havia uma democracia racial era inconcebível numa sociedade em que, segundo Nelson, “o branco não gosta do preto; e o preto também não gosta de preto.”²¹⁹

Adriana Facina, através da peça *O Anjo Negro* (1946), ressaltou o quanto Nelson teria sofrido críticas, até mesmo pelo principal personagem ser um negro e ter que ser interpretado por um branco pintado de negro, se não teria sua peça impedida de estrear. Na encenação, o personagem principal, Ismael, tem raiva de ser negro. Numa trama em que o preconceito racial é exacerbado, através do assassinato dos filhos negros de

²¹⁵E continua a operação cesta. *O Globo*. Rio de Janeiro: 14.02.1970.

²¹⁶Podemos ter como exemplos os estudos de Adriana Facina, onde na sua tese a autora dedica uma parte a falar da aproximação entre os dois autores e Henrique Buarque de Gusmão que propõe a leitura das peças de Nelson a partir de uma referência da obra do sociólogo. Respectivamente: FACINA, Adriana. Op. Cit. e GUSMÃO, Henrique Buarque de. *Nelson Rodrigues leitor de Gilberto Freyre: O projeto teatral rodrigueano em aliança com a sociologia freyreana. Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n° 1, p. 89-112, jan./abril de 2008.

²¹⁷Crônica originalmente publicada no jornal *O Globo* em 11.03.1968. O Único negro do Brasil. Em: *O Óbvio Ululante: Primeiras Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.p. 200-201.

²¹⁸Idem.

²¹⁹Idem.

Ismael, praticados por sua mulher Virgínia e da cegueira propositada por Ismael sobre sua filha Ana Maria para esta achar que seu pai era branco, a peça foi acusada por muitos como racista, mas defendida por outros, como Abdias Nascimento, como anti-racista por procurar criticar diversas posturas preconceituosas que ocorriam nas artes.²²⁰

Já o segundo trecho traz em destaque uma das figuras mais representativas na busca de direitos para os negros no Brasil.²²¹ A importância política e social que Abdias tinha era o que fazia dele “um negro exultante” como coloca a crônica, que trazia como crítica o trabalho de Freyre e sua concepção de harmonia entre as raças. Entretanto, embora discordassem em alguns pontos, Freyre e Nelson eram muito próximos, tinham uma admiração mútua,²²² que estava evidente nas crônicas que exaltavam sua obra sociológica.

A partir da reverência de Nelson a esses dois intelectuais, podemos depreender o quanto o autor dava importância a grandeza literária e artística, que para ele, estava sendo negada pela esquerda. O cronista retoma em suas confissões autores que retratam o Brasil, que valorizam a cultura nacional, em contraponto às esquerdas brasileiras, que negavam esse Brasil ao se preocuparem mais com as questões estrangeiras.

Vale ressaltar ainda que o perfil traçado desse brasileiro comum, que a todo tempo se renegava, somente ganha ares potenciais, reconhecendo-se como grandioso quando a seleção brasileira entra em campo. Através do futebol teríamos a redenção, o encontro com o povo, a volta do otimismo, a alegria em ser brasileiro renovada. Para Nelson, o brasileiro só se fazia brasileiro com orgulho a partir do futebol.

Embora não caiba à presente pesquisa fazer uma análise detalhada das suas crônicas esportivas, visto que elas se apresentam de um outro formato, outro conteúdo e voltado para um público diferente daqueles que liam as *confissões*, é válido acrescentar aqui suas indagações otimistas acerca do futebol à medida que estas também se fizeram presentes na sua coluna de memórias e, contribuíram, em grande parte, para a discussão nacionalista do qual o capítulo trata. Vimos surgir a partir das vitórias da seleção brasileira um novo brasileiro, que deixava para trás aquele homem envergonhado de si, que trazia consigo a síndrome do “vira-lata”:

²²⁰FACINA, Adriana. Op. Cit. 2004. P. 112-113.

²²¹Para mais sobre ver: ABREU, Alzira Alves de.; BELOCH, Israel; LAMARÃO, Sérgio; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; (org.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro. 1930-2000*. Rio de Janeiro: FGV, 2001

²²²FACINA, Adriana. Op. Cit. 2004.

“Há um momento, todavia, em que todos se lembram do Brasil, em que cem milhões de brasileiros descobrem o Brasil. Aí está o milagre do escrete. Fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. É, então, um pretexto, uma razão de auto-estima. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas.”²²³

As crônicas de Nelson Rodrigues, principalmente as que tratam sobre futebol²²⁴, apresentaram durante a década de 1950 um discurso pessimista em relação ao povo brasileiro. A falta de confiança, a postura submissa e de pouca auto-estima diante do estrangeiro foram características marcantes nas crônicas de Nelson. E, como podemos ver, o futebol parece dar o tom a ora esse pessimismo que assombra e outrora o entusiasmo que invade suas colunas jornalísticas fazendo do brasileiro um grande homem que engrandecia sua nação, principalmente a partir do tricampeonato de 1970 conquistado pelo escrete²²⁵.

A derrota na copa de 1950 diante de mais de duzentas mil pessoas no Maracanã foi representada inúmeras vezes nas crônicas como a maior tragédia do nosso futebol, e, conseqüentemente, um dos piores dramas de toda a história brasileira. Para Nelson, o escrete era “a pátria em chuteiras”, ele não era apenas calções disputando um jogo, definindo-se apenas por seu caráter esportivo, representava simbolicamente, “o valor e o destino de todos os brasileiros e do próprio Brasil”.²²⁶ Marcelino Silva defende a ideia de que para Nelson Rodrigues, seria apenas através do escrete que o Brasil se realizaria plenamente como nação.²²⁷ É válido ressaltar essa ideia à medida que somente a vitória futebolística compensaria o povo de seu passado frustrado, como mostra o trecho acima, que refere-se ao passado colonialista e complexado acerca de sua inferioridade.

A importância que era dada por Nelson ao futebol se expressa na passagem abaixo:

“E nós? Que vemos nós? Somos noventa milhões. Noventa milhões que vivem, por causa do escrete, em plena tensão dionisíaca. Ainda

²²³Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 10.06.1970. O grande inimigo do escrete: - o “entendido”. Em: *O Reacionário: Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 665.

²²⁴Nessa época Nelson Rodrigues escreveu na *Manchete Esportiva* de 1955 a 1959 e a partir de 1962 assumiu o jornal *O Globo* com duas colunas: “Meu personagem da semana” e “à sombra das chuteiras imortais”.

²²⁵A seleção brasileira era assim denominada por Nelson Rodrigues em suas crônicas.

²²⁶SILVA, Marcelino Rodrigues da. O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 1997.p. 60-61.

²²⁷Idem. P. 62

ontem, dizia-me um amigo: - ‘Só me sinto brasileiro quando joga o escrete.’ Não sei se já contei o que me disse a grã-fina das narinas de cadáver. Essa belíssima senhora é uma pose. Passa pelas coisas, pelas pessoas, pelas paisagens como a fronte alta das sonâmbulas. Não pisca para não afetar a pose. Uma noite, ao entrar no Estádio Mário Filho, perguntou: - ‘Quem é a bola? Quem é a bola?’ E só quando joga o escrete é que deixa de ter pose. E, então, ela sofre, chora, e se desgrenha e xinga.

E todo o Brasil se levanta porque o escrete é a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas. Em cada brasileiro, a pátria e o escrete estão objetivamente misturados.²²⁸”

Percebemos que Nelson procurava destacar a complacência nacional que somente se vislumbrava quando o escrete entrava em campo. Até mesmo a grã-fina que seria caracterizada em todas as suas crônicas como uma personagem superficial, se entregava “de esporas e penacho” diante da seleção brasileira, que, como afirma Silva, simbolicamente representava a nação.

Embora as copas de 1958 e 1962 tenham contribuído para a criação de uma nova imagem do homem brasileiro em suas crônicas esportivas, visto a construção de um novo herói retratado na figura de Pelé, que mostrava sua força, virilidade e autoconfiança, deixando o “vira-latas” de lado, a derrota na copa de 1966 fez com que retornássemos novamente aos velhos problemas brasileiros. Tanto, que quando deu início às suas *Confissões*, Nelson Rodrigues ainda representava o brasileiro como um submisso, um “vira-latas”, definindo de maneira literal à diferença de um cachorro de *pedigree*, simbolicamente o estrangeiro e o brasileiro, um homem de origem mestiça, descendente de diferentes raças e por isso, sem raça definida.

Marcados por esse fracasso nacional, o Brasil teria rumado à copa do México em 1970, totalmente desacreditado, inclusive pela imprensa:

“E de repente explode na nossa crônica a nova classe dos otimistas retardatários. São os mesmos que crocitavam pelos cantos: - ‘O Brasil não passa das quartas de final’. Mas houve o que houve, a nossa vitória foi a flor das vitórias. E, com o mais luminoso cinismo, fingem agora que sempre acreditaram no Brasil. Depois da finalíssima, as redações estão cheias de cronistas que, tarde, muito tarde, empunham a bandeira do otimismo. Um cochichou-me: - ‘Eu sabia que era barbada.’ São os profetas do passado. Depois da vitória, e com a taça no bolso do Brasil, eles fazem declarações de amor ao futebol brasileiro, ao nosso craque, aos nossos juízes, aos nossos bandeirinhas, aos nossos gandulas. Cada qual tratou de esconder sua depressão debaixo da cama. E são mais brasileiros do que nunca.

²²⁸Não há patriotismo sem patriotada. Crônica publicada no jornal O Globo. Rio de Janeiro, 30.05.1970.

O Brasil está na moda. É, repito, o milagre do escrete. O poente do Leblon mandou fazer um cartão de visitas assim: - 'Poente do Leblon' e embaixo, em letras miúdas: - 'Brasileiro'.²²⁹

Entretanto, a vitória brasileira permitiu o renascimento do sentimento patriótico, conforme a crônica acima menciona. Se, para Nelson, após a derrota de 1966 o Brasil teria entrado numa cava solidão, pois logo após começariam a surgir as passeatas, onde “começamos a ser vietcongs, cubanos, chineses, búlgaros e russos, menos brasileiros, que faria nascer o anti-Brasil”²³⁰; por outro lado, com a importância da conquista do tricampeonato em 1970, voltamos a ter orgulho da nossa pátria, pudemos ser Brasil, apenas Brasil. As esquerdas e o seu antinacionalismo ficaram retrógrados diante de um país em pleno otimismo.

A copa de 1970 representou exatamente a redenção do brasileiro, contribuindo para a repercussão de um grande otimismo entre a sociedade, que foi muito bem aproveitado pelo regime. A vitória no México significou o quanto o Brasil estava potencializado, principalmente a partir das crônicas de Nelson em que o futebol funcionava como um termômetro da grandeza do brasileiro, sendo reconhecido pelo próprio Médici, que teria feito de Nelson o seu porta-voz, justamente pelo otimismo presente durante toda a copa.

Em matéria do primeiro caderno do dia 22.06.1970, Médici conversa com Nelson Rodrigues pelo telefone, fazendo do jornalista o portador de sua saudação presidencial e pessoal: “Estou feliz; esta vitória do escrete é a vitória do povo. Os brasileiros mereciam essa alegria, é um povo maravilhoso, sempre consegue o que quer. Estou feliz, muito feliz...”²³¹ Ganhando grande destaque no jornal, a entrevista, apresentada ainda no primeiro caderno, lugar das principais notícias do dia, demonstrava mais uma vez a intimidade de Nelson Rodrigues com o General, assim como o seu prestígio junto aos militares.

²²⁹Os profetas do passado. *O Globo*. Rio de Janeiro: 26.06.1970.

²³⁰Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 02.10.1972. Teatro e vida. Em: *O Reacionário: memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 514.

²³¹*O Globo*. Rio de Janeiro: 22.06.1970. Primeiro caderno. P. 3

2.3 - Os militares como salvação

“Houve um momento em que ele me disse: - ‘Sou um presidente sem compromissos. Só tenho compromissos com a minha pátria’. Eis um homem que fala em ‘pátria’, em ‘minha pátria’. Para a maioria absoluta dos civis, ‘pátria’ é uma palavra espectral, ‘patriota’ é uma figura espectral. E as nossas esquerdas fizeram toda sorte de manifestações. Não berravam, não tocavam na ‘pátria’.²³²”

Algumas das questões que podem nos levar a compreender os motivos que possibilitaram diversos segmentos da sociedade brasileira apoiar e legitimar o governo do general Garrastazu Médici, a partir dos diálogos que foram estabelecidos entre esta e o regime, poderão ser encontradas nas crônicas de Nelson Rodrigues. Conforme o trecho acima, retirado de uma crônica sua de 1970, percebemos o quanto o discurso nacionalista e patriota também atuava como legitimador para a permanência dos militares. O cronista ressaltava a importância que Médici dava às questões brasileiras, contrapondo a sua exaltação ao ditador exatamente à sua principal crítica às esquerdas: o antinacionalismo.

Na primeira parte deste capítulo, acompanhamos como as esquerdas foram representadas nas crônicas como o anti-Brasil. Seus projetos revolucionários eram ligados ao comunismo soviético e desprendidos das questões nacionais. Por outro lado, os militares seriam a representação da defesa da unidade nacional, estariam ligados aos projetos desenvolvimentistas que visavam o crescimento do país e, ao mesmo tempo, garantiam a ordem e a permanência da moral e dos bons costumes em contraponto aos processos de transformações sociais e políticas que estavam ligados às concepções internacionalistas dos comunistas.

A partir disso, ganharam destaque nas *confissões* as aproximações de Nelson com o General Médici. A admiração de Nelson pelo estadista era retratada nas crônicas sem pudores. Sem restrições exaltava-se a figura de um ditador, identificado como um homem do seu povo.

²³² Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 28.01.1970. O homem que ainda fala em pátria. Em: *O Reacionário: Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

A intimidade com que são relatados os encontros, assim como as conversas, demonstram o quanto Nelson buscava humanizar Médici, colocando-o como um brasileiro comum, um homem simples que faria parte do seu povo, e buscava nada mais que governar para esse povo, contribuindo para o discurso de propaganda do governo. Como afirma Carlos Fico, a ideia de fazer do presidente um homem simples, foi um dos marketings políticos que o regime soube aproveitar muito bem. Embora os militares inspirassem temor e respeito, principalmente ao serem identificados à força do Estado, houve uma grande preocupação em representar os presidentes como homens populares, ligados à vida modesta, de pequenos prazeres, como o futebol no Brasil, principalmente, no caso de Médici. O resultado dessa propaganda tinha como objetivo alcançar uma sensação de coletividade entre o governo e a sociedade, fazendo com que esta se identificasse com o presidente e ao mesmo tempo, se sentisse como parte fundamental no desenvolvimento do país.²³³

“Comecei assim a nossa conversa:- ‘Presidente, é uma pena que o senhor seja presidente’. Achava eu que deve ser difícilimo tornar-se íntimo de um presidente e dizer tudo a um presidente. Ele me respondeu, por outras palavras, que o Poder é uma espécie de órfão de amigos. Mas ele queria ser amigo de 90 milhões de brasileiros. No seu coração isso não era uma frase, era um sentimento. Observei: - ‘Presidente, foi um teste dramático o seu comparecimento ao Estádio Mário Filho?’ Acha graça: - ‘Na primeira vez todo mundo aconselhou: - ‘Não vá, não vá!’ Respondi: - ‘Diz Nelson Rodrigues que, no Maracanã, vaia-se até minuto de silêncio.’ Não pode ser presidente quem tem medo de vaias; ou pior: - não pode ser presidente quem tem medo do povo. Não tenho medo do povo. Quem vai ao Maracanã não é o brasileiro? Não é a moça? Não é o rapaz? Não é o operário, o estudante? Eu sou brasileiro, eles são brasileiros. Estou certo de que nos entenderemos, de que seremos profundamente irmãos.’²³⁴”

A crônica acima se refere a uma das idas de Médici ao Maracanã, em que o General Presidente recebeu grandes aplausos dos torcedores brasileiros, demonstrando mais uma vez a aprovação que seu governo tinha diante de grande parte da sociedade. Para Nelson, o gosto que Médici tinha pelo futebol aproximava-o do povo brasileiro, tornava o General “um brasileiro de entranhas vivas”, que sabia reconhecer os prazeres do seu povo: “O Presidente Médici é o primeiro que sente o futebol como uma das linguagens mais belas do Brasil (...) Hoje, um homem que não sinta o futebol não será

²³³FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 1997. P. 60.

²³⁴Conversas brasileiras com o Presidente Médici. *O Globo*. Rio de Janeiro, 09.05.1970.

no Brasil um estadista”²³⁵. Mais uma vez percebe-se a importância do futebol para a concepção de brasileiro de Nelson Rodrigues. É importante, ainda, notar que escrita em 1973, essa passagem indica o quanto o governo de Médici foi exaltado mesmo após Nelson ter certeza da existência de tortura no Brasil.

A comparação que é feita na crônica, de Médici com a moça, o operário, o estudante e o rapaz, demonstra o quanto Nelson construiu em sua coluna uma imagem positiva do General. Deixando de lado as acusações de tortura que recaíam sobre seu governo, assim como o autoritarismo cada vez mais evidente do Estado, reconhecia-se um presidente solidário com seu povo. Diante de tal entusiasmo, Nelson exaltou até mesmo a Transamazônica em suas crônicas. Para o cronista, a construção da estrada tinha como grande objetivo trazer emprego para aqueles homens do Nordeste, que estavam abandonados em meio a grande seca que assolava a região. Seu discurso, presente nas “conversas brasileiras com o presidente Médici” em suas crônicas, ressaltava a compaixão de Médici pelos pobres homens.

O gesto impulsivo do presidente, que o levou a investir no projeto da Transamazônica, lembrava, segundo Nelson, Barão de Rio Branco em 1887, quando promoveu uma subscrição a flagelados após a grande seca daquele ano. Lembrava, sobretudo, o gesto de um grande homem, como inúmeras vezes o Barão era representado em suas crônicas.

Dando destaque aos discursos do presidente, Nelson reproduzia-os em suas crônicas:

“Bem sei que um presidente pode fazer muito. E eu não quero outra coisa senão fazer muito. Outros disseram a mesma coisa e não cumpriram. Mas eu – e que Deus me perdoe de estar falando assim – eu não prometo para frustrar o meu povo. Por exemplo: - temos a loteria esportiva. Sabe o que vamos fazer com a parte destinada ao INPS? Vamos abrir ambulatórios pertinho das favelas, à sombra das favelas (...) Se é pobre, mais uma razão para ser atendido depressa.”²³⁶

Como podemos ver, suas crônicas humanizavam Médici. Traziam para os leitores os feitos e as promessas do presidente, que era apresentado como um homem popular, que estava sempre disposto a ajudar o seu povo.

Contudo, além destas constantes representações, a relação íntima de Nelson com o General também era descrita em *Confissões*. Um dos episódios mais marcantes diz

²³⁵Crônica publica originalmente no jornal *O Globo* em 25.05.1973. Eis o brasileiro que não é uma casaca. Em: *O Reacionário: Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 126-127.

²³⁶Conversas brasileiras com o presidente Médici. *O Globo*. Rio de Janeiro: 13.07.1970. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: Memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 505.

respeito à ida de Nelson ao estádio do Morumbi, em avião exclusivo do presidente, o que demonstra, mais uma vez, sua proximidade com o ditador:

“Simplesmente o presidente Médici me convidava para assistir, a seu lado, na inauguração do Morumbi, o jogo internacional. Eu iria, com S. Excelência, no avião presidencial. O presidente fazia o maior empenho que eu o acompanhasse (...) Confesso, sem nenhuma vergonha, que o convite me fascinou. (...) De mais a mais o Brasil vive o seu grande momento. Eis o nosso dilema: - ou o Brasil ou o caos. O diabo é que temos a vocação e a nostalgia do caos. É o momento de fazer o Brasil ou perdê-lo. Esse Garrastazu Médici é, neste instante, uma das figuras vitais do país. (...) Vi o Morumbi lotado, aplaudindo o presidente Garrastazu. Antes do jogo e depois do jogo, o aplauso das ruas. Eu queria ouvir um assóvio, sentir um foco de vaia. Só palmas. E eu me perguntava: - E as vaias? Onde estão as vaias? Estavam espantosamente mudas.²³⁷”

A confiança que o General inspirava em Nelson também o fez negar a tortura que já era amplamente debatida durante os anos do governo de Médici, que sempre afirmou não existir: “Se tivermos conhecimento – o que ainda não aconteceu – da execução de atos de tortura em qualquer região do país, o ministério da justiça saberá aplicar as medidas tendentes à punição dos responsáveis.”²³⁸ O próprio Nelson Rodrigues por diversas vezes destacou a afirmação de Médici nas suas crônicas e em diversas entrevistas, expressando um certo alívio com as declarações:

“Presidente, o senhor me garante que, ao contrário do que dizem, não há tortura no Brasil?
Médici respondeu: 'Dou-lhe a minha palavra de honra que não se tortura.'
Nelson ficou satisfeito...²³⁹”

E, após anos, quando era indagado sobre sua aproximação com Médici em período tão delicado da política brasileira, Nelson afirmou:

“Repórter: Você acredita que o presidente Médici não sabia das torturas que estavam acontecendo naquele período?
Nelson: É como o diretor do jornal: a notícia escapa inteiramente à sua vigilância e ao seu controle. Numa imensa nação acontecem horrores. É uma ingenuidade atroz o sujeito pensar que o presidente sabe tudo,

²³⁷Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* no dia 28.01.1970. Em RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: Memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 235.

²³⁸Originalmente retirada do jornal *O Globo* de 3 de dezembro de 1969. Apud GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das letras, 2002. p. 168.

²³⁹CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 390.

quando tem gente cujo trabalho é evitar que o presidente saiba de certas coisas.^{240,,}

O discurso otimista presente nas crônicas de Nelson Rodrigues pode ser considerado uma repercussão da propaganda oficial do governo, que soube dialogar com as expectativas e esperanças já existentes entre o povo brasileiro. A Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP – 1968-1973), responsável pela propaganda durante o governo Médici, foi essencial para divulgar uma imagem otimista e grandiosa do país baseada no patriotismo, mesmo que trouxesse novas conceituações para ele, ao significar o patriota sempre como um otimista no futuro do Brasil, contrapondo-o ao impatrióta, ou seja, o pessimista ou crítico do governo, concluindo que não partilhavam do ideal desenvolvimentista e promissor que os militares creditavam ao país²⁴¹. Por isso, as esquerdas se encontravam de fora desse cenário de otimismo e crescimento.

O historiador Carlos Fico desenvolveu como tese de doutorado uma pesquisa que trouxe resultados significativos acerca da propaganda oficial do governo durante o período ditatorial. Ao compreender a propaganda do regime além da manipulação, o autor valorizou os aspectos internos que contribuíram para o sucesso da propaganda, que teria suscitado um grande sentimento ufanista. Fico ressaltou que os militares souberam trabalhar com um imaginário de otimismo já presente entre os brasileiros. Ao re-significar em sua propaganda política uma tendência considerada pre-existente na sociedade, ou seja, a crença num país que seria propenso ao progresso, o governo soube dialogar com essa expectativa de Brasil grandioso, tornando cada vez mais essa premissa uma verdade incontestável, que se encontrava partilhada entre os brasileiros. Ao levar essa questão em consideração, podemos compreender os motivos que levaram os militares a serem aceitos com grande entusiasmo por uma parcela significativa da sociedade brasileira à medida que esta se reconhecia na esperança suscitada pela propaganda do governo.²⁴²

Considerado um dos períodos mais autoritários do país, o governo de Garrastazu Médici (1969-1974), respaldado pelo Ato Institucional nº 5, foi marcado pelo aumento das prisões, das perseguições e das torturas, o que inevitavelmente foi chamado de “os anos de chumbo”. Entretanto, se foram anos de endurecimento do regime, também

²⁴⁰Entrevista concedida à emissora Globo no dia 25 de maio de 1979 no jornal nacional. Apud: CASTRO, Ruy. Op. Cit, p. 406.

²⁴¹FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo*. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

²⁴²Idem.

puderam ser chamados de “anos de ouro”. No plano econômico, o Brasil se superava, causando uma imensa euforia. Seu crescimento nunca esteve tão próspero, o que acarretou no “milagre econômico”, proporcionando à grande parcela da sociedade, principalmente à classe média, um elevado padrão econômico. Para Daniel Reis Filho²⁴³, com base no Estado e nos capitais privados nacionais e estrangeiros, formou-se uma aliança de interesses que proporcionou o crescimento da economia a números tão elevados que alcançaram parcelas significativas da sociedade, fazendo com que se beneficiassem ao mesmo tempo em que silenciavam a tortura no Brasil. “Sempre que esse jogo sujo passasse fora das vistas, e longe dos ouvidos, seria possível sustentar que os excessos eram ignorados e a sociedade, inocente”.²⁴⁴No caso de Nelson, foi preciso que seu filho lhe confessasse a tortura em 1972 para que o jornalista admitisse sua prática no Brasil, como já mostrado no capítulo.

Transcrita nas crônicas, essa euforia era exaltada aos olhos dos leitores. Embora ainda encontrássemos em 1970 um relativo pessimismo diante do brasileiro, à medida que Nelson não se identificava com os principais elementos que seriam utilizados pela propaganda política do governo, aos poucos o ideal de Brasil grande passava a ganhar destaque, principalmente a partir do governo Médici, por compreender que somente os militares poderiam constituir uma “certa ideia de nação – baseada nos princípios da coesão e da cooperação”, naquele momento²⁴⁵.

Dentre os elementos de propaganda do regime, podemos ressaltar alguns elementos que foram traços de enaltecimento da nação durante a ditadura: “a valorização da mistura racial” (embora Nelson valorizasse essa mistura, ele não compartilhava do ideal de “democracia racial” também exaltado pelos militares. Para o autor, a democratização racial não existia e somente através do futebol tínhamos uma verdadeira valorização da mistura de raças), “a crença no caráter benevolente do povo” (em inúmeras de suas crônicas, afirmava: “o brasileiro só é solidário no câncer”), o “enaltecimento do trabalho” (como já vimos, afirma que o brasileiro tinha alma de feriado). Conquanto, se essas questões ainda encontravam resistências nos discursos de Nelson, a crença no progresso do brasileiro, capaz de levá-lo ao desenvolvimento rumo

²⁴³REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

²⁴⁴Idem

²⁴⁵O destaque para esses elementos como traços de valorização da nação durante a ditadura, está de acordo com: FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

a um país grandioso sempre foi ressoante nas suas crônicas. Em crônica de 18.10.1967, escrita para o jornal *O Globo*, antes mesmo da coluna *confissões*, Nelson escrevia:

“Imaginem vocês que sustentamos, há muito tempo, a seguinte tese: o europeu é viril, mas leal; ao passo que o brasileiro é bruto e desleal. Vejam vocês que bela imagem fazemos de nós mesmos (...)
 (...) E, então, aconteceu o seguinte: - resolvi fazer a defesa do Brasil e do brasileiro. Mas não imaginei, Deus me livre, que estava cutucando, com a vara de cutucar, a ira de quase totalidade dos companheiros. E, de fato, é muito difícil elogiar o brasileiro entre brasileiros.”²⁴⁶

Por isso, a criação do brasileiro como um “vira-latas” é crítica, conforme mostrado na segunda parte do capítulo. Para o cronista, tínhamos que acreditar mais nas potencialidades do nosso povo, que vinham sendo exaltadas pelo novo regime, deixando cada vez mais para trás a síndrome da autonegação que tanto acompanhou o brasileiro. Afinal, como afirmava o cronista, “quando injetam a alma no brasileiro, ele é insuperável”²⁴⁷. Compreende-se, deste modo, que Nelson não simplesmente aderiu aos militares, e sim, que estes passaram a significar o brasileiro em potencial, que tanto era buscado por Nelson, mas que só encontrava a presença desse otimismo e do orgulho nacional presente entre o seu povo, quando o escrete entrava em campo.

Reconhece-se que durante o governo Médici, mediante a propaganda que fora proposta pela AERP, de preocupação com a base social do país, houve grande investimento na criação de um novo cidadão a partir do ensino de princípios patrióticos e valores morais cívicos nas escolas. Com isso, a ideia de um novo tempo com os militares era enfatizada por uma “pedagogia esclarecedora”, que tinha como objetivo contrapor as mazelas outrora enfrentadas pelos brasileiros com o anúncio de um novo tempo, de superação provida com os militares, que garantiriam o caminho certo para um futuro promissor.²⁴⁸ Novamente, dialogava-se aqui com a singularidade que era creditada sobre o povo brasileiro.

Propõe-se, a partir desta ótica, compreender a propaganda do governo além da manipulação ou imposição. Ver a sociedade apenas como uma “esponja” que absorveria o que o regime lhe impusesse seria, de todo modo, simplista, pois deixaríamos de nos atentar para o constante diálogo que foi fundamental no reconhecimento da propaganda

²⁴⁶RODRIGUES, Nelson. Tristíssimo Brasil. *O Globo*. Rio de Janeiro: 18.10.1967. Em: RODRIGUES, Sônia (Org.). *Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. P. 51.

²⁴⁷RODRIGUES, Nelson. No Brasil é difícil encontrar um otimista. Rio de Janeiro: *O Globo*, 22.05.1970. Em: RODRIGUES, Sônia (org.) *Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. P. 150.

²⁴⁸FICO, Carlos. Op. Cit. 1997.

como significativa para grande parcela dessa sociedade. Os valores partilhados seriam, sobretudo, ignorados, assim como a presença de culturas políticas presentes entre os grupos sociais que permitiram um significativo número de pessoas se identificarem com o regime, como é o caso de Nelson Rodrigues.

Através das suas *Confissões*, o cronista vai dialogar com o governo e se identificar, principalmente, com a proposta de fazer do Brasil um país grande e desenvolvido, em que todos deveriam se unir em prol de um projeto de nação. Como vimos, não partilhava de muitos elementos de propaganda dos militares, mas via no Estado ditatorial o surgimento de um novo país, que se potencializava diante dos outros. Para ele, teríamos deixado, pelo menos por alguns momentos, de ter a “síndrome do vira-latas”, fomos tricampeões mundiais em 1970, estamos sendo bem vistos internacionalmente, o Brasil deixava, enfim, de “ser uma piada”.

“Mas diz a minha vizinha gorda e patusca: - ‘Não há mal que sempre dure nem bem que nunca acabe’. Pela primeira vez há um episódio na vida brasileira sem piadas. Estão aí as esquinas, os botecos, o riso das ruas. Mas as piadas, repito, estão mudas. O Presidente Médici foi aos Estados Unidos e voltou. O que se observa, por toda parte, é um respeito inédito, sim, um respeito maravilhado (...) eis a verdade: - o Brasil, mudou o Brasil. Segundo a piada da época, o Brasil ia receber Eisenhower de chapéu estendido: - ‘Me dá um dinheiro aí’. Hoje pode ir aos Estados Unidos e convidado pelos Estados Unidos. Qualquer brasileiro, vivo ou morto, sabe que Garrastazu Médici não foi pedir nada. É espantoso este Brasil que não pede. E por isso podemos dizer que há entre um Brasil e outro Brasil, um horrendo abismo (...)Médici ouviu de Nixon o que jamais um Presidente brasileiro ouviu de um Presidente americano. Portanto, o milagre é o reconhecimento da dimensão que depois de 64, o Brasil assumiu. Quando o próprio Médici declarou que ninguém segura este país, não fazia uma frase mas uma constatação. Mais do que isso declarou Nixon ao proclamar o óbvio ululante, ou seja, a liderança que o Brasil passou a exercer na América do Sul.²⁴⁹”

A crônica acima se destaca por anunciar o novo tempo de grandeza e prosperidade que fora inaugurado a partir da subida dos militares ao poder. Nelson partilhou dessa ideia e passou a reconhecer que o país, naquele momento, se encontrava no caminho certo, exatamente como a propaganda dos militares buscava ressaltar.²⁵⁰

Ao trazer para o leitor, através da personagem “vizinha machadiana” que o mal está acabando, Nelson acreditava na superação do Brasil. O novo governo, instaurado em 1964, trazia de volta o orgulho de ser brasileiro. Do mesmo modo, o respeito que

²⁴⁹Os dois presidentes. Em: *O Globo*. Rio de Janeiro, 13.12.1971.

²⁵⁰Sobre a propaganda do governo ver: FICO, Carlos. Op. Cit. 1997.P. 128.

agora seria concedido ao país deixava para trás a mediocridade do brasileiro de outrora, sempre presente em suas crônicas. Como afirmou, havia um enorme abismo entre o Brasil de antes e o Brasil do pós-1964, que recuperava o otimismo do brasileiro, assim como a alegria em viver numa terra tão próspera, como bem colocado acima, ao falar da “constatação” que teria sido feita por Médici em declarar “ninguém segura este país”, numa típica visão ufanista. Entretanto, como afirma Carlos Fico, os militares não se consideravam ufanistas, pois sua “missão se dava em bases bem realistas, tendo em vista as características do povo brasileiro”.²⁵¹

E em outra crônica do mesmo mês, assume novamente uma posição otimista:

“O que se patenteia, com evidência objetiva, evidência histórica, é que só o Brasil, na América do Sul, apresenta condições de liderança. Enquanto os outros brincam com a catástrofe, o Brasil se desenvolve, e cada vez mais, de quinze em quinze minutos. É humilhante qualquer paralelo entre o nosso país e os demais.”²⁵²

As crônicas acima evidenciam a mudança de postura de Nelson Rodrigues em relação ao Brasil. Quando começou a escrever suas *Confissões* em dezembro de 1967, o que se destacava na coluna era uma posição pessimista em relação ao brasileiro, que mesmo tendo um governo comandado pelas Forças Armadas, segundo ele, estava entregue às esquerdas, que degradavam esse Brasil, principalmente, com sua postura antinacionalista. Suas crônicas se resumiam a criticar as esquerdas e a mediocridade de grande parte do povo brasileiro. A defesa aos militares, exaltando o prestígio das Forças Armadas, se deu a partir de 1970, principalmente devido o governo de Garrastazu Médici, a quem Nelson via como um grande líder, o “estadista que o Brasil precisava”:

– “O nome Garrastazu me fascina. Quando me disseram que, entre os possíveis presidentes, estava ele, disse eu: - ‘Garrastazu é nome de presidente’. Vocês entendem? Garrastazu, repito, é nome histórico.”²⁵³

Em relação à ida de Médici aos Estados Unidos em 1971, Nelson se refere ao episódio em que Nixon teria declarado acreditar na superioridade do Brasil em relação aos demais países da América Latina. Ao ressaltar tal declaração, o cronista exaltava um governo que buscava destacar sua superioridade em relação aos demais sul-americanos. Ao nos atentarmos para os discursos construídos nas *Confissões*, vimos o quanto Nelson participou dos debates que aclamaram o “milagre econômico”. Gerado pelo aumento do

²⁵¹Idem.P. 37.

²⁵²O admirável ridículo. Em: *O Globo*. Rio de Janeiro, 17.12.1971.

²⁵³Eis um brasileiro que não é uma casaca. *O Globo*. Rio de Janeiro: 25.05.1973. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 125.

Produto Interno Bruto (PIB), o crescimento da economia proporcionou a confiança que o Brasil necessitava, colocando-o, de acordo com a grande elite brasileira, numa distância muito mais curta daquela que o separava dos países capitalistas desenvolvidos.²⁵⁴

Percebe-se que a partir do governo Médici, o Brasil vivenciou anos de alteração na condução da política externa do país. Se antes era caracterizada pela chamada “diplomacia da prosperidade”, visando a luta em conjunto dos países subdesenvolvidos para a superação dos problemas que lhes separavam dos desenvolvidos, a partir da credibilidade no êxito econômico brasileiro, destacou-se a “diplomacia do interesse nacional”, dando ênfase às relações bilaterais, ou seja, a ideia de que o Brasil estava se destacando muito mais do que os outros países, o levou a priorizar o aspecto nacional em detrimento do equilíbrio de poder no sistema internacional.²⁵⁵

A partir destas passagens, podemos destacar o poder de alcance que teriam tais mensagens do governo. A força do otimismo que acompanhou as crônicas de Nelson a partir de 1970 fez parte do discurso de um regime que tentava projetar, a todo tempo, a grandeza do Brasil, principalmente a partir do seu rápido desenvolvimento econômico, o que animava os setores médios e da elite brasileira.²⁵⁶ Entende-se que a ditadura soube dialogar com o otimismo preexistente na sociedade, que através da crença numa “mitologia” que fazia crer sempre num futuro promissor para o país, assim como na concepção de um brasileiro em potencial, propiciou essa visão confiante como primordial para a legitimação de um dos governos mais autoritários do Brasil. Para Nelson, o país como submisso deixava de existir, agora ele se potencializava e passava a ter grande destaque na política internacional. A prova dessa teoria era o reconhecimento por parte dos Estados Unidos.

Outra questão que se fez muito presente nas crônicas de Nelson Rodrigues a partir de 1971 foi a eleição do presidente Salvador Allende, no Chile. De acordo com Nelson, sua subida ao poder representava uma série ameaça aos interesses americanos e também aos brasileiros. Com uma política alinhada aos Estados Unidos, os militares, assim como grande parte dos setores conservadores do Brasil, repudiaram a eleição de um governante socialista; para muitos, o erguimento desses governos representavam o

²⁵⁴MIYAMOTO, Shiguenoli e GONÇALVES, Williams da Silva. *Os militares na política externa brasileira 1964-1985*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: V. 6, nº12, 1993.

²⁵⁵Idem. P. 225.

²⁵⁶FICO, Carlos. Op. Cit, 1997.

sucesso de uma estratégia expansionista da URSS. Em crônica de setembro de 1970, Nelson escreveu:

“No Chile, Allende vence a eleição por escassa minoria, mas vence. É outro marxista-leninista. Qual foi o seu primeiro gesto de vitória? Ligar para Fidel Castro, dar satisfações a Fidel Castro.²⁵⁷”

E, com a mesma posição, em janeiro de 1972 afirmou:

“Em relação ao Chile de Allende, ninguém precisa ser um profeta das segundas-feiras. Qualquer um pode prever tudo que acontecerá na doce terra chilena. O atual Governo vai se transformar numa ditadura sangrenta. Todas as liberdades serão assassinadas. Pode-se dizer que Allende entregou sua pátria à catástrofe. Ou as Forças Armadas farão o que as nossas fizeram aqui ou veremos o que o Dr. Alceu chamaria de marcha irreversível para o socialismo.²⁵⁸”

Com as crônicas acima, identificamos o apoio de Nelson às Forças Armadas até mesmo depois destas já começarem a receber duras críticas. Entretanto, esse apoio sempre aparecia ligado ao medo comunista, medo da expansão do regime como percebemos. Em suas crônicas, a exaltação ao governo aparece em contraponto ora à questão socialista e ora à obtusidade das esquerdas, que, segundo ele, continuavam deixando o Brasil no caos devido às suas irresponsabilidades e seu antinacionalismo. Por isso, inúmeras vezes encontramos nas crônicas as críticas aos projetos de esquerda e a defesa aos militares.

“A outra, [grã-fina] com um olhar que me varou fisicamente, começou: - ‘Eu estava dizendo que o Exército Brasileiro nunca fez nada’. Pausa. Estão esperando a minha palavra. Por que não dizer, inversamente, que na hora da decisão o Exército sempre fez tudo? A falsa ‘passionária’ exigia: - ‘Quero os fatos.’ Mas vou dizendo as minhas verdades. Se não fossem os dragões, as esporas e os penachos, nós seríamos aqueles moleques de Debret que vendiam água à aristocracia do tempo. E a República? Perguntei-lhe: - ‘Já ouviu falar em Deodoro? Da estação, já ouviu?’ ‘Seria possível o movimento de 30 se excluíssemos os militares? E mais: - 35. A resistência contra os comunistas em 35 etc,etc,etc. E agora fazia-se a Revolução que as esquerdas não souberam fazer. As esquerdas tiveram tudo: - poder, dinheiro, armas. Não fizeram nada. Minto: - fizeram o caos. E os socialistas que andam por aí têm apenas a vocação e a nostalgia do caos. A comunista rilhava os dentes: - ‘É preciso ser contra tudo’. Insisto, com a maior doçura: - ‘Portanto,

²⁵⁷Uma paisagem de papel picado. *O Globo*. Rio de Janeiro, 08.09.1970.

²⁵⁸O abismo chileno. *O Globo*. Rio de Janeiro, 03.01.1972.

se os fatos querem dizer alguma coisa, a senhora deve comemorar também a Semana do Exército Brasileiro.^{259,}

O trecho destacado faz menção a mais um sarau na casa das grã-finas, os quais Nelson era frequentador assíduo, se levarmos em consideração as crônicas. Novamente, a crítica às esquerdas perpassava a questão da ociosidade. Identificada ironicamente como a “falsa passionária”, uma possível referência à espanhola Isidora Dolorez Gomes, conhecida pela liderança comunista contra as tropas de Franco na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a grã-fina seria uma das representações do que constitui a *esquerda festiva*, que ao questionar e lutar contra a presença do Exército brasileiro, não mostrava propostas claras e muito menos o resultado de ações. Para Nelson, sem os militares, o Brasil continuaria enterrado no seu passado colonialista e subdesenvolvido, “como os moleques de Debret”.

De acordo com o cronista, o Brasil vivia o seu grande momento como país e os principais responsáveis por tal avanço seriam os militares, principalmente por estarem ligados à defesa da unidade nacional, ao romperem com os avanços comunistas sobre o país; o prestígio internacional também era valorizado, assim como a presença de um líder, acima de tudo carismático e identificado com o povo brasileiro, como era Emílio Garrastazu Médici.

“Diríamos, até Jango: - ‘Eu não mereço tanto!’ Símbolo autêntico de um Brasil pré-revolucionário é certo conhecido meu. Vivia ele bramando, pelas esquinas e pelos botecos: -‘Sou um quadrúpede de vinte e oito patas!’ Como se vê, era um Narciso às avessas que tratava a própria imagem a pontapés.^{260,}

Para Nelson, a chegada dos militares ao governo representou a época do Brasil revolucionário, como os próprios exaltavam nos discursos oficiais. O Brasil atrasado teria ficado para trás, junto com as esquerdas e aquele brasileiro desacreditado de outrora. Portanto, podemos ver nas crônicas um discurso muito próximo daquele defendido pela ditadura, que a partir de uma intensa propaganda, como também de um plano econômico que atendeu grande parte de setores da elite e da classe média, possibilitou o desenvolvimento do país, repercutindo num intenso sentimento otimista, que contribuiu para o apoio de um regime autoritário.

²⁵⁹Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 24.08.1971. A semana do exército. Em: *O Reacionário: Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 395.

²⁶⁰Crônica publica no jornal *O Globo* em 05.05.1972. Em: RODRIGUES, Sônia. (org.) *Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. P. 73.

Os militares representariam o país grande, em desenvolvimento, e teriam como proposta o reerguimento do prestígio internacional do país, como o próprio Ato nº 1 destacava; enquanto que as esquerdas sempre degradavam-no com as “acusações” de tortura. As denúncias que eram feitas sobre o governo em outros países, simbolizavam para o cronista o antipatriotismo destas esquerdas, como vimos.

Deste modo, presenciamos ao longo do capítulo o quanto o discurso nacionalista estava presente nas crônicas e como que, a partir disso, Nelson interpretou e projetou um país vinculado aos discursos oficiais. Para legitimar o governo, retratou as esquerdas de modo pejorativo. Além da ridicularização através da criação de personagens caricatos, o cronista encontrou nos discursos ofensivos os meios para desqualificar seus projetos revolucionários. Todavia, podemos notar em alguns momentos que as críticas de Nelson Rodrigues possuem fundamentos hoje apontados como decisivos para a derrocada das esquerdas, principalmente no que concerne a não-identificação da sociedade com seus projetos revolucionários.

Ao compreender esse discurso como relevante, é interessante destacar como a questão política era abordada nas suas crônicas, buscando a partir das suas opções políticas uma maior compreensão do seu apoio à ditadura. Portanto, são para essas questões que o terceiro capítulo se volta.

Capítulo 3: O Liberalismo anticomunista

3.1- Só sei que é incompatível o ser humano e o socialismo

“Afirmam: ‘- O socialismo é liberdade!’ Será mesmo? Ora, a experiência de 50 anos de socialismo ensina exatamente o contrário: -‘O socialismo não é liberdade’, e repito: - socialismo tem sido o estupro dessa mesma liberdade. Trata-se do óbvio ululante. Mas a ‘liberdade’ no manifesto é uma palavra. Palavras por palavras, a burguesia oferece mais: - ‘Liberdade, igualdade e fraternidade’²⁶¹”

Através das *Confissões* de Nelson Rodrigues percebemos, até aqui, o quanto o escritor procurou criticar e desqualificar os projetos políticos das esquerdas brasileiras. Sempre representadas como um grupo alinhado aos interesses soviéticos, questionou-se, entre outras críticas expostas neste trabalho, a falta de compromisso com os postulados de liberdade. Ao se referir ao “estupro da liberdade” pelos socialistas, Nelson apontou para o autoritarismo do Estado socialista, principalmente após a divulgação dos crimes cometidos pelo governo soviético durante o governo de Stálin.

Para dar maior relevância ao debate, fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, o presente capítulo se ocupará da discussão que norteou diversas crônicas de Nelson escritas no jornal *O Globo*. Novamente fazendo parte das batalhas discursivas da época, o cronista, por muitas vezes de um modo simplista, como veremos, caracterizou o socialismo como um regime que não respeita as liberdades do homem, fazendo deste a “anti-pessoa”, conforme expôs em sua coluna.

Contudo, percebe-se uma contradição. Se por um lado há a crítica ao autoritarismo soviético, por outro, a defesa do autoritarismo do governo brasileiro é mantida, valorizando a presença dos militares na política brasileira.

Ao longo das crônicas, podemos ver que Nelson exaltou, por diversas vezes, o golpismo político no país. Conforme já analisado em *confissão* do dia 24.08.1971, o cronista celebrou a “semana do exército” em sua coluna, lembrando as intervenções dos militares sobre a política brasileira como fatores positivos para a sociedade, pois, para o autor, o exército sempre atuava em prol desta, buscando a sua proteção e o seu progresso como nação. Vale, então, retomarmos uma passagem relevante, que embora

²⁶¹Os nossos intelectuais estão vendendo lagostas. *O Globo*. Rio de Janeiro: 26.08.1968.

já trabalhada em capítulo anterior, aparece aqui de modo singular, ao demonstrar o apoio às constantes intervenções do exército na política:

“Por que não dizer, inversamente, que na hora da decisão o Exército sempre fez tudo? A falsa “passionária” exigia: - ‘Quero os fatos.’
 ‘Seria possível o movimento de 30 se excluíssemos os militares? E mais: - 35. A resistência contra os comunistas em 35 etc,etc,etc. E agora fazia-se a Revolução que as esquerdas não souberam fazer.’²⁶²”

Portanto, defendia o golpe de 1964 como medida essencial e salvadora para a preservação da nação brasileira e de sua moral. O comunismo era o inimigo, visto com aversão, uma imagem que traduzia o que havia de pior no ser humano, principalmente por contribuir para um processo de restrição às liberdades, o que o levou a ser taxado criticamente pelos seus opositores como totalitário. E, mesmo após anos, essa defesa permanecia na memória do cronista, que continuava legitimando o golpe como uma medida emergencial, de defesa do país, como mostra sua entrevista para a revista *Isto É* em 1979: “as coisas estavam assim: ou você era a favor ou era comunista. O pior de tudo que pode haver é realmente o comunismo. Se o Brasil caísse no domínio comunista, por 48 horas que fosse, eu estourava os miolos”.²⁶³

De acordo com o discurso de Nelson Rodrigues presente em suas crônicas, o golpe teria sido dado como resposta às ações revolucionárias das esquerdas, da mesma forma que defendiam os militares e mesmo grande parte dos liberais que compunham o parlamento brasileiro. Como aponta Daniel Aarão Reis Filho, as direitas apareciam em posições defensivas, “em defesa da legalidade e da democracia, justificando o golpe como último recurso para *salvar* a democracia”²⁶⁴. Identificadas ao comunismo soviético, as esquerdas brasileiras teriam sido as grandes responsáveis pela ruptura democrática, elas teriam caminhado em sentido à ofensiva política, principalmente após declarações como “reforma agrária na lei ou na marra”, amplamente difundida por setores de esquerda²⁶⁵. Não alheio a esses debates e tomando partido, Nelson escrevia em suas crônicas:

²⁶²Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 24.08.1971. A semana do exército. Em: *O Reacionário: Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 395.

²⁶³*Isto É*. Rio de Janeiro: 25.07.1979.

²⁶⁴REIS FILHO, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In.: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo. *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004. P. 39.

²⁶⁵Idem.

“As esquerdas que aí estão, bebendo no Antonio’s e escrevendo nos suplementos dominicais, não justificam nenhuma esperança. São elas as autoras de 31 de março e 1º de abril. Portanto, deviam ser substituídas, até o último idiota.”²⁶⁶

O golpe de 1964 se legitimou em nome da democracia. O apoio a um regime autoritário concedido por Nelson Rodrigues, assim como por grande parcela da sociedade, seria em nome de algo maior: a *defesa* do país dos comunistas. Afinal, o medo diante da instabilidade política que estes representavam e as dessemelhanças políticas com os setores conservadores tinham ganhado proporções muito maiores do que a valorização da democracia²⁶⁷.

Ao buscar compreender suas opções políticas, sempre críticas às esquerdas e ao seu autoritarismo, percebemos que o jornalista se aproximava muito das práticas políticas dos liberais, sobretudo, no que concerne o liberalismo udenista. Em estudo sobre o partido da União Democrática Nacional (UDN), Maria Vitória Benevides identifica o liberalismo como uma tradição entre os seus políticos, embora essa relação se apresentasse de forma ambígua e contraditória, visto que na teoria tinham a democracia como princípio, mas na prática rompessem com seus valores à medida que estavam sempre dispostos ao golpismo político. Deste modo, a herança liberal brasileira seria relacionada, sobretudo, a um profundo elitismo, que não valorizava uma ampla participação política, ao mesmo tempo em que, sempre que necessário, não se privava de recorrer à intervenção militar.²⁶⁸

Reconhecendo o liberalismo como uma importante matriz anticomunista, Rodrigo Motta afirma que, embora o liberalismo brasileiro estivesse ligado à proposta liberal-democrática, a questão da participação política era relegada a segundo plano, estabelecendo-se apenas uma contraposição entre democracia e comunismo.²⁶⁹ Alinhado ao contexto político de Guerra Fria, em que os Estados Unidos eram os representantes da luta anticomunista, os valores democráticos, justamente por serem identificados tradicionalmente a essa Nação, foram assimilados e defendidos pelos políticos

²⁶⁶RODRIGUES, Nelson. “Disse coisas ao Callado que não diria ao Médiun depois de morto”. *O óbvio ululante. Primeiras Confissões*. Rio de Janeiro: Agir:2007. P. 195.

²⁶⁷FONTES, Virgínia Maria. *A propósito de democracia, de paradoxos e de reflexão histórica. À margem*, v.2, p. 5-13, 1993.

²⁶⁸BENEVIDES, Maria Victória. *A UDN e o udenismo. Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1981.

²⁶⁹MOTTA, Rodrigo. *Op. Cit.* 2002. P.5

brasileiros, num conflito que opunha democracia contra a tirania – esta identificada ao comunismo.²⁷⁰

Conforme expôs em sua crônica datada de 1972, percebemos a importância que a democracia ganhava no cenário político. Se antes, quando defendia a presença dos militares no governo, colocava-os apenas em oposição à instauração de um governo comunista ao valorizar uma imagem salvadora e nacionalista representada pelos militares, posteriormente, começará aparecer um discurso que tem a democracia como valor fundamental, que aí se coloca em oposição ao socialismo:

“De um lado, o burocrata soviético; de outro, o americano, vivendo a sua liberdade, até as últimas consequências. Resumindo: – socialismo e democracia. Vejam bem – não cotejo de socialismo e capitalismo, mas socialismo e democracia.²⁷¹”

O regime socialista é tido como um contraponto aos princípios de liberdade, levando Nelson à defesa de ideais ligados ao capitalismo, embora deixe claro que não seja o melhor regime. A democracia era entendida por Nelson como proveniente dos países capitalistas, que, mesmo com seus problemas, respeitavam as liberdades individuais: “Achava que o Capitalismo, com todos os seus crimes, ainda é melhor do que o Socialismo e sublinho: - do que a experiência concreta do Socialismo”²⁷².

Compreende-se, deste modo, que o liberalismo de Nelson, se aproximava muito do tipicamente udenista. Embora defensor das liberdades civis, tendia ao golpismo sempre que necessário, tendo como principal argumento a garantia destas mesmas liberdades. Suas críticas ao autoritarismo soviético, assim como aos demais regimes socialistas embora pudesse parecer contraditório, se pensarmos que o jornalista legitimava o autoritarismo do governo brasileiro, se tornam mais esclarecedoras se partimos do princípio de que a desordem estaria associada ao comunismo. Nelson aceitava o golpe como legítimo, porque o objetivo era impedir a ascensão dos socialistas ao poder. Sendo assim, legitimava a violação da democracia para melhor salvá-la, daí o seu apoio à intervenção dos militares. Não havia preocupação para o jornalista no fato de termos um governo político autoritário, desde que houvesse

²⁷⁰Idem.

²⁷¹RODRIGUES, Nelson. As duas realidades. O Reacionário: Memórias e confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 676.

²⁷²Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em: 18.10.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. O ex-covarde. *A Cabra Vadia: Novas Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 25.

preservação das liberdades individuais e da ordem social, que nesse caso, estaria ligada à presença de um Estado forte para que, então, a democracia se consolidasse.

Como afirma Benevides, a tendência golpista estaria no cerne da UDN. O regime autoritário era encarado como uma fase de transição para a democracia e, por isso, necessária frente ao combate ao comunismo.

É importante acrescentar que a democracia como um valor político que conhecemos hoje começou a ser delineada após 1970, quando amplos setores da sociedade, inclusive muitos intelectuais, passaram a defender a abertura política e a democracia; a referência de Nelson a estes valores encontra-se a partir daí. Atentar-se para o significado das palavras em seus devidos contextos é essencial, principalmente se quisermos compreender a incorporação de valores democráticos pela sociedade brasileira, que ressignificou o conceito de democracia ao longo da ditadura civil-militar. Entende-se, deste modo, a política como uma coisa móvel²⁷³, que permite a mudança dos significados de conceitos políticos a partir das mudanças de conjuntura.

Ressaltar essa questão nos leva a questionar os valores que estavam partilhados entre a sociedade brasileira, que poderão nos fazer compreender o apoio ou até mesmo a *omissão* de grande parte da sociedade. Como a recente historiografia aponta, a democracia não estava consolidada nem dentre os valores da direita nem dos da esquerda. De acordo com Argelina Figueiredo, ambos os grupos só teriam a noção de governo democrático quando este estivesse de acordo com os seus interesses. A democracia seria apenas um meio para a manutenção de privilégios, não existia como valor essencial.²⁷⁴ Da mesma maneira, aponta Aarão Reis, que identifica tanto entre socialistas quanto entre os partidários de uma política liberal uma relação apenas instrumental com a democracia, não se preocupando em romper com os princípios democráticos para a manutenção de seus interesses.

Entretanto, se por um lado é ressaltada a fragilidade com os pressupostos democráticos, por outro, identifica-se a presença de uma cultura política liberal no país. Embora por vezes apresentado como *ambíguo e contraditório*, demonstrando o quanto seria *limitado* em seus princípios, o liberalismo político aparece cada vez mais como um componente importante para a compreensão da política brasileira. Valorizando o pluralismo político do sistema brasileiro ao se deter à importância dos formalismos

²⁷³GOMES, Ângela de Castro. Política, história, ciência, cultura etc. In.: *Estudos Históricos* – Historiografia, Rio de Janeiro, v. 9, nº 17, 1996.

²⁷⁴FIGUEIREDO, Argelina. *Democracia ou reformas?* São Paulo: Paz e Terra, 1993.

democráticos e jurídicos a partir dos antecedentes liberal-representativos, dos processos eleitorais e das formações partidárias, Bolívar Lamounier propõe que não haja somente a preocupação com o caráter autoritário com que foi implementada a ditadura, pois, de acordo com o cientista político, desde o seu início, as Forças Armadas se colocaram como uma “intervenção temporária com a finalidade de reconstituir as condições necessárias ao funcionamento da democracia”²⁷⁵. Além disso, houve a preocupação com a manutenção de alguns formalismos, o que ressalta a importância de um sistema representativo, mesmo que fosse necessária a reformulação de novas leis e uma nova constituição para reger institucionalmente o país.²⁷⁶

Ampliando o debate, Lucia Grinberg expõe em sua pesquisa, a partir da trajetória da Aliança Renovadora Nacional e dos seus políticos, uma visão complexa acerca do apoio e legitimação dos “políticos profissionais” para a ditadura. Percebe-se que, se o início foi marcado pelo apoio ao golpe em nome da manutenção da representação política através das instituições liberais, no decorrer surgiram tensões políticas que levaram muitos a romperem com esse apoio, provocando intensas discussões entre os parlamentares e o executivo.²⁷⁷ Argumenta-se que estas discussões foram fomentadas diante do endurecimento do regime. Encarado como uma medida salvacionista, que garantiria a ordem, a ditadura foi se radicalizando e, com isso, passou a minar as principais representações políticas dos parlamentares e da sociedade, levando muitos a porem fim ao seu apoio inicial.

A partir dessa exposição, compreende-se que a relação dos políticos e da sociedade com o regime foi cercada de debates, em que no início alguns apoiaram, ao entenderem a importância da intervenção militar para seus interesses políticos, e, posteriormente, quando estes interesses não estavam sendo mais garantidos, recuaram e passaram a ser contra a permanência da ditadura, o que Grinberg chamou de “processo de autofagia” dos políticos brasileiros²⁷⁸. Ou seja, como o governo continuou a romper com os formalismos, que fundamentavam a representação política, entrou em choque com os interesses dos liberais.

²⁷⁵LAMOUNIER, Bolívar. O Brasil autoritário revisitado: o impacto das eleições sobre a abertura. In: STEPAN, Alfred. *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²⁷⁶Para mais sobre o assunto ver: LAMOUNIER, Bolívar. Representação Política: a importância de certos formalismos. In: Lamounier, B. (Org.) *Direito, cidadania e participação*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981; KINZO, Maria Dalva Gil. *Oposição e autoritarismo*. Gênese e trajetória do MDB. São Paulo: Idesp/Vértice, 1988 e GRINBERG, Lucia. *Partido Político ou bode expiatório*. Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (1965-1979). Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

²⁷⁷GRINBERG, Lucia. Op. Cit. 2009.

²⁷⁸Idem. P. 102.

Contudo, podemos ver ao longo das crônicas, que o apoio de Nelson permaneceu, mesmo após estas tensões se tornarem presentes entre os liberais. O seu apoio à ditadura continuou do mesmo modo como as críticas às esquerdas. Ao criticar em exaustão o discurso de liberdade entre estas, restringindo-se na maior parte das vezes, ou até mesmo na sua totalidade, a reproduzir chavões da época, que eram feitos através das “denúncias vagas” acerca da “tirania” e “escravização” na Rússia, o autor corresponde ao que Motta identificou como o comportamento da maioria dos liberais. Vagos em suas denúncias, não conseguiam demonstrar críticas contundentes ao socialismo, que, segundo o autor, demonstrava a fragilidade do anticomunismo liberal. Ao explorar o imaginário partilhado por parcelas significativas da sociedade, Nelson dialogou com as acusações dos governos liberais:

“Desculpem que eu venha repisar o óbvio. Mas a experiência socialista tem sido uma sucessão de evidências. Lá nada acontece que seja suscetível de uma dúvida, ou de um sofisma. São fatos brutais. Vejamos as Rússias que conhecemos: - a Rússia do pacto germano-soviético; a Rússia aliada dos nazistas; a Rússia da divisão da Polônia; das anexações; da Finlândia, da Hungria; a Rússia sem direito de greve, sem liberdade de imprensa, sem romance, sem teatro, a Rússia que matou 12 milhões de operários.²⁷⁹”

Suas críticas apareciam sempre desta forma. Ao se referir às posturas autoritárias praticadas pelo governo socialista da URSS, sempre apareciam os mesmos argumentos. A aliança político-militar entre a Rússia e os alemães na Segunda Guerra mundial ganhava destaque, por vezes comparando as atitudes autoritárias e imperialistas de Hitler a de Joseph Stálin, colocando os dois como modelos radicais. Embora reconhecesse um como sendo da direita e outro da esquerda, afirmava que suas atitudes nada tinham de dessemelhantes: “Mil vezes não. Um canalha é exatamente igual a outro canalha. Pode parecer que Hitler e Stálin passaram. Nenhuma ilusão mais idiota”²⁸⁰.E, por isso, afirmava em suas crônicas como puderam matar os nazistas e deixar Stálin de fora.²⁸¹ Quanto ao caso da Hungria, referia-se à invasão dos soviéticos em 1956 da mesma forma como, por vezes, ressaltava a invasão à Tchecoslováquia em 1968. São enfatizados os crimes cometidos durante a ocupação, assim como também o desrespeito

²⁷⁹É a grande noite dos suicidas. *O Globo*. Rio de Janeiro: 21.08.1969.

²⁸⁰Em cada esquina um pequeno Stálin, ou um pequeno Hitler. *O Globo*. Rio de Janeiro: 24.07.1968.

²⁸¹E Carlos Niemayer, em Londres, desafiou todo o Império britânico. *O Globo*. Rio de Janeiro: 12.11.1968.

às liberdades desses países, da mesma forma que também procurava, através da sua coluna, denunciar os abusos cometidos no território russo.

E não cansava de demonstrar tais desumanidades em suas crônicas:

“Dizer que a Rússia tirou a máscara, quando a Rússia nunca a usou? Eis a virtude absoluta da ‘grande revolução’: - jamais pôs qualquer espécie de máscara. Matou, assassinou, escravizou, invadiu, nas barbas amorais da História e do mundo. Alguém viu alguma máscara, ou meia máscara, ou uma barba postiça, ou uns óculos escuros no pacto germano-soviético? Saiu, em todas as primeiras páginas, a fotografia: - Stálin apertando a mão de Ribentrop. Ambos às gargalhadas.²⁸²”

Ao trazer para seus leitores essa discussão, que faz referência ao período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando Joseph Stálin assinou um pacto de não-agressão com a Alemanha de Hitler (Ribentrop-Molotov), Nelson Rodrigues apontou para os debates que ocorreram entre a esquerda brasileira, principalmente entre os militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no pós XX congresso do Partido Comunista da URSS em 1956, quando os crimes cometidos pelo governo de Stálin foram amplamente divulgados.

A década de 1960 significou entre os comunistas um período de autocrítica, derivado dos crimes do governo stalinista, o que resultou na divisão do PCB e originou o Partido Comunista do Brasil (PC do B) em 1962²⁸³. O apoio outrora concedido aos socialistas era questionado, as dúvidas sobre os rumos da revolução estavam abertas. A passagem acima evidencia exatamente o diálogo entre Nelson e os intelectuais e militantes que acreditaram durante anos na postura revolucionária, baseada na liberdade do Estado soviético. Seria uma resposta para aqueles que se sentiram enganados pelo regime.

“O nosso intelectual está de olho no socialismo totalitário da Cortina de Ferro. Dirá alguém que ele, intelectual, por boa fé, ingenuidade ou simplesmente burrice, é vítima de uma funesta ilusão. Mentira. Ninguém que ligue duas ideias tem o direito de se iludir a tal ponto. A experiência socialista é a mais gigantesca e vil impostura do nosso tempo.²⁸⁴”

²⁸²RODRIGUES, Nelson. Eis a grande virtude da Rússia: - nunca mascarou os seus crimes. Em: *O Globo*. Rio de Janeiro: 21.11.1968.

²⁸³Sobre a criação do PC do B ver: SALES, Jean Rodrigues. Da luta armada ao governo Lula: a história do Partido Comunista do Brasil (PC do B). In.: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia 1964...*Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

²⁸⁴RODRIGUES, Nelson. Está explicado porque ninguém faz o Brasil. Em: *O Globo*. Rio de Janeiro: 15.08.1968.

Como podemos ver, as críticas às atrocidades do Estado soviético que foram elaboradas pelo PCB durante a década de 1960 foram tratadas pelo autor com ironia e descaso. Nelson Rodrigues não dava crédito às declarações que foram dadas por militantes comunistas, em que diziam desconhecer os crimes do governo soviético. Preferia representá-los como colaboradores das atrocidades cometidas pelo stalinismo, por muitas vezes aproximando-os até dos nazistas:

“Quando começou a Segunda Guerra Mundial, o ‘intelectual de esquerda’ estava com a Alemanha nazista. Estava com Hitler por causa do pacto germano-soviético (...). Sim, o ‘intelectual de esquerda’ só descobriu as atrocidades nazistas quando a Alemanha invadiu a Rússia.

Só então Hitler passou a ser Hitler. Antes, não era Hitler. Na queda de Paris, dizia-me um comunista: ‘Hitler é mais revolucionário do que a Inglaterra’.²⁸⁵”

Ao construir discursos como os demonstrados acima, Nelson buscava novamente desqualificar a esquerda. Como já foi ressaltado, tratando os regimes socialistas de modo muito simplista, do mesmo modo que não via diferenças entre Stálin e Hitler, reduzia-se as diferenças entre Stálin e Lênin, pois para ele, ambos eram empenhados em fazer do homem o anti-homem; Aproximava os regimes socialistas, representando-os como um bloco coeso, em que tanto fazia chamar “Mao Tsé-tung de marxista-leninista como de marxista-stalinista”²⁸⁶. Ignoravam-se as divergências políticas²⁸⁷. Todos provinham do stalinismo, ser de esquerda significava ser stalinista.

“Meu Deus, o socialismo só tem a forma estalinista. Na China, Cuba, Rússia, toda a ‘Cortina de Ferro’, as coisas são absolutamente iguais. Repito a minha imagem: - lá a obra de arte tem de ser enterrada como sapo de macumba.”²⁸⁸”

Ao ignorar essas diferenças, o autor enfatizava a ausência de liberdade desses regimes, independente de suas disparidades, o autoritarismo que punha fim à liberdade estaria sempre presente no cerne do socialismo, que, para Nelson, era representado,

²⁸⁵RODRIGUES, Nelson. Os intelectuais. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio Ululante: Primeiras Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 315.

²⁸⁶Publicada originalmente no jornal *O Globo* em 28.05.1971. Em: RODRIGUES, Nelson. *A Morte do ser humano. O Reacionário: memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 226.

²⁸⁷Para mais sobre ver: RIDENTI, Marcelo. Op. Cit, 2010.

²⁸⁸Enterrou seu romance como sapo de macumba. *O Globo*. Rio de Janeiro: 11.08.1969.

sobretudo, numa imagem: Stálin, um homem “potencializado por uma paranoia devoradora e colossal”²⁸⁹.

Por outro lado, também não aparecem nas crônicas as tensões políticas que existiam no Brasil. Não havia referência às arbitrariedades praticadas pelo regime que torturava; explicitava-se somente sua simpatia com o governo e seus ditadores, sem explorar o caráter autoritário da ditadura. Constrói-se então, uma visão simplificada da política brasileira, em que não se apresentavam alternativas para um defensor das liberdades como ele. Quem estivesse contra o comunismo tinha que estar a favor do regime, o que usou para justificar seu apoio à ditadura até o fim, salvo algumas críticas, como veremos adiante. As discussões entre os parlamentares e o governo eram ausentes de suas *Confissões*, não tinham referências ao fechamento do Congresso em 1968, a não ser por uma única crônica sua de 27.02.1969, que debochava do “recesso do parlamento”:

“Pois bem. Na presença de Pacote, li um jornal; e, depois, vim para a redação e repassei os outros jornais. Todos, todos, sem uma única e desprimorosa exceção, afirmam que o Senado e a Câmara viveram, anteontem, um dia histórico. Mas como? Se lá não estavam nem os deputados, nem os senadores? Todavia, a Imprensa jura que, nunca, nunca, o Congresso teve um movimento, uma tensão, um dinamismo, uma urgência, uma plenitude, tão admiráveis.

Não faltou um mísero funcionário. As datilógrafas não pararam um segundo, batendo ofícios inimagináveis; os contínuos, obsessivos, iam e vinham, trazendo cafezinho e água gelada; e, na biblioteca, saíam em pilhas, os zevacos, os sues, os montepins, os dumas; os processos arquejavam em cima da mesa; os taquígrafos trabalharam mais do que o garfeiro do Volga(...)

(...) E os jornais reafirmam que, sem deputados e sem senadores, nunca se trabalhou tanto. Há mais: - sem retórica, falou-se como nunca. Mas repito: - tais coisas só acontecem em Brasília, na solidão alucinatória de Brasília. Vejam bem: - a Câmara e o Senado estão insones e ofegantes. Mas se não há deputados, nem senadores, faz-se todo um gigantesco esforço – para nada. Imaginem uma ópera sem cantores, nem orquestra, nem maestro, nem partitura. Mas a plateia está lotada de casacas e decotes.²⁹⁰”

Sua única menção ao assunto se dá de maneira crítica. Fazendo alusão a um personagem seu, “Pacote”, que teria dado o nome do seu novo livro de “Recesso”, Nelson ironiza o fechamento do Congresso. No início diz desconhecer o assunto, depois

²⁸⁹Abriu para o seu povo a bica dos milagres. *O Globo*. Rio de Janeiro: 31.01.1969.

²⁹⁰Era uma ópera sem cantores, sem orquestra, sem partitura. *O Globo*. Rio de Janeiro: 27.02.1969.

se rende aos jornais que exploram o ocorrido e então passa a debochar da representatividade que os parlamentares poderiam ter. Para ele, era impressionante como Brasília trabalhava mais e ganhava mais destaque sem os seus políticos. Não se reconhecia as tensões vivenciadas antes do seu fechamento, ignoravam-se os debates políticos e o motivo real para o “recesso”.

Outra crônica, que provavelmente se refere ao AI-5, debocha dos senadores, tratando o ocorrido até com certo descaso. Afirmando que a Câmara é para ele “de todo secundária”²⁹¹, Nelson fala sobre a atitude do senado após o Ato: “lia-se em cada fisionomia, a pergunta muda: - “que fazer”?”²⁹² Sobretudo, exalta-se, com ironia, a coragem do Senado com a promulgação do Ato:

“O legislativo é, sabidamente, um poder desarmado, que não dispõe nem de uma espingarda de rolha. Portanto, como usar a coragem, já que os senadores não podiam sair por aí bebendo o sangue do Ato? Depois de muito matutar, chegou-se à solução ideal: - um telegrama. E assim o heroísmo do senado assumiu a forma telegráfica. (...)
Dirá alguém que uma das formas de heroísmo menos arriscadas é ainda o telegrama. Fosse como fosse, instalara-se o drama. Os senadores olhavam uns para os outros e, em todas as caras, havia um desses arrendimentos tardios e profundíssimos. Até que, de repente, alguém sugeriu a fórmula que os salvaria, a todos. O leitor, que é um convencional, há de imaginar, por certo, que a coragem estava no telegrama contra o Ato. Absolutamente. Corajoso foi o senador que propôs um novo telegrama a favor do mesmo Ato. E assinado pelos mesmos nomes? Exatamente. Pelos mesmos e outros mais que aderissem. Assim começou a se caçar, por todo o Brasil, mais senadores.”²⁹³

Ficaram ausentes, também, de suas crônicas, as inúmeras cassações que ocorreram durante a ditadura. Somente uma *confissão*, datada de 26.10.1968 refere-se ao parecer que Martins Rodrigues concedeu a favor da cassação de Carlos Lacerda: “De lá para cá fez coisas que a nação, agradecida, não esquece. Uma delas foi o parecer a favor da cassação do Sr. Carlos Lacerda. Mas não é isso que interessa...”²⁹⁴ Em tom irônico, Nelson Rodrigues não se prolongava ao assunto, parecia não se importar com as constantes cassações, que apenas apareceram em suas crônicas através de casos isolados, como visto acima.

²⁹¹O velho Machado teria escrito uma página divina sobre o novo senado. *O Globo*. Rio de Janeiro: 28.12.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: Memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 494.

²⁹²Idem.

²⁹³Idem.

²⁹⁴Em sua entrevista S. Exa. assassinou o óbvio. Em: *O Globo*. Rio de Janeiro: 26.10.1968.

A ausência dessas discussões, que foram constantes entre os liberais, traz novos questionamentos. Ao mesmo tempo em que apareciam em suas crônicas a defesa de direitos individuais, que estavam sendo violados nos países socialistas, as discussões políticas que eram constantes entre os liberais ficavam ausentes. De acordo com Grinberg, ainda em 1964 houve uma grande discussão sobre as cassações, levando os deputados a intensos protestos contra a “violência praticada contra a autonomia do legislativo”²⁹⁵. E, no pós AI-5, novas discussões ocorreram devido ao fechamento do Congresso.

Percebe-se por essas ausências que as opções políticas de Nelson Rodrigues iam além de uma simples simpatia à UDN. Embora o partido tenha apoiado o golpe, muitos de seus políticos recuaram posteriormente, principalmente após as sucessivas intervenções nas instituições políticas. Nota-se, a partir da análise de suas crônicas, que as críticas de Nelson ao autoritarismo socialista eram justificadas em nome da pessoa humana. Se por um lado se identificava com alguns postulados liberais – defesa dos direitos civis – por outro, deixava muito claro em suas crônicas que sua maior preocupação era em relação ao processo de desumanização que avançava sobre o país. A defesa do autoritarismo do Estado brasileiro era tratado por Nelson como a garantia dos direitos individuais. Para o autor, por mais que no Brasil tivéssemos um governo autoritário, a pessoa humana e a sua individualidade não estava sendo destruída. Como afirmava em suas crônicas, continuava havendo oposição, as esquerdas se colocavam contra o governo através das passeatas, das músicas de protestos e dos artigos de intelectuais, escritos em jornais. Oposições impensadas num governo socialista, que aniquilava com a pessoa humana e destruída toda a individualidade do homem.

Inúmeras vezes buscava demonstrar em suas crônicas a oposição que existia entre o autoritarismo soviético e a liberdade do Brasil. Questionando um artigo de Alceu publicado no mês de novembro de 1971 para o *Jornal do Brasil*, em que criticava a censura praticada pelo governo, que obrigava a grande intelectualidade brasileira a escrever nas entrelinhas, Nelson afirmou:

“Agora uma pergunta: - quem disse ao mestre que ele escreve predominantemente nas entrelinhas? Até onde vai minha obtusidade, não há ninguém mais livre, mais pão, pão, queijo, queijo do que o próprio articulista. Duas vezes por semana, diz ele, sem a menor sutileza, o que sente, o que pensa, o que quer. Sofreu alguma censura

²⁹⁵GRINBERG, Lucia. Op. Cit. 2009. P. 54.

explícita ou implícita? SE estivesse na Rússia estaria internado no hospício mais à mão. Internado e mais: - amarrado num pé de mesa e, de gatinhas, bebendo água numa cuia de queijo Palmira.^{296,}

Podemos ser levados a pensar que após o AI-5 em 1968, a postura de Nelson mudaria e assim passaria a reconhecer a falta de liberdade individual, entretanto, não é o que presenciamos em sua coluna, que a partir desse ano se propõe apenas a criticar o regime socialista, sem tocar na ausência das liberdades individuais no Brasil, que, quando questionadas, são ironizadas ou desqualificadas pelo autor, como vimos ao longo da pesquisa:

“O Terror nasce no Estado que não o exerce. Há terrorismo nos Estados Unidos e não na Rússia, não na China, não em Cuba, não em toda Cortina. E há nos Estados Unidos porque, lá, as liberdades estão vivas, intactas. Enquanto que, na Rússia, onde o Estado faz o terror permanente, o terror institucionalizado, o terror como rotina – ninguém pensa em reagir.^{297,}”

Voltando a 1968, Nelson escreveu uma crônica que afirmava o seu medo diante do avanço das esquerdas. Mesmo que o jornalista acrescentasse que não estavam em maior número, assustava-lhe a influência que exerciam sobre a sociedade, principalmente através de um projeto autoritário, que extinguiu as diferenças individuais criadoras:

“Eis o que eu queria dizer: - não me interessa a expressão numérica da ‘festiva’. O que importa é a sua capacidade de influir nos usos, costumes, idéias, sentimentos, valores do nosso tempo. Ela não briga, nem ameaça as instituições. Mas, em todas as áreas as pessoas assumem as poses das esquerdas.^{298,}”

Talvez possamos compreender essa postura se levarmos em consideração que, para o jornalista, o socialismo com o seu autoritarismo representava o que de pior poderia existir para a pessoa humana, sendo capaz de despertar no homem o seu lado mais cruel e menos humano. A restrição à liberdade individual no regime soviético era o que mais afligia Nelson, que caracterizava o regime como uma imagem do próprio anti-homem. As censuras impostas pelo Estado, a escravidão a qual muitos trabalhadores e intelectuais eram subordinados e o terror praticado pelo governo eram as principais

²⁹⁶O mistério da mediocridade. *O Globo*. Rio de Janeiro: 15.11.1971.

²⁹⁷A Revista que chorou o defunto errado. *O Globo*. Rio de Janeiro: 29.07.1970.

²⁹⁸A fome do nordeste. *O Globo*. Rio de Janeiro: 03.02.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio ululante. Primeiras Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

questões que levavam o homem à sua desumanização. E é neste ponto que a crítica às esquerdas brasileiras eram mais contundentes, pois à medida que dialogavam com o regime de Moscou, elas também estariam abandonando os valores humanos, numa lógica que recordando-se novamente Dostoiévski na obra de Nelson, “Se Deus não existe, tudo é permitido”.

“O homem moderno não gosta de ser homem. Sim, tem o tédio cruel, abominável de ser homem. O socialismo não faz negar outra coisa senão negar o homem, senão destruir o homem, senão transformá-lo na antipessoa, no anti-homem. O homem socialista assassinou Deus; e aí está a pior forma de suicídio.

No mundo socialista, conseguiu-se este maravilhoso resultado: - ninguém é ninguém. O homem se dissolve, se aniquila nas maiorias, nas massas, nas unanimidades. Isso é possível, repito, porque ninguém é ninguém.²⁹⁹”

Para o autor, o marxismo estaria permitindo o aparecimento, em número cada vez maior, dos idiotas e dos canalhas, representado nas crônicas, como exposto nos capítulos anteriores, por Palhares. Se antes eles andavam pelos cantos e não eram escutados, agora andam em massas, têm ideologias, rompantes libertários e palavras de ordem.³⁰⁰ O crescimento dessas figuras era aceito diante do prestígio de um regime que era incompatível com o ser humano, desprezava Deus, o sentimento e, sobretudo, o amor, ao só enxergar o ódio³⁰¹ que, diante de uma “causa”, não tinha restrições para matar: “A Rússia mata de fome, punitiva, doze milhões de camponeses. Mas foi uma nobilíssima matança. Fez isso em benefício das próprias vítimas, da humanidade, e da liberdade e do futuro.”³⁰²

Novamente, temos entre as passagens acima, a valorização de uma concepção cristã para a formação de uma ética moral da condição humana. A crença em Deus seria mais uma vez lembrada nas crônicas por sua importância em regular os instintos humanos, como enfatiza a passagem de Dostoiévski.

Representados como homens afastados dos preceitos religiosos, não crentes em Deus, explorava-se um imaginário que acreditava que o comunismo era uma grande ameaça para a religião. Nelson firmava essa ideia baseado numa lógica cristã, que o

²⁹⁹*O Globo*. Rio de Janeiro: 28.02.1970.

³⁰⁰Ver crônica: “Em 1931, Mario Martins imaginou um plano para a conquista do poder. Primeira providência: - O rapto do cardial”.*O Globo*. Rio de Janeiro: 13.01.1968.

³⁰¹Ver crônica: Era um gênio e escreveu: “os povos piolhentos devem ser exterminados”.*O Globo*. Rio de Janeiro: 12.12. 1968.

³⁰²O biquíni matou o mito.*O Globo*. Rio de Janeiro: 22.05.1969.

socialismo degradava a pessoa humana, pois não havia princípios que pudessem regular os instintos humanos.

Temos, a partir destas passagens, a percepção da influência do cristianismo sobre as opções políticas de Nelson, do mesmo modo como aparece a importância dada aos valores liberais, principalmente no que concerne a defesa do indivíduo e do seu individualismo, valorizando em suas crônicas o liberalismo como um aspecto positivo.

O socialismo era visto como um regime que rompia com os valores de Nelson, tanto os ligados à sua concepção cristã quanto aqueles ligados aos princípios liberais. A defesa da ditadura de caráter autoritário no Brasil apresentava para o jornalista uma grande diferença em relação a essas questões. Havia a defesa da religião, do cristianismo, da moral e da manutenção da ordem a partir dos valores cristãos, mantendo-se a condição humana. A “castração” do indivíduo dava-se pela esquerda, eram elas que não tinham restrições morais e muito menos respeitavam a individualidade, como retomaremos posteriormente.

Ao demonstrar o quanto o autoritarismo soviético aniquilou com a pessoa humana, negando Deus e privando os homens de sua liberdade, de sua individualidade, Nelson não se privou de defender a manutenção de um regime autoritário no Brasil desde que fosse para a defesa da pessoa humana. Conquanto, suas constantes exaltações ao regime e ao ditador Médici ainda parecem contraditórias se buscarmos na sua própria lógica de defesa do indivíduo.

Podemos acompanhar através de algumas passagens o quanto essas questões apareceram em suas crônicas, defendendo a presença de uma liberdade no país, que garantiria a individualidade do homem, ao contrário do que ocorria nos países socialistas. O rompimento com a pessoa humana estaria ligado às restrições liberais impostas pelas esquerdas, que aniquilava o indivíduo e a sua condição humana:

“No regime capitalista, até o canalha não perde a sua condição humana. É canalha, está certo. Mas não deixa de ser homem. Ao passo que o mundo socialista castra psicologicamente o homem (...)
O protesto é uma atitude burguesa. O terrorismo, outra atitude burguesa. No mundo socialista, só existe o terrorismo do Estado. Os povos sofrem tal castração espiritual que nem sonham com o protesto. Nunca se viu o assassinato de um dirigente socialista. O único que mata, repito, é o Estado. E se, na Rússia, ou na China, ou em Cuba, o sujeito sonha com o protesto, é fuzilado no próprio pesadelo e acorda, livre, finalmente livre, entre os defuntos livres.”³⁰³

³⁰³O pobre capital. *O Globo*. Rio de Janeiro: 29.05.1971.

É notória na passagem acima a importância dos postulados de liberdade que não estavam presentes nos regimes socialistas, mas que, para Nelson, eram valorizados nos países capitalistas. Representava-se em suas *confissões* um regime ditatorial que respeitava o indivíduo e a sua liberdade, deixando de lado as tensões políticas que eram frequentes tanto entre o Estado e os políticos liberais quanto entre o Estado e a sociedade, que cada vez mais viam suas liberdades serem cerceadas. Quando Nelson escreve a crônica acima, o AI-5 já foi promulgado. Não havia mais tolerância para protestos. O Estado já era amplamente acusado de provocar o terror através das torturas, como vimos anteriormente. Portanto, a contradição do seu discurso está exatamente em não só defender, mas, sobretudo, exaltar até o fim um Estado que também restringia as liberdades humanas, negando a plenitude individual.

Nelson compreendia o governo a partir de uma perspectiva que defendia que embora houvesse um Estado autoritário, esse regime atuava de modo defensivo. As perdas de algumas liberdades seriam necessárias para mantê-las futuramente. O indivíduo e suas liberdades corriam risco diante do terrorismo que se expandia com as esquerdas. Estas não viam restrições e muito menos punições para os seus atos. Ignorando-se o autoritarismo do regime, Nelson coloca que é a partir do “terror” provocado pelas esquerdas no Brasil, que sabemos das liberdades concedidas pelo Estado, que segundo ele, não as tratava com punição, afinal, como argumentava nas crônicas, era um país que respeitava o indivíduo.

Voltando à crônica de exaltação ao exército, escrita em 1971, Nelson coloca:

“As esquerdas tiveram tudo: - poder, dinheiro, armas. Não fizeram nada. Minto: - fizeram o caos. E os socialistas que andam por aí têm apenas a vocação e a nostalgia do caos. A comunista rilhava os dentes: - “É preciso ser contra tudo”. Insisto, com a maior doçura: - ‘Portanto, se os fatos querem dizer alguma coisa, a senhora deve comemorar também a Semana do Exército Brasileiro.’ Perguntou, rouca: - ‘O senhor confessa que está com isso que está aí?’ Perdi um pouco a paciência: - ‘prefiro estar com isso, como a senhora diz do que estar com os crimes do seu socialismo’.³⁰⁴”

Mesmo cercado por contradições, entende-se que sua concepção política perpassa a ideia do mal menor. Ou seja, melhor termos um regime autoritário, mas que,

³⁰⁴Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 24.08.1971. A semana do exército. Em: *O Reacionário: Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 395.

segundo ele, respeitava as liberdades, do que ter uma experiência concreta de *totalitarismo*, que punha fim às diferenças e ao indivíduo.

3.2 A solidão potencializada

“Dirá algum dos nossos intelectuais de passeata e de manifesto: - ‘Mas nós não temos liberdade!’ Ah, temos. Sempre digo que a ordem capitalista não é flor que se cheire. Mas a ordem capitalista não destruiu a pessoa humana, não a transformou na antipessoa.³⁰⁵”

Ao levantar afirmações como a apresentada acima, Nelson Rodrigues procurava diferenciar o autoritarismo existente no Brasil do autoritarismo soviético, que para ele destruía a pessoa humana, principalmente por aniquilar toda e qualquer forma de individualidade. A ditadura brasileira respeitaria as liberdades individuais, preservando a dimensão necessária de solidão do indivíduo, que segundo Nelson, o engrandecia como homem.

A liberdade defendida por Nelson diferenciava-se aqui daquela que era buscada pelos antigos udenistas. Enquanto Nelson primava pela solidão individual, concebendo-a como virtude – o que lhe levou ao confronto com a ditadura apenas no que dizia respeito à liberdade de criação, como veremos adiante – a liberdade defendida pelos udenistas dizia respeito, sobretudo, àquela que retirava do homem os seus direitos de representação política, o que não era de grande destaque nas *confissões*.

Assim, inúmeras vezes podemos nos deparar com crônicas que valorizam essa concepção de indivíduo, apresentando-o sempre em oposição ao universo socialista, que não respeitaria o homem, visto a importância que uma ideologia despertava, capaz de levá-los a matar e morrer em nome de uma “causa”.

Criticava-se, sobretudo, a desvalorização da autonomia nos países socialistas que ao não se importar com as singularidades que diferenciavam os homens, retirando-os de sua individualidade humanizadora era responsável por levar à coletivização dos indivíduos, transformando-os na “antipessoa”. Para Nelson, era um episódio de alienação: “Reparem: - Somos mais idiotas do que nunca. Ninguém tem vida própria,

³⁰⁵Uma onda de possessos inunda o Brasil. *O Globo*. Rio de Janeiro: 10.12.1968.

ninguém constrói um mínimo de solidão. O sujeito morre e mata por idéias, sentimentos, ódios que lhe foram injetados. Pensam por nós, gesticulam por nós”³⁰⁶.

Em contraponto à desumanização socialista, argumentou-se inúmeras vezes em suas crônicas a favor da solidão do indivíduo, que só era permitida num mundo livre, em que as liberdades eram respeitadas. Enfatizando a importância da solidão para o engrandecimento do homem, Nelson ressaltava alguns personagens importantes em suas *confissões*, demarcando a diferença deles, como grandes homens para aqueles que viviam entre unanimidades, escondidos atrás das massas, representados pelos socialistas e cada vez mais caracterizados em sua obra como canalhas:

“No mundo socialista, conseguiu-se este maravilhoso resultado: - ninguém é ninguém. O homem se dissolve, se aniquila nas maiorias, nas massas, nas unanimidades. Isso é possível, repito, porque ninguém é ninguém.”³⁰⁷

No campo político, homens ligados ao liberalismo, mas exaltados mais por suas posturas individuais ganharam as crônicas de Nelson, sendo apresentados aos leitores como grandes homens a partir de posturas que eram contrárias às unanimidades: Roberto Campos e Santiago Dantas. O primeiro era ressaltado em suas crônicas como o “inimigo do povo”, em referência à peça de Ibsen, escrita em 1882 que retratava a relação conflituosa entre o indivíduo e a sociedade a partir da figura de um médico que, de homem honrado, passaria a ser o inimigo da população local devido a suas convicções políticas. Um dos responsáveis pela política econômica do governo Castello Branco, Campos apoiou o golpe de 1964 por acreditar que o governo de Goulart ameaçava as finanças do país e da propriedade privada com as suas reformas. Por isso, sofreu muitas críticas dos setores de esquerda. Para o ministro de Castello Branco, “não haveria problema com o autoritarismo desde que fosse para a modernização e industrialização da sociedade.”³⁰⁸

Quanto a Santiago Dantas, foi um grande defensor dos princípios democráticos no país. Colocou-se como defensor das reformas de base a fim de evitar qualquer atitude radical que pudesse pôr fim aos princípios democráticos. Por conta de sua

³⁰⁶É um líder gigantesco. E está disposto a matar quatrocentos milhões de semelhantes. *O Globo*. Rio de Janeiro: 13.04.1968.

³⁰⁷Crônica sem título. *O Globo*. Rio de Janeiro: 28.02.1970.

³⁰⁸Para mais ver: MELLO, Caroline Rippe. Roberto Campos, uma vida rumo a liberdade e a solidão. *Revista Estudos pela Liberdade*. Número 1. Ano 1. Abril de 2011 pp.67-81.

postura moderada, arrancou suspeitas tanto de setores da direita quanto da esquerda, levando-o a ficar na contramão dos acontecimentos, como afirma Ângela de Castro Gomes.³⁰⁹ E, ressaltava Nelson sobre o primeiro-ministro de Goulart:

“Outro que conheceu a solidão da inteligência no Brasil: - Santiago Dantas. Como Roberto Campos, foi Poder e não teve o amor do seu povo. Seu presidente tinha-lhe horror. Jango o chamava, às gargalhadas, de ‘o professor’. Os stalinistas, instalados no governo, queriam destruí-lo”.³¹⁰

Outro homem também em destaque nas *confissões* era Carlos Lacerda, admirado devido ao poder de sua retórica. Uma relação bastante curiosa, pois ao mesmo tempo em que apareciam em suas crônicas os insultos às suas peças vindos de Lacerda – e que incomodavam profundamente o dramaturgo –, as posturas polêmicas do udenista despertavam em Nelson uma simpatia, que o levou até a votar no político para vereador³¹¹. Admirava a retórica de Lacerda que despertava as massas: “Se ele trepasse numa mesa e berrasse: - ‘Lincha!’ -, estejam certos de que a unanimidade iria caçar Samuel [Wainer] no meio da rua”³¹². Em crônica do dia 16.03.1967, diz:

“A verdade é que vinha, de longe, a minha admiração por Carlos Lacerda. Eu achava inclusive que o Brasil precisava de um louco! Mas não via o menor inconveniente nas suas danças. Entre a mediocridade e a insânia (com uma orla de gênio), eu preferia a insânia. Sim, antes um possesso na presidência do que os idiotas, passados, presentes e futuros”³¹³.

E, pelo lado de Lacerda, embora por vezes apresentasse o dramaturgo como um tarado e obscuro, bramando contra suas peças, reconhecia o talento de Nelson Rodrigues, além de suas posições políticas lhes aproximarem. Foi então que, durante a década de 1960, Lacerda, já como governador do Rio de Janeiro, aproximou-se de Nelson, o que o levou em 1966 a convidar o cronista para escrever um romance para sua nova editora, a *Nova Fronteira*. O romance ficou pronto – *O Casamento* – mas, devido

³⁰⁹GOMES, Ângela de Castro. Na antecâmara do golpe. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. Apuh/Marco Zero, v.14 n° 27, 1994. PP.213-21.

³¹⁰O fim da inteligência. *O Globo*. Rio de Janeiro: 10.01.1970.

³¹¹CASTRO, Ruy. Op. Cit, 1992. P. 244.

³¹²Crônica originalmente publicada no jornal *Correio da Manhã* em: 15.03.1967. Em: RODRIGUES, Nelson. *Memórias: A menina sem estrela*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

³¹³Publicada originalmente no jornal *Correio da Manhã* no dia 16.03.1967 RODRIGUES, Nelson. *Memórias: A menina sem estrela*. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 106.

ao conteúdo de incestos e perversões, não foi publicado por Carlos Lacerda, que continuava com uma posição moralista – que não abalou o relacionamento.³¹⁴

Conhecido pela tendência golpista, Carlos Lacerda foi a favor do golpe de 1964, como grande parte dos udenistas que, quando perceberam seus interesses políticos ameaçados, não se furtaram em defender a intervenção civil-militar como medida salvadora, anticomunista e emergencial para garantir a ordem do país, mesmo em nome das liberdades democráticas. Contudo, ao longo do regime, foi cassado e exilado por suas posições políticas mais inflamadas e radicais, que poderiam suscitar novamente as massas.

No entanto, a admiração de Nelson não era apenas pelos políticos de direita, reconheceu também a importância de uma liderança das esquerdas. Ao valorizar acima de tudo a liberdade individual, o autor deu grande destaque a Vladimir Palmeira. Por mais que tivesse a capacidade de arrastar multidões, guardaria em si uma solidão engrandecedora, que lhe permitia o poder da liderança.

Ao considerarmos novamente suas passagens acerca da passeata dos cem mil, percebemos o que diferenciava os grandes homens para Nelson das massas frívolas, reconhecendo, por ora, até mesmo entre as esquerdas a presença desse homem, que se faz líder e herói, afastando-se das massas:

“Lá estávamos eu e os outros desumanizados. Pouca diferença faria se, em vez de duzentas mil pessoas, fossem duzentos mil búfalos, ou javalis, ou hienas. Há, porém, um momento em que a multidão se humaniza. Sim, em que a multidão se faz homem.

É quando tem um líder. Acontece, então, o milagre: - aquilo que era uma massa pré-histórica assume forma, sentimento, coração de homem. E, ao mesmo tempo, o medo que junta as multidões morre em nossas almas. Já não sentimos o medo, o velho, velhíssimo medo das primeiras hordas dos primeiros homens. O líder tem coragem por nós, e sofre por nós, e traz a verdade tão sonhada.

Mas há uma dessemelhança entre o líder e os que o seguem: - nós somos multidão e ele, nunca. Como no texto ibseniano, ele é o que está ‘mais só’. Todos os seus gestos, e palavras, e paixões, e sonhos, amadureceram na solidão. Entendam: - convive com os demais. Mas no meio de cem mil, e duzentos mil, ele se preserva. Continua solitário, entre tantos, entre todos. Não será jamais multidão.³¹⁵”

A crônica acima foi escrita logo após a passeata que teve Vladimir Palmeira como o grande líder entre os estudantes. A ironia de Nelson aos presentes na passeata

³¹⁴Para mais sobre: CASTRO, Ruy. Op. Cit. 1992.

³¹⁵Subiu num para lama e falou. E todos sentiram que eu era um homem. *O Globo*. Rio de Janeiro: 28.06.1968.

tinha como objetivo reforçar o seu desprezo por aquelas pessoas que em nada acrescentavam. Não diferiam uma das outras, acentuando sua incapacidade individual. Poderiam mesmo ser “búfalos”, afinal, eram representadas como animais irracionais que só andavam em bando.

Porém, como argumentou o jornalista, uma pessoa merecia o seu respeito, Vladimir Palmeira. Líder estudantil, tinha o poder da retórica e da liderança, o que lhe diferenciava do restante animal que lhe acompanhava. Por isso, a referência a Ibsen e à solidão do indivíduo, numa metáfora inteligente mais uma vez certificava que, para Nelson, o amadurecimento do indivíduo como grande homem só se dava através da solidão.

Do mesmo modo que há a exaltação de Palmeira, podemos reconhecer que sua admiração por Guimarães Rosa e Gilberto Freyre também perpassava essa questão liberal, que vê o individualismo como algo positivo e engrandecedor da figura humana. No caso de Freyre, afirmava: “Gilberto Freyre é um homem livre. Pensa, vejam vocês e pasmem: - pensa.” Quanto a Guimarães Rosa, o seu reconhecimento também:

“Mas eu falava da ‘solidão da inteligência’. Para fazer o seu formidável monumento romanesco Guimarães Rosa teve que se isolar, até morrer, na sua Torre de Marfim. Para o grande Rosa uma frase bem sucedida era mais importante do que todo o Vietnã. E viveu e morreu solitário.³¹⁶”

Mais uma vez, a solidão era exaltada. Os grandes homens para Nelson se diferenciavam em muito, nesse caso, daqueles líderes socialistas e da esquerda que degradavam a individualidade do artista e do intelectual, pois estes pensavam cada vez mais em conjunto.

Notamos, por outro lado, que as opções políticas de Nelson também o levaram à solidão. Tendo sua imagem rapidamente associada à direita, Nelson foi taxado de reacionário, o que foi facilmente aceito pelo cronista. A partir de acusações como essa, passou a construir um personagem de si mesmo, evidenciando o epíteto reacionário, mas promovendo um novo significado para o conceito. Um personagem que deu nome ao seu último livro de memórias, onde talvez procurasse se afirmar como contrário à *evolução* política que se pretendia, e que na época era tão presente quanto tida como real: o socialismo.

³¹⁶O fim da inteligência. *O Globo*. Rio de Janeiro: 10.01.1970.

Diversas entrevistas foram feitas com Nelson Rodrigues questionando-o sobre o seu novo livro e o porquê do título *Reacionário*. Nas respostas, sempre parecidas, dizia:

“Evidentemente quando pus o título de O Reacionário no meu livro, estava fazendo uma certa interpretação da palavra reacionário, que não é a minha, por exemplo, pois reacionário, a meu ver, é a Rússia, que não tomou conhecimento e varreu as maiores conquistas do ser humano como tal, como a liberdade de imprensa, que por exemplo, é assunto proibido até de ser discutido nos Estados Unidos.

Eu sou anticomunista desde os onze anos. E assumo minhas posições, mesmo quando, hoje, o intelectual virou esquerda porque essa é uma maneira de o sujeito ser inteligente, de ser atual, de ser moderno e, principalmente, de se banhar na própria vaidade.³¹⁷”

Diferente do que somos levados a pensar, ao atribuir um significado negativo ao termo, visto que, literalmente, compreende-se o reacionário num sentido conservador, que se aproxima das concepções de direita, sendo avesso a qualquer mudança que leve à igualdade social e mude o sistema de valores de uma sociedade, Nelson passou a dar um novo significado. Procurando não se identificar com aquela direita que se aproximava do que ele negava no comunismo, o autoritarismo, identificado com os fascistas e nazistas, o cronista afirmava:

“Sou como você sabe, um reacionário, de alto a baixo, da cabeça aos sapatos. Reacionário, porque não formo entre os que querem assassinar todas as liberdades” (...)

(...) “Quem sou eu? Um obsessivo da liberdade (...) Serei reacionário porque também me horroriza o homem socialista, ou seja, o anti-homem, a antipessoa. No mundo comunista não há nem o direito de greve. É a ditadura do proletariado, ou por outra, ditadura contra o proletariado. Discordam de mim porque não sou stalinista? Vivo falando nos 12 milhões de camponeses que Stalin matou de fome punitiva. Estarei errado sem o saber? É mérito e revolucionário matar 12 milhões de camponeses?”³¹⁸

Percebemos, a partir da análise da crônica acima, que sua posição como reacionário foi novamente de encontro ao que ele identificava no mundo comunista: a degradação da humanidade. O homem se restringiria em nome de uma ideologia que tirava todas as suas liberdades, negando a sua dimensão humana de criação. Do mesmo modo que diferenciava os intelectuais que prezavam por sua individualidade, Nelson

³¹⁷Entrevista concedida ao *jornal da Tarde* no dia 11/07/1977. Retirada de: www.nelsonrodrigues.com.br em 25 de janeiro de 2013.

³¹⁸Bilhete ao ex-grande poeta. *O Globo*. Rio de Janeiro: 14.04.1970. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Remador de Bem Hur; Confissões culturais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 200.

também se afastou das unanimidades e escolheu explorar a condição de solitário e incompreendido, à medida que não se furtava de pensar individualmente.

Surge, a partir da defesa dessa ideia, um cronista preocupado com os direitos do homem, pensamento que vai lhe acompanhar por diversas crônicas que serão trabalhadas abaixo.

“Se aproximou a velha senhora. Começa: - ‘O senhor, bem?’ Meu riso está parado, esperando. Continua: - ‘Como é que você, Nelson, é da extrema-direita?’ Faz um suspense, pergunto vermelho: - ‘Sou da extrema-direita?’ E ela: - ‘Da extrema direita e, portanto, inimigo do povo.’ Quero achar graça: - ‘Ainda por cima inimigo do povo?’ Nova pausa. Mas como ela devia o resto, continuei esperando. Mas simplesmente o resto não veio. Como ela só queria me chamar de extrema direita, de inimigo do povo, estava satisfeita. E afastou-se, triunfante. Pouco depois, eu a vejo, num canto, cochichando para um grã-fino que não acreditava em coronel.³¹⁹”

O diálogo descrito na passagem acima dá início à crítica de Nelson que o levou a assumir posições identificadas com a direita pelos grupos da esquerda brasileira, conforme representado no trecho pela “velha senhora”. O cronista ressaltava, ainda, a falta de argumentos das esquerdas para lhe chamarem de “extrema-direita” e, mais ainda, por acusarem-no de “inimigo do povo”, o que lhe causou espanto; afinal, para o autor, o que ele defendia era exatamente os interesses do povo, que estavam sendo cada vez mais negados pelas esquerdas. Os assassinatos de milhares de pessoas em Moscou mostravam a despreocupação com essas vidas, o que era descrito nas suas crônicas com horror. Da mesma forma, o desrespeito com o homem que tirava do indivíduo a sua condição de livre. E continua na mesma crônica:

“(…)Que devemos nós ao leninismo e stalinismo sendo o estupro de todas as liberdades? (...)Ao passo que eu na minha infinita e individual modéstia, sou a extrema-esquerda. Mas há os famosos expurgos, os processos de Moscou. Assassinados milhares de companheiros (...)mas como isso me horroriza e a velha senhora, não, eu sou da extrema direita e ela inversamente da extrema esquerda. Se os fatos querem dizer alguma coisa, toda a experiência socialista, de 1917 até esse minuto, é uma história de sangue e excremento. Mas se a velha senhora é socialista é óbvio que aprova os expurgos, os processos e inclusive, o Pacto Germano-Soviético.³²⁰”

³¹⁹Um homem da extrema direita. *O Globo*. Rio de Janeiro: 19.11.1971.

³²⁰Idem.

Percebe-se que sua crítica perpassava a questão dos direitos do homem. Justificava sua posição política em contraponto à ausência de direitos civis nos países comunistas. Assume-se como reacionário, usando como retórica a acusação das esquerdas. Para ele, eram elas que colocavam os limites na política. Se não estivesse com elas, estaria contra elas, portanto, à direita e, sobretudo, reacionário, na concepção mais clássica do conceito. Novamente, torna-se essencial nos voltarmos para as críticas contidas na crônica em análise:

“(...)Como eu sou contra a inteligência escrava, não passo de um extrema-direita, ao passo que a velha senhora, solidária com a escravidão é a extrema esquerda. Eu, inimigo do povo, protestei dez mil vezes na minha vida. Sofri sete interdições literárias. No mundo socialista, ninguém protesta. É o mundo das revoltas silenciosas e pusilânimes (...) mas a velha senhora sempre foi a favor do silêncio socialista comunista. Concorda com o mundo das passividades escravas. E está no seu direito quando me chama de inimigo do povo. (...) Para concordar com a inocência assassinada é preciso que o sujeito tenha passado por todo um processo de desumanização. Mas se é exato o que a velha senhora diz, então a extrema esquerda é o sujo, o reles, o vil, o indigno (...). Ao passo que a extrema direita luta desesperadamente para preservar os valores da vida. Sendo assim, é ótimo que a velha senhora me chame e para sempre de extrema direita. E que deus me conserve extrema direita por todo o meu destino efêmero e por todo o meu destino eterno.”³²¹

Como podemos ver, Nelson assumia seu reacionarismo em nome das liberdades e dos valores que defendia. Sua concepção política de direita era apresentada em contraponto à “escravização” do pensamento individual praticado nos países socialistas. Seus valores eram muito ligados ao que entendemos como direitos civis, ou seja, eram priorizadas em suas crônicas as questões que diziam respeito às liberdades individuais – liberdade da pessoa, de pensamento, expressão, assim como o direito à vida. Entretanto, não havia referências aos direitos políticos do homem, entendidos como o “direito de participar do exercício do poder político, como membro de um corpo investido de autoridade política ou como eleitor dos membros de um tal corpo”³²². Deste modo, não se questionava o autoritarismo do regime e a restrição aos direitos políticos que os brasileiros estavam submetidos.

Mais uma vez, retomando a crítica que foi analisada ao longo da pesquisa, o seu discurso foi de ataque às esquerdas. Acusava-as de desumanas a partir do autoritarismo

³²¹Idem.

³²²REIS, Elisa Pereira. Sobre a cidadania. In.: *Processos e escolhas: estudos de sociologia política*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998. p. 32.

praticado nos países comunistas, que retirava a autonomia do indivíduo. E, é a partir desse ponto – o de não concordar com um regime político que cerceava as liberdades humanas – que o autor se colocou ao lado dos setores da direita, ou seja, só se assumiu como um homem da direita ao agregar um valor positivo, compreendendo as esquerdas como o “sujo, reles e indigno”. Para Nelson, apenas por ser contrário às atitudes das esquerdas, entendidas como um grupo homogêneo, era apontado como um homem reacionário. Para ele, foram elas, as esquerdas, que lhe cunharam o adjetivo. Não compreendia suas posições políticas próximas das direitas. Os elogios aos militares em suas crônicas, conforme analisado no capítulo anterior, assim como os ataques contundentes aos setores de esquerda seriam apenas uma resposta à desumanização praticada pelos comunistas.

Em crônica de 1968, Nelson Rodrigues escreveu sobre os constantes questionamentos acerca do seu reacionarismo:

“(...) O meu medo deixou de ter sentido. Posso subir numa mesa e anunciar de frente alta: - ‘Sou um ex-covarde.’ É maravilhoso dizer tudo. Para mim é de um ridículo abjeto ter medo das Esquerdas, ou do Poder Jovem, ou do Poder Vermelho, ou de Mao-Tsé-tung, ou de Guevara. Não trapaceio comigo, nem com os outros. Para ter coragem, precisei sofrer muito. Mas a tenho.³²³”

Suas posturas políticas apareciam entrelaçadas às tragédias sofridas na sua família.³²⁴ O valor à vida e ao indivíduo era construído em cima de argumentos que mostravam o homem Nelson na concepção mais humana. Se antes sentia-se acuado por um regime “totalitário”, após o sofrimento da perda de diversos parentes próximos, que é descrito na mesma crônica citada acima, sentia-se seguro, como se não tivesse mais medo de gritar de frente e alto: “ – Eu sou um ex-covarde.”

A primeira vez que ele apareceu como reacionário foi em um debate com Vianinha, seu amigo, mas também um dos principais representantes do teatro engajado. A discussão foi travada nas páginas do semanário *Brasil em Marcha* no dia 7 de abril de 1961 - notemos, antes mesmo do golpe civil-militar. Trazendo para as páginas do jornal a grande efervescência cultural de esquerda que fora vivenciada durante a década de 1960, Nelson Rodrigues compartilhou da ideia de “hegemonia cultural de esquerda”,

³²³Crônica publicada originalmente no jornal *O Globo* em 18.10.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia. Novas Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 26.

³²⁴Para mais sobre: CASTRO, Ruy. Op. Cit, 1992.

cunhada por alguns intelectuais da época.³²⁵ A partir dessa concepção, sua crítica começava a surgir com força sobre os projetos culturais das esquerdas, principalmente no que concerne ao seu meio intelectual e artístico (imprensa e teatro). Nelson afirmava que maiores do que a frota da “Kibon”, os revolucionários burros despontavam em todas as esquinas:

“O revolucionário burro desponta, irresistivelmente, em todos os lugares, ao mesmo tempo. Nos velórios e nas rende-vous, nos batizados e nas retretas – esbarramos nessa presença numerosa e fatal (...)
 (...) O Brasil atravessa um instante muito divertido de sua história. Hoje em dia chamar um brasileiro de reacionário é pior do que xingar a mãe. Não há mais direita nem centro: - Só há esquerda neste país (...). Pois bem. Ao contrário de setenta milhões de patrícios, eu me sinto capaz de trepar numa mesa e anunciar gloriosamente: - Sou o único reacionário do Brasil! E com efeito agrada-me ser xingado de reacionário. É o que eu sou amigos, é o que eu sou. Por toda parte olham-me, apalpam-me, farejam-me como uma exceção vergonhosa. Meus colegas são todos, e ferozmente, revolucionários sanguinolentos.”³²⁶

A partir de uma grande ironia, Nelson se colocava como o único reacionário do Brasil. Seu exagero procurava ressaltar a presença cada vez maior das esquerdas no cenário cultural em que circulava. Em suas crônicas havia diversas referências a amigos seus que eram muito mais próximos de uma arte engajada, assim como de uma política mais voltada à esquerda. Por isso, é válido analisarmos algumas das *Confissões* que retratam esse debate político e cultural do período, compreendendo que se destaca nesse grupo de crônicas uma questão essencial para o presente capítulo: a valorização do indivíduo e da sua liberdade.

Partindo de um ideal romantizado da arte, defendendo-a numa concepção *pura*, ou seja, *a arte pela arte*, é que Nelson Rodrigues passou a criticar aqueles que defendiam uma função social ou política para essa arte. E, a partir desse ponto, a livre criação do artista ficaria restrita a uma funcionalidade imediata. Para o autor, a produção artística teria ficado para segundo plano ao reduzir a arte a ações meramente políticas. Sua crítica se voltava, sobretudo, para a nova geração de autores e diretores teatrais que perderam sua individualidade criativa, em nome de uma posição ideológica. Nelson chamava esses intelectuais de “vítimas do marxismo”³²⁷, principalmente no que

³²⁵SCHWARTZ, Roberto. *Cultura e política*. In.: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³²⁶Semanário *Brasil em Marcha*. Publicado no dia 7 de abril de 1961. p. 2.

³²⁷Enterrou seu romance como um sapo de macumba. *O Globo*. Rio de Janeiro: 11.08.1969.

tange o “marxismo intelectual”³²⁸, que priorizava o valor político muito mais do que a estética da obra.³²⁹

Portanto, sua discussão com Vianinha, nas páginas de *Brasil em Marcha*, trouxe uma crítica a esse projeto de teatro. Um processo que Nelson chamou de “a degradação do artista” diante da submissão do seu trabalho a projetos políticos³³⁰. Oduvaldo Viana Filho fez do seu teatro um instrumento de luta, transformando-o junto com a política num compromisso. Conhecido pela importância da sua dramaturgia, foi participante do teatro de Arena e um dos fundadores do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) e do teatro Opinião. Vianninha, como era popularmente conhecido, a partir da década de 1950 passou a utilizar seu teatro como forma de protesto, buscando despertar no público a indignação e crítica. Deste modo, acabava vinculando sua dramaturgia à militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB), restringindo sua liberdade criativa à ideologia política.

Em resposta a Nelson Rodrigues, no mesmo semanário, uma semana depois, Vianninha acusou o cronista de reacionário. Tomando como base a crítica de Nelson à peça *Pátria o Muerte*, escrita por Vianna em 1968, o dramaturgo se utilizou do mesmo tom irônico de Nelson para apontá-lo seriamente como reacionário, entendendo-o assim conforme o engajamento político e inteligente do cronista para criticar as esquerdas brasileiras.³³¹

Em formato de tréplica, encerrando o assunto, Nelson Rodrigues responde à acusação de Vianinha na mesma edição de 14 de abril de 1961:

“Então, no seu ressentimento, o Vianninha nega, de alto a baixo, o meu teatro. E por que nega? É simples: - porque eu não faço propaganda política, porque não engulo a arte sectária. Em suma: - o Vianninha queria que o ‘Boca de ouro’ parasse a peça e apresentasse um atestado de ideologia. Mas ele quer mais. Não basta o personagem. Exige também do autor o mesmo atestado. A minha vontade é perguntar ao Vianninha: ‘ó rapaz! Você é revolucionário ou tira?’”³³²

³²⁸Idem.

³²⁹Para esse debate político cultural ver RIDENTI, Marcelo. Canetas e Fuzis: intelectuais e artistas brasileiros nos anos 1960/1970. In.: ROLLAND, Denis e REIS, Daniel Aarão. *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

³³⁰É interessante notar que após um pensamento crítico sobre o seu trabalho, afirmou que o CPC estaria por diversas vezes imerso no sectarismo e na ingenuidade ao subordinar erroneamente o estético ao político. Em: PEIXOTO, Fernando. Cinco encontros com vianninha. In.: PEIXOTO, Fernando. (org.) *Vianninha. Teatro, televisão e política*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

³³¹VIANNA FILHO, Oduvaldo. Aves, galinhas e conselhos (carta a um avicultor). In.: PEIXOTO, Fernando (org.) Op. Cit. 1983.

³³²Drácula ou passarinho? RODRIGUES, Nelson. Em: VIANNA FILHO, Oduvaldo. Op. Cit. P. 88.

O diálogo travado procurava exemplificar uma crítica maior ao teatro brasileiro feita por Nelson. Dando continuidade à crítica que se iniciou no início da década de 1960, as *Confissões* também foram utilizadas para apontar o processo de degradação da dramaturgia brasileira sentida pelo cronista, denominando-a de o “antiteatro”. Os artistas, assim como os autores e diretores, esqueciam-se de criar. Transformando-se cada vez mais em seres coletivos, perdiam sua identidade, viviam num mundo massificado.

“Eu só convidei você, Cacilda! E a atriz: - ‘Eu não sou Cacilda. Sou a passeata!’ Lá estava Paulo Autran: - ‘Você, Paulo Autran, ao menos você, é Paulo Autran?’ Resposta: - ‘Sou uma assembléia!’ Ao lado, vi o Ferreira Gullar: - ‘Ferreira, diga, berre: eu sou Ferreira Gullar!’ Retruca: - ‘Eu sou um abaixo-assinado! Sou uma comissão de intelectuais!’ Em seguida, puxou um isqueiro e incendiou um exemplar de *A luta corporal*. Vozes repetiam: - ‘Sou um comício! Sou um panfleto! Sou a Classe!’ cada qual era ninguém. Olho aquelas caras. Todos tinham perdido a noção da própria identidade. Recuo apavorado. (...) A cabra veio sentar-se no meio-fio e começou a chorar.³³³”

Em meio a toda uma criação cênica, Nelson Rodrigues voltava às suas entrevistas imaginárias para representar a massificação da classe teatral ao ressaltar o valor que era atribuído à classe em detrimento da individualidade. Iniciou sua crônica procurando fazer uma entrevista com Cacilda Becker, que confirmou com o cronista, pelo telefone, a hora e local de praxe. Contudo, após sua chegada, vieram diversos outros artistas, diretores e poetas, representados simbolicamente por Paulo Autran e Ferreira Gullar, ligados à arte engajada. A referência ao primeiro livro de Gullar – *a luta corporal* – também buscava simbolizar o valor estético e artístico que Nelson dava ao poeta, que nesse contexto teria subordinado sua arte à política. Visto deste modo, o reconhecimento artístico que outrora tinha pelos nomes citados na crônica esvaiu-se em críticas, levando o autor a afirmar que “o teatro morreu com a politização”.

Ainda sobre essa questão teatral, vale a pena nos determos à crítica feita ao teatro de José Celso Martinez:

“Se bem entendi, as esquerdas querem chocar a plateia. É preciso que esta não fique, nas cadeiras, comendo pipocas. O bom teatro tem de ser de agressão. Muito bem, ótimo. Nada tenho a objetar. E

³³³O Antiteatro. *O Globo*. Rio de Janeiro: 25.07.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia. Novas Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 325.

fui ver, sábado, o *Rei da vela*, dirigido por meu caro e simpaticíssimo José Celso. Trata-se do grande diretor do momento.³³⁴,

Sendo uma das figuras mais destacadas do teatro engajado da década de 1960, o dramaturgo recebeu grande destaque como diretor, principalmente, a partir da peça “O rei da vela”, considerada de grande importância dentre as produções políticas feitas pelo teatro, devido o alcance crítico que conseguiu produzir.

Nelson foi ao teatro atrás de um “soco na cara”, mas, no fim, constatou o quanto o novo teatro o havia desmoralizado. Se o palavrão antes tinha todo um mistério, agora ele se tornava comum, não espantava mais. A plateia se sentia à vontade e, no final, ainda aplaudia aquelas cenas que foram criadas para horrorizar.

Vista com mais força sobre o teatro, a denúncia desse processo de politização da arte também perpassava a literatura. Nelson clamava em suas crônicas para os artistas voltarem a fazer romances e poesias. O próprio Gullar, presidente do Centro Popular de Cultura (CPC) e filiado ao PCB, assim como o romancista Antônio Callado e o jornalista Carlos Heitor Cony, eram os principais questionados em suas crônicas. Amigos seus de longa data, Nelson, na grande maioria das vezes, debochava das suas escolhas ideológicas. Callado, chamado de “*o doce radical*” pelo cronista, era lembrado por sua literatura engajada, embora Nelson Rodrigues fizesse questão de separar o amigo que outrora apresentava boa estilística e ricas metáforas do político Callado, ou melhor, do *anti-Callado*, como aparecia nas crônicas: “E sempre que o vejo fazer um julgamento político, tenho vontade de dizer-lhe: - ‘O senhor não é Callado coisa nenhuma! O senhor se finge de Callado! Retire-se, retire-se!’³³⁵”.

Do mesmo modo, Carlos Heitor Cony, jornalista e colaborador do jornal *Correio da Manhã* na década de 1960, escrevia em sua coluna artigos de conteúdo político crítico à ditadura, que também apareciam em seus livros de romance³³⁶. Contrário a essa produção politizada, Nelson afirmava em suas *Confissões*: “Cony me chamava de reacionário. Excelente Carlos Heitor. Quando deixar de fazer concessões às esquerdas,

³³⁴O Palavrão. *O Globo*. Rio de Janeiro: 31.01.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia. Novas Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 117.

³³⁵A insuportável delícia auditiva. *O Globo*. Rio de Janeiro: 13. 05. 1969. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Remador de Bem-Hur. Confissões culturais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 123.

³³⁶Um dos mais significativos livros de sua autoria que envolve as questões políticas da década de 1960 é *Pessach: A Travessia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

quando pensar literariamente e não politicamente os seus textos – fará a sua obra prima”³³⁷.

E, por esse posicionamento tomado por diversos intelectuais, Nelson novamente culpou o socialismo. Para ele, foi a partir da imposição autoritária de restringir e censurar a obra artística nos países socialistas que tivemos a “castração” da arte e a perda da liberdade do intelectual. Ao referir-se indiretamente ao “realismo socialista”, que usava a arte como instrumento para a política, aplicando-lhe o valor da funcionalidade, Nelson acusou o marxismo pela perda de uma grande geração de artistas e diretores brasileiros: “Eram individualidades fortes, criadoras, que não dão mais nada. Outro dia, afirmou-me um amigo: - ‘Todos são vítimas de Marx’. Dei-lhe certa razão. Dei-lhe certa razão. E, de fato, Marx tem feito mais vítimas que a fome”³³⁸.

O que ficava claro era que a “politização havia liquidado a literatura no país”. As posições ideológicas justificariam o aparecimento e a exaltação dos artistas que foram chamados pejorativamente por Nelson de “intelectuais de passeata” e, ao mesmo tempo, promoviam o que Nelson chamou de “terrorismo cultural”, ou seja, o veto e o silêncio que as esquerdas impuseram sobre os escritores “reacionários”, ou aqueles que não ligavam sua produção artística à esquerda. Para mais, vale a passagem de sua crônica em 11.10.1972, mostrando que essa questão esteve presente durante todo o tempo em que escreveu a coluna *Confissões*:

“Eis o que eu queria dizer: - o socialismo vermelho em lugar nenhum permite o grande artista, o grande escritor, ou um romance que tenha o rigor do ato literário puro. Pode-se dizer que, em toda parte, mesmo nos países não-socialistas, a maioria dos escritores sofre, à distância, a influência totalitária. Graças ao socialismo há o que se pode chamar de *intelectual invertebrado*.”³³⁹

Essa crítica à falta de individualidade não ficava só no campo da arte, ela perpassava as grandes manifestações contra a ditadura. Tendo como cenário principal a passeata dos cem mil, assim como as grandes manifestações que ocorriam no Rio de Janeiro, Nelson as representou como a grande massificação do homem. Ali, ninguém teria cara, nome, personalidade, individualidade, todos estariam reduzidos ao coletivo. Mais uma vez, em nome de um projeto político, reduzia-se o homem, escravizava-o

³³⁷O enterro fluvial. *O Globo*. Rio de Janeiro: 01.04.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio Ululante. Primeiras Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 190.

³³⁸Enterrou seu romance como um sapo de macumba. *O Globo*. Rio de Janeiro: 11.08.1969.

³³⁹Inteligência invertebrada. *O Globo*. Rio de Janeiro: 11.10.1972. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário. Memórias e Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 662.

numa ideologia e não reconhecia-o como indivíduo, dando voz a uma famosa frase sua: “a unanimidade é burra”.

Perdidos entre a multidão, artistas e intelectuais se reduziam a uma classe. Os homens perdiam o direito de discordar, passavam a andar em massas, perdendo sua condição de indivíduo pensante e criador. Diante toda essa “pobreza” humana, Nelson reclamava em suas crônicas principalmente contra o socialismo, que impedia o trabalho intelectual: “não existimos individualmente. Cada um de nós é uma classe, um sindicato, uma assembléia, uma passeata”.³⁴⁰

Podemos ainda expandir essa questão da defesa do indivíduo nas suas crônicas para as constantes defesas a favor de amigos seus perseguidos pelo governo brasileiro nos anos ditatoriais. É interessante acrescentar ainda, que embora Nelson Rodrigues tivesse suas posições políticas de direita, grande parte dos seus amigos eram contrários à ditadura e até mesmo militavam por diversos meios – jornalismo, teatro, poesia, literatura – com concepções de esquerda.

Dialogando com alguns dos intelectuais mais atuantes politicamente, ao mesmo tempo em que criticava as posições de esquerda, reconhecia a inteligência artística e intelectual que representavam. Por isso, apareciam em suas crônicas os clamores pela volta da arte e da literatura. Em ar de deboche, anunciava:

“Pelo amor de Deus, ninguém pense que eu esteja aqui fazendo uma restrição intelectual ao Zé Celso e ao Líbero. De modo algum. São inteligentes, modernos, revolucionários. Mas o mal reside precisamente em tais méritos, em tais virtudes. A inteligência está liquidando o teatro brasileiro. Daqui por diante, só darei uma peça minha ao diretor que provar a sua imbecilidade profunda³⁴¹”

Em meio às discussões calorosas expostas nas crônicas entre o autor e seus amigos, conhecemos algumas das posições políticas de Nelson, que, mesmo contrárias ao seu grande círculo social, constituído, sobretudo, por jornalistas e dramaturgos, se beneficiou do prestígio junto aos militares para sair em defesa de seus amigos.³⁴² Embora não apareçam referências sobre o assunto em suas crônicas, com exceção de crônica do

³⁴⁰O herói solitário. *O Globo*. Rio de Janeiro: 22.11.1969. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Remador de Bem-Hur. Confissões culturais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 155.

³⁴¹Eis o fato novo na vida brasileira: - o culto da imaturidade. *O Globo*. Rio de Janeiro: 16.05.1968. Em RODRIGUES, Nelson. *O óbvio ululante: As primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. p. 251.

³⁴²Nelson Rodrigues conseguiu localizar Angelina, militante da fração bolchevique Polop e filha de Oswaldo Pereira, seu amigo do jornal *Última Hora*. O jornalista também intercedeu por Ana Arruda, mulher de Antônio Callado, Augusto Boal, Hélio Pellegrino e Zuenir Ventura. Em CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. P. 396/397.

dia 18.03.1971 dedicada a Augusto Boal, por diversas vezes o leitor pôde acompanhar a relação do cronista com seus amigos mais próximos.

Contudo, se os conflitos ideológicos são relevantes em suas crônicas, eles não parecem interferir muito em suas amizades. Poucas vezes são relatados os desentendimentos que lhe geraram desconforto, na grande maioria das vezes apareciam através de ironia à posição de seus amigos. Callado, conforme já foi dito, era o “doce radical”; Vianninha, embora houvesse o “abismo ideológico”, caía nos seus braços quando se encontravam.³⁴³ O único que gerou crônicas em que demonstrou o seu descontentamento foi Hélio Pellegrino. Sem dúvida um dos personagens mais citados em suas crônicas, Pellegrino era dividido em dois: “Dirá alguém que estou apresentando a figura de um centauro. Exatamente. A metade do Hélio é o Hélio e a outra metade o anti-Hélio”.³⁴⁴ E o “anti-Hélio” acusava Nelson de reacionário e negava o jantar com o amigo, como foi relato em algumas de suas crônicas.

3.3 Meus senhores e minhas senhoras saibam que eu não sou exatamente um canalha

“Mas o anticomunismo impõe uma implacável vigilância. Não sei se me entendem. O que eu quero dizer é que o anticomunista não pode se parecer com o comunista.”³⁴⁵

A passagem acima, escrita em crônica de 1970 destaca a preocupação de Nelson frente os constantes atos de autoritarismo praticado pelo governo brasileiro. A referência à censura do Estado sobre a cultura era uma das poucas críticas à ditadura que apareciam na sua coluna. Era quando Nelson aproximava o autoritarismo da ditadura brasileira ao terrorismo do Estado soviético. Nota-se com isso, que mesmo saindo em defesa dos militares na grande maioria das crônicas, algumas críticas ao

³⁴³Querida quebrar a cara e não sabia de quem, nem por quê. *O Globo*. Rio de Janeiro: 22.05.1968. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio Ululante*. Primeiras Confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2007. P. 269.

³⁴⁴História de um amigo que não podia jantar com outro amigo. *O Globo*. Rio de Janeiro: 08.10.1968.

³⁴⁵Abomináveis obras completas de William Shakespeare. *O Globo*. Rio de Janeiro: 16.02.1970.

governo se fizeram presentes, mesmo que fossem poucas, espaçadas, não representando muito o conjunto das *confissões*.

Como vem sendo trabalhado no capítulo, a defesa das liberdades individuais foi uma constante em suas crônicas. Ao valorizar o direito de livre pensamento e expressão, assim como o direito à vida, vemos surgir um Nelson que, embora não cessasse suas críticas às esquerdas, também atacava os setores de direita, pois, segundo ele, se aproximavam cada vez mais do autoritarismo das esquerdas. Em tom irônico, escrevia:

“E, sem o saber, o pobre anticomunista age e reage como se fosse comunista; muitas vezes, chega a usar o vocabulário da esquerda totalitária. Mas isso ainda não é tudo. A meu ver, muito mais alarmante é a portaria do Ministro da Justiça e que o Diário Oficial já publicou. Trata-se da censura prévia de livros e periódicos, publicados em território brasileiro. Nenhum editor, distribuidor ou responsável poderá divulgar a publicação, enquanto a autoridade competente não a houver liberado. Diz a nossa imprensa, e com toda a razão, que isso não existe em nenhum país do Ocidente. Por outro lado, a chamada ‘verificação prévia’ é atribuída às autoridades policiais. Ora, a polícia tem funções precisas, que não incluem, de modo algum a crítica literária.³⁴⁶”

Por vezes chamado por seus opositores de anticomunista, Nelson procurou se diferenciar desse anticomunismo autoritário, que restringia a solidão do indivíduo, assim como sua dimensão criativa, que ofuscava a arte ao não reconhecer sua importância e singularidade. Mesmo criticando a arte engajada e revolucionária, praticada por muitos amigos seus, defendia a liberdade de criação, mesmo que a considerasse ruim. Sua crítica aos intelectuais e artistas engajados, que faziam de sua arte um instrumento da política, se restringiram no que considerou a perda da individualidade de criação a partir da “castração” intelectual do artista feita pelos regimes socialistas. Portanto, à medida em que o governo brasileiro se aproximava do que era a censura soviética, a crítica se fazia necessária.

Entretanto, reconhecia-se que a censura vinha muito antes dos militares, dando como exemplo as diversas peças suas que foram censuradas: “Nem todos se lembram de que não há um autor, em toda a história dramática brasileira, que tenha sido tão censurado quanto eu. Sofri sete interdições”³⁴⁷. Reclamava dos intelectuais que não lhe concediam nenhum lamento, pelo contrário, por vezes apoiavam suas interdições, como

³⁴⁶Idem.

³⁴⁷Os que propõe um banho de sangue. *O Globo*. Rio de Janeiro: 03.07.1970. Em: RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P. 340.

é o caso de Alceu Amoroso³⁴⁸. Mas, por outro lado, acusava o atual governo de praticar a censura, por vezes o levando a se aproximar do autoritarismo do stalinismo, principalmente após ter cometido atos de agressão contra os atores da peça *Roda Viva*, de José Celso. Marcando sua posição contra o ocorrido, Nelson declarou em *Confissão* de 1968:

“Se eu apoiasse qualquer ato de violência, da direita ou da esquerda, seria um canalha. Ao mesmo tempo, é meio humorística a situação de um escritor que, empostando a voz, limpando o pigarro e alçando a frente, anuncia para o seu público: - ‘Meus senhores e minhas senhoras, saibam que eu não sou exatamente um canalha’. (...)

Nunca ninguém verá um gesto meu, ou uma linha, a favor de qualquer terrorismo da esquerda ou da direita. Agora mesmo cometeu-se um crime contra o teatro brasileiro. Espancou-se a plateia, espancou-se o elenco. Despiram as atrizes. Uma delas estava grávida, e gritou a própria gravidez. Foi arrastada, pisada, chutada. Começou um Brasil nazi-stalinista.³⁴⁹”

Referindo-se ao episódio que ocorreu em São Paulo, quando o teatro Ruth Escobar foi invadido pela organização paramilitar Comando de Caça aos Comunistas (CCC) em 18 de julho de 1968, onde diversos integrantes da equipe foram espancados³⁵⁰, Nelson Rodrigues logo se solidarizou com o ocorrido, escrevendo sua crônica dias depois. Do mesmo modo, participou de diversas passeatas contra a censura praticada pelo governo.³⁵¹

No trecho acima é ressaltado que para o autor, o seu apoio ao regime se extinguia a partir do momento que os direitos individuais do homem fossem atingidos. Conquanto, de acordo com suas crônicas, somente no que concerne à censura, se ultrapassava esse limite, ignorando os demais atos do governo que cerceavam as liberdades do indivíduo, chegando a casos extremos como a tortura. Para o jornalista havia uma grande distância em defender e elogiar a presença dos militares no governo, conforme vimos no capítulo anterior, do seu apoio irrestrito às práticas autoritárias do governo.

³⁴⁸Ver crônica do dia 26.06.1968. Estava certo, maravilhosamente certo, de que só no Brasil há ladrões. *O Globo*. Rio de Janeiro.

³⁴⁹Em cada esquina um pequeno Stálin, ou um pequeno Hitler. *O Globo*. Rio de Janeiro: 24.07.1968.

³⁵⁰Ver RIDENTI, Marcelo. Op. Cit. Rio de Janeiro: Record, 2000. P. 157.

³⁵¹Nelson participou em 1968 da manifestação “Cultura contra censura”, na qual protestou contra as interdições de oito peças teatrais (nenhuma sua) e da suspensão da atriz Maria Fernanda. Em CASTRO, Ruy. Op. Cit. 1992. p. 370.

Como afirma Carlos Fico, a censura era para o regime mais uma questão de adequação do que uma criação, pois ela sempre existiu no Brasil através dos instrumentos reguladores. Seja por “leis de imprensa” ou por “atentados à moral e aos bons costumes”, sendo este o principal motivo pela censura sobre as peças de Nelson Rodrigues.³⁵²

Contudo, embora reconhecesse em suas crônicas a censura praticada pelo regime, ainda encontrava nos militares, sobretudo em Médici, a solução para o problema:

“Volto ao anticomunismo que se comporta, não raro, como o comunismo. Sabem vocês quem fez da cultura um ‘caso de polícia’? e fez do autor outro caso de polícia? A Rússia. (...) E queremos nós fazer uma imitação da Rússia? Seria, digamos, a morte literária do Brasil, a morte cultural do Brasil. (...) Mas o pior é o tipo de anticomunismo que cria entre o Brasil e a Rússia essa abominável semelhança. Todavia, pode haver uma reparação. Chegou a hora do estadista. E o estadista é aquele que tem a lucidez e a coragem de voltar atrás.”³⁵³

Sua constante exaltação ao ditador o eximia das práticas de censura que existiam no Brasil. O jornalista esperava por uma mudança do governo em relação à restrição cultural que estava sendo imposta pelo Estado, e depositava sua esperança sobre o general Médici.

Por outro lado, aparecia também nas crônicas a defesa a amigos seus que eram ligados à arte engajada. Augusto Boal, Hélio Pellegrino e Zuenir Ventura e homens ligados à militância de esquerda como Vladimir Palmeira, foram alguns dos nomes que apareceram nas *confissões*. Sendo valorizados na sua concepção humana, Nelson não lhes negou a liberdade individual, mesmo que esta levasse à valorização de uma criação diferente da sua. Marcado por um pensamento individualista, devido a sua confiança nos valores inalienáveis da pessoa humana³⁵⁴, Nelson saiu em defesa desses homens que, embora tivessem posições políticas contrárias às do autor, representavam a grandeza do indivíduo, principalmente pela qualidade artística e ou capacidade de liderança que exerciam diante das massas, como no caso de Palmeira. Mentindo descaradamente sobre a militância de seus amigos, buscava salvá-los da prisão:

³⁵²FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda. Em: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. Cit. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

³⁵³Abomináveis obras completas de William Shakespeare. *O Globo*. Rio de Janeiro: 16.02.1970.

³⁵⁴MAGALDI, Sábato. Op. Cit. São Paulo: perspectiva, 2010. P. 70.

“Perguntei ao colega que me deu a notícia: - ‘Preso. Augusto Boal?’ Ora, não somos amigos de um mês, ou dois. Somos íntimos há trinta anos. Exatamente trinta anos. Posso dizer que ao longo desses trinta anos só conversou comigo sobre teatro. Pode parecer inverossímil que dois sujeitos não mudem nunca de assunto. Mas repito: - era teatro e só teatro. Ou ele escreve ou dirige. E com se explica, então que esteja preso?
Se me perguntarem quais são as ideias políticas de Boal, responderei com outra pergunta: - ‘E ele as tem?’³⁵⁵”

Por outro lado, não deixava de afirmar a importância das Forças Armadas para o Brasil, mesmo que discordasse delas em alguns pontos, como aparece na crônica do dia seguinte:

“Cabe a pergunta: - se é tão inocente, como o prendem? Vejamos. Eu sou, como se sabe, de uma insuspeição total. Venho com a revolução desde o primeiro momento e antes do primeiro momento. Sim, muito antes do primeiro momento eu já achava que só as Forças armadas podiam salvar o Brasil. E de fato elas o salvaram. Portanto, é como revolucionário que estou dando o meu testemunho sobre um homem preso como subversivo. Repito: - o que faz o meu amigo? Sua vida é uma apaixonada meditação sobre o mistério teatral. Se é crime fazer teatro, então que o prendam. Se é crime estudar teatro – prendam-no. Porque ele não faz, nem fará jamais, outra coisa.³⁵⁶”

Augusto Boal é reconhecido pela sua intensa atividade no teatro de Arena, mas também por sua militância política, que fazia de muitas peças suas um instrumento para o protesto contra a ditadura. Preso em 1971, permaneceu sob interrogatórios durante, aproximadamente, três meses, quando então saiu do país em exílio. Durante esse tempo, Nelson escreveu as crônicas acima que enfatizaram um Boal afastado da política e preso sem motivo pela polícia. A afirmação de Nelson buscava mais que desvencilhar a política do teatro de Boal, o jornalista propôs ignorar a simpatia do teatrólogo pela política, que levou muitas de suas peças apoiarem até a luta armada.³⁵⁷ Podemos interpretar essa defesa desesperadora de Nelson pelo artista Boal, ao reconhecer sua capacidade de criação a partir de sua arte, mesmo que não concordasse com o conteúdo de suas peças.

Quanto ao caso de Vladimir Palmeira, mantendo uma profunda admiração pelo estudante, Nelson foi convidado pelo advogado de Vladimir para depor a seu favor quando este foi preso; no depoimento, Nelson disse que Vladimir era “moderado e

³⁵⁵Título não identificado. *O Globo*. Rio de Janeiro: 17.03.1971.

³⁵⁶O artista Augusto Boal. *O Globo*. Rio de Janeiro: 18.01.1971.

³⁵⁷SOUZA, Clara de Andrade. Exílio: memória ou esquecimento? Um olhar sobre Augusto Boal. Em: Revista Palimpsesto. Nº10. Ano 9. Rio de Janeiro:2010.

idealista”, que “sempre estivera contra o comunismo” e que “nunca tomara nem pregara atitudes extremistas”. Entretanto, isso não foi o suficiente para soltar o líder estudantil, pois no seu depoimento Vladimir fez um discurso pregando a luta armada³⁵⁸.

Podemos interpretar novamente a defesa à Palmeira por um viés ideológico que interpreta o homem a partir de sua capacidade de diferenciar-se. Longe de ser confundindo com a massa de estudantes que o cercava, Vladimir Palmeira ganhou grandes elogios de Nelson, como pudemos ver, justamente por permitir que sua individualidade lhe potencializasse como um grande homem.

Ao analisar suas crônicas durante todo o período em que foram escritas, ainda percebemos o quanto os nomes de seus amigos foram sumindo aos poucos da coluna. À medida que a ditadura ficava mais *escancarada*, Nelson pareceu ter o cuidado de não referir-se mais à militância política de seus companheiros.

A partir dos argumentos aqui expostos, procuramos ressaltar ao longo do capítulo o quanto a defesa das liberdades civis é abordada a todo tempo entre os principais temas de suas crônicas. Valorizava-se, sobretudo, a figura humana e sua dimensão individual, ligando-o, deste modo, à política liberal. Por outro lado, como já falamos os direitos políticos não eram valorizados, não apareciam críticas acerca do autoritarismo que era praticado na política brasileira.

³⁵⁸Citações retiradas de CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 380

Considerações Finais

Escolher pesquisar todo o conjunto de crônicas que formaram a coluna *Confissões* durante o período de 1967 a 1974 permitiu um maior aprofundamento na obra jornalística de Nelson Rodrigues, trazendo um novo enfoque para as suas crônicas ao compreendê-las, principalmente, dentro de um contexto político. Embora possua uma quantidade considerável de crônicas publicadas, optou-se por pesquisar também as que ficaram de fora da seleção justamente para procurar ao menos em parte, fugir da restrição que guiou o trabalho da grande maioria dos pesquisadores que trabalharam com a coluna.

Quando abordam o cronista na dimensão política, estas pesquisas tratam, sobretudo, de um personagem que é marcado pelo humor, assim como pela valorização do homem, compreendendo seu apoio ao regime civil-militar apenas a partir de uma ótica que sobrepõe a concepção de indivíduo de Nelson sobre suas escolhas políticas, deixando de valorizar sua coluna como um espaço de legitimação à ditadura.

“Um dia será necessário rever o epíteto de reacionário que o próprio Nelson se afixou. Na verdade, há muito de feroz ironia nesse qualificativo. Porque Nelson Rodrigues foi reacionário apenas na medida em que não aceitou a submissão do indivíduo a qualquer regime totalitário. Quando a pessoa humana for revalorizada, também desse ponto de vista ele será julgado revolucionário.”³⁵⁹

A passagem de Magaldi buscou exaltar um Nelson Rodrigues que somente seria taxado de reacionário por ser um defensor do indivíduo e neste caso se colocar contra um regime que coletivizava e restringia as liberdades como o socialismo, principalmente no período stalinista. Conquanto, suas defesas e constantes exaltações através de suas crônicas a um regime autoritário no Brasil ficariam de lado, como se não houvesse alternativas políticas para um homem que prezava pela liberdade humana.

Assim, a presente pesquisa procurou inserir as crônicas nas batalhas discursivas do período, entendendo o humor como um importante recurso para a construção de discursos políticos. Em um cenário de intensas disputas políticas e de batalhas

³⁵⁹MAGALDI, Sábato. Apud. MICHELS, Seleste. *O revolucionário reacionário*. Dissertação de mestrado em literatura brasileira, portuguesa e luso - africanas. Programa de pós-graduação em letras da UFRGS, 2008. p. 36.

ideológicas feitas por meio de discursos linguísticos, iconográficos e simbólicos, o autor representou uma esquerda brasileira caricata, beirando ao ridículo para, então, legitimar a presença de um governo salvador da pátria e dos valores morais.

Ao nos determos às crônicas, percebemos que até o fim Nelson manteve sua postura crítica às esquerdas brasileiras, assim como ao socialismo. Em nenhum momento cessou seus ataques, o que o tornou um dos principais intelectuais de combate aos grupos de esquerda, tendo com isso, seu nome facilmente ligado à direita. Como afirmou Zuenir Ventura em seu livro *1968 o ano que não terminou*, Nelson Rodrigues e Gustavo Corção pareciam ser os únicos representantes da direita³⁶⁰. Ou seja, é essencial considerar a importância que as crônicas assim como as declarações de Nelson Rodrigues tiveram para o período.

Ao ressaltar o Nelson em seu modo mais político, o anticomunismo ferrenho ficou ainda mais notório. Entretanto, o que se propôs foi mostrar não apenas o diálogo com a ditadura, mas a sua participação na construção da legitimação do regime a partir do conteúdo literário ricamente construído num jornal de grande circulação. Nelson tomou posição e desenrolou em suas crônicas diversos dos debates políticos e culturais, priorizando o discurso do governo e fazendo de sua coluna um espaço de combate às esquerdas.

Contudo, não buscando apenas ampliar seu debate com as esquerdas, o jornalista pretendia ridicularizá-las, assim como suas propostas políticas, o que o aproximou dos discursos do governo, principalmente ao retratar uma esquerda autoritária, antinacionalista e anticatólica. Embora gostasse de ser um polemista, utilizando-se de toda uma retórica marcada pelo cômico e exagero, utilizava-se desses recursos para expor sua posição política. Era, sim, uma convicção. Não tinha como objetivo apenas ganhar um público ou estabelecer uma divergência com as propostas das esquerdas, como algumas vezes foi interpretado. De acordo com Wilson Figueiredo, “a profissão de fé à direita, naquele momento, muito mais que convicção, exprimia a conveniência de ampliar diferenças com a esquerda. Era para consumo próprio o prazer de ficar contra a maioria”³⁶¹.

Se reduzirmos as opções políticas de Nelson apenas em termos de provocações, ignoramos o conteúdo político de suas crônicas, que junto à época, colaboravam para

³⁶⁰ VENTURA, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. P. 76.

³⁶¹ FIGUEIREDO, Wilson. Prefácio no terreno baldio. Em: RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia: Novas Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

um discurso de otimismo do governo ao mesmo tempo em que desqualificava as opções das esquerdas, vistas com aversão por significativas parcelas da sociedade. Passariam despercebidas as exaltações a Médici, e o porquê delas, assim como as críticas a Dom Hélder Câmara e Alceu Amoroso Lima, por exemplo, reduzindo ao cômico a importância política desses intelectuais.

Um dos objetivos do trabalho foi, portanto, ao menos apontar para esse Nelson político, sempre tratado com restrição. Seu reacionarismo não é colocado para além do irônico.

Embora se reconheça na pesquisa a importância do indivíduo para Nelson, compreende-se também que seu apoio à ditadura no Brasil vfoi além e estabeleceu contradições, principalmente no que tange à discussão acerca do estabelecimento da tortura no país, como vimos. Ao se referir ao autoritarismo do governo brasileiro sua crítica não se prolongava como acontecia com as crônicas de crítica ao socialismo.

Portanto, ao inserir as crônicas do jornalista num cenário de intensas disputas políticas, que perpassam o caráter discursivo com que eram construídos os argumentos de ataque e defesa de ambos os lados, a pesquisa propôs refletir sobre o político anticomunista Nelson Rodrigues a partir de sua coluna *Confissões*.

Referências Bibliográficas

Fontes:

Os periódicos abaixo se encontram disponíveis na Biblioteca Nacional

O Globo (coluna Confissões) - (1967-1974)

Brasil em Marcha - (1961)

Sites:

www.nelsonrodrigues.com.br

Obras de Nelson Rodrigues:

RODRIGUES, Nelson. *A Cabra Vadia: Novas Confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

RODRIGUES, Nelson. *O Reacionário: memórias e confissões*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio Ululante. As primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

RODRIGUES, Nelson. *Memórias: A Menina sem Estrela*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

RODRIGUES, Nelson. *O Remador de Ben-Hur: Confissões Culturais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, Nelson. O Sórdido. Em: *A vida como ela é – o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RODRIGUES, Nelson. O Casamento. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

Obras sobre Nelson Rodrigues:

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. *A obsessão da pureza: um ensaio sobre arte e moralidade em Nelson Rodrigues*. In.: RAMOS, Alcides F.; PEIXOTO, Fernando e PATRIOTA, Rosângela (org.) *A História invade a cena*. São Paulo: Hucitec, 2008.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COSTA, Tiago Leite. *Confissões/ficções de Nelson Rodrigues*. Dissertação de mestrado em comunicação social. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 2007.

FACINA, Adriana. *Santos e Canalhas. Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

- FISCHER, Luís Augusto. *Inteligência com dor: Nelson Rodrigues ensaísta*. Porto Alegre: Arquipélago, 2009.
- GUSMÃO, Henrique Buarque. *Um poeta reacionário em luta contra o processo de humanização*. Artigo publicado nos anais do XIII encontro de História Anpuh – Rio, 2008.
- GUSMÃO, Henrique Buarque de. *Nelson Rodrigues leitor de Gilberto Freyre: O projeto teatral rodrigueano em aliança com a sociologia freyreana*. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, nº 1, p. 89-112, jan./abril de 2008.
- LOPES, Ângela Leite. *Nelson Rodrigues: trágico então moderno*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Tempo brasileiro, 1993.
- MAGALDI, Sábato. *Nelson Rodrigues. Dramaturgia e encenações*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MICHELS, Selest. *O revolucionário reacionário*. Dissertação de mestrado em literatura brasileira, portuguesa e luso - africanas. Programa de pós-graduação em letras da UFRGS, 2008.
- PEREIRA, Victor Hugo Adler. *Nelson Rodrigues e a obscena contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- PORTO, Marcelo Duarte. *Da canalhice à redenção: Nelson Rodrigues e o supereu brasileiro*. Tese de doutorado apresentada para o programa de psicologia clínica e cultura. Brasília: UnB, 2008.
- RODRIGUES, Sonia. (org.) *Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- SOUZA, Marcos Francisco Pedrosa Sá Freire. *Nelson Rodrigues: inventário ilustrado e recepção crítica comentada dos escritos do anjo pornográfico*. Tese de doutorado em Literatura comparada. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- SUSSEKIND, Flora. *Nelson Rodrigues e o fundo falso*. In.: I Concurso nacional de Monografias 1976. Brasília: MEC, 1981.
- VANNUCI, Karine Claussen. *O jornalismo de Nelson Rodrigues*. Dissertação de mestrado em comunicação, Niterói: UFF, 2004

Obras Gerais:

ABREU, Alzira Alves de.; BELOCH, Israel; LAMARÃO, Sérgio; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; (org.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro. 1930-2000*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ARAÚJO, Maria Paula e FICO, Carlos (orgs) *1968: 40 anos depois, história e memória*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

AZEVEDO, C.; ROLLEMBERG, D.; KNAUSS, P.; BICALHO, M. F.; QUADRAT, S. (orgs.) *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

BARROS, José D`Assunção. *O projeto de pesquisa em história*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BENEVIDES, Maria Victória. *A UDN e o udenismo. Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1981.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In.: SIRINELLI, Jean François e RIOUX, Jean Pierre. *Para uma história cultural*. Lisboa: editorial Estampa, 1998.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfrancesco. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 2001.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte. Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____; ROSENFELD, A.; PRADO, D.; GOMES, Paulo E. S. e GUINSBURG, J. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARDOSO, Fernando Henrique. Um livro perene. In.: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Global, 2006.

CARDOSO, Irene. *A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança*. In.: Revista Tempo Social, revista de sociologia da USP, vol. 17, nº 2, novembro/ 2005.

- CARVALHO, Mario César. Céu & inferno de Gilberto Freyre. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 mar. 2000.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de Afonso M. e NEVES, Margarida de Souza (orgs.) *História em cousas miúdas*. São Paulo: Unicamp, 2005.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de Afonso M. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, Roger. *História e Literatura*. In.: Revista Topoi, Rio de Janeiro, nº 1.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. GALHARDO, Maria Manuela (trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CORDEIRO, Janaína. *A nação que salvou a si mesma: Entre memória e História, a campanha da mulher pela democracia (1962-1974)*. Dissertação de mestrado em História. Niterói: UFF, 2008.
- COSTA, Marcelo Timotheo da. *Um Itinerário no século: Mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. 1964: temporalidades e interpretações. In.: REIS FILHO, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004.
- DELGADO, Lucilia de A. N. e PASSOS, Mauro. Catolicismo: Direitos Sociais e direitos humanos. In.: DELGADO, Lucilia de A. N. e FERREIRA, Jorge (orgs.). *O Brasil Republicano vol. 4. O tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- DREIFUSS, René. *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ENGEL, Magali Gouveia; ANGELIN, Daniel Moraes; ALEMIDA, Leandro Rosseti de; PADILHA, Leonardo Ayres (orgs.). *Crônicas cariocas e ensino da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FERRARINI, Sebastião Antônio. *A imprensa e o Arcebispo vermelho*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O tempo da ditadura V. 4*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FICO, Carlos. *Além do Golpe: Versões e Controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda. Em: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. Cit. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FIGUEIREDO, Argelina. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FONTES, Virgínia Maria. *A propósito de democracia, de paradoxos e de reflexão histórica. À margem*, v.2, p. 5-13, 1993.

BETTO, Frei. *Batismo de Sangue: Guerrilha e morte de Carlos Marighela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

GARCIA, Marco Aurélio e VIEIRA, Maria Alice (org.). *Rebeldes e contestadores*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPAROTTO, Alessandra. *“O terror renegado: uma reflexão sobre os episódios de retratação pública protagonizados por integrantes de organizações de combate à Ditadura civil-militar no Brasil (1970-1975)”*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. *História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões*. In: IN: SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. Política, história, ciência, cultura etc. In.: *Estudos Históricos – Historiografia*, Rio de Janeiro, v. 9, nº 17, 1996.

GOMES, Ângela de Castro. Na antecâmara do golpe. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. Apuh/ Marco Zero, v.14 nº 27, 1994. PP.213-21.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.

GRINBERG, Lucia. *Partido Político ou bode expiatório. Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (1965-1979)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

- GRINBERG, Lucia. Adauto Lúcio Cardoso, da UDN à ARENA. In: KUSHNIR, Beatriz (org.). *Perfis cruzados, trajetórias e militância política no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2002. pp. 245 – 259.
- _____. O jornalismo político de Carlos Castello Branco: imprensa e engajamento. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. e GONÇALVES, Marcos ^a *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LAMOUNIER, Bolívar. O Brasil autoritário revisitado: o impacto das eleições sobre a abertura. In: STEPAN, Alfred. *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LAMOUNIER, Bolívar. Representação Política: a importância de certos formalismos. In: Lamounier, B. (Org.) *Direito, cidadania e participação*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981; KINZO, Maria Dalva Gil. *Oposição e autoritarismo*. Gênese e trajetória do MDB. São Paulo: Idesp/ Vértice, 1988.
- LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- LEHMANN, David. Gilberto Freyre: A reavaliação prossegue. In.: *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre. Ano 14. Nº 29. P. 369-385. Jan – Jun. 2008.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp, 2003.
- LINS, Ronaldo Lima. *O teatro de Nelson Rodrigues: uma realidade em agonia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- LOWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: O cristianismo da libertação. In.: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MELLO, Caroline Rippe. Roberto Campos, uma vida rumo a liberdade e a solidão. *Revista Estudos pela Liberdade*. Número 1. Ano 1. Abril de 2011 pp.67-81.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda*. In.: ArtCultura, Uberlândia, v. 9 nº 15, 2007.
- MIYAMOTO, Shiguenoli e GONÇALVES, Williams da Silva. *Os militares na política externa brasileira 1964-1985*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: V. 6, nº12, 1993.
- NEVES, Margarida de Souza. *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*. In.: CÂNDIDO, Antônio. Op. Cit, 1992.

- PAULLA, Christiane Jales de. Consagração e deslegitimação: Gustavo Corção na crônica brasileira. Em: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, UFPE, Recife, 2007.
- PEIXOTO, Fernando. (org.) *Vianninha. Teatro, televisão e política*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PALMEIRA, Vladimir e DIRCEU, José. *Abaixo a ditadura*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo: Garamond, 1998.
- PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: Entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997.
- POLLACK, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos históricos*, vol.5, nº 10, 1992.
- PRESSOT, Aline Alves. *As marchas da família com Deus pela liberdade e o golpe de 1964*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- PROST, Antoine. As Palavras. In.: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. (org.) *Versões e ficções: o sequestro da história*. São Paulo: Perseu Abramo, 1997.
- REIS, Daniel Aarão. *Ditadura, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. (org.) *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.
- _____ e MORAES, Pedro de. *68: a paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- REIS, Elisa Pereira. Sobre a cidadania. In.: *Processos e escolhas: estudos de sociologia política*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.
- RIOUX, Jean – PIERRE e SIRINELLI, Jean François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 2010.
- RIDENTI, Marcelo. Canetas e Fuzis: intelectuais e artistas brasileiros nos anos 1960/1970. In.: ROLLAND, Denis e REIS, Daniel Aarão. *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

- ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: Entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- ROLLEMBERG, Denise. *História, memória e verdade: Em busca do universo dos homens*. Cecília MacDowell Santos; Édson Luís de Almeida Teles; Janaína de Almeida Teles (orgs.) *Desarquivando a Ditadura: Memória e Justiça no Brasil. Vol. 2*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- ROLLEMBERG, Denise. *A ditadura civil-militar em tempo de radicalização e barbárie (1968-1974)* In.: Francisco Carlos Palomanes Martinho (org.). *Democracia e Ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.
- ROLLEMBERG, Denise. *Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem Amado de Dias Gomes*. In.: AZEVEDO, C.; ROLLEMBERG, D.; KNAUSS, P.; BICALHO, M. F.; QUADRAT, S. (orgs.) *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- ROLLEMBERG, Denise. *Esquerdas revolucionárias e luta armada*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida N. (org.) *O Brasil Republicano. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.
- ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (orgs.) *A construção social dos regimes autoritários*. Brasil e América latina. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.
- SALES, Jean Rodrigues. *Da luta armada ao governo Lula: a história do Partido Comunista do Brasil (PC do B)*. In.: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia 1964...*Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- SCHWARTZ, Roberto. *Cultura e política*. In.: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra: Bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SERBIN, Keneeth P. *O pai do catolicismo progressista brasileiro*. In: *Revista Espaço acadêmico*. Nº 93, Fevereiro de 2009.
- SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In.: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- SOUZA, Clara de Andrade. *Exílio: memória ou esquecimento? Um olhar sobre Augusto Boal*. Em: *Revista Palimpsesto*. Nº10. Ano 9. Rio de Janeiro: 2010.
- VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: 1988.
- ZAPPA, Regina e SOTTO, Ernesto. *1968: eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.